



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA I E S A



HELLEN CRISTINA DOS SANTOS



A COMUNIDADE CAMPONESA DO SALGADO NO CONTEXTO DA
TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL EM QUIRINÓPOLIS-GO

Goiânia - Goiás
2012

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Hellen Cristina dos Santos		
E-mail:	crishellenn@yahoo.com.br		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor	Professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado de Goiás.		
Agência de fomento:	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ:
Título:	A Comunidade Camponesa do Salgado no contexto da territorialização do capital em Quirinópolis – GO.		
Palavras-chave:	Comunidade do Salgado. Território. Conhecimentos Biotecnológicos. Saberes Tradicionais		
Título em outra língua:	The peasant Community Salgado in the context of the territorial capital in Quirinópolis - GO.		
Palavras-chave em outra língua:	Community of Salgado. Territory. Biotechnological knowledge. Traditional knowledge.		
Área de concentração:	Natureza e produção do espaço		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	10/12/2012		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pesquisa e Pós-graduação do Instituto de Estudos Sócio Ambientais.		
Orientador (a):	Prof. Dr. Manoel Calaça		
E-mail:	manoelcalaca.geo.ufg@gmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

HELLEN CRISTINA DOS SANTOS

A COMUNIDADE CAMPONESA DO SALGADO NO CONTEXTO DA
TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL EM QUIRINÓPOLIS-GO

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais- IESA da Universidade Federal de Goiás – UFG.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Calça

Goiânia - Goiás
2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

S237c Santos, Hellen Cristina dos.
A comunidade camponesa do salgado no contexto da territorialização do capital em Quirinópolis-Go [manuscrito] : / Hellen Cristina dos Santos. - 2012.
13, 128 f.: il., figs, tabs, mapas, gráficos.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Calaça
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás,
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais /IESA, 2012.
Bibliografia.

Inclui lista de figuras, gráficos, mapas, tabelas e apêndices.

1. Territorização – Quirinópolis (GO) 2. Comunidade Salgado – Quirinópolis (GO) 3. Agrobiodiversidade 4. Cerrado – Uso I. Título..

CDU: 913:574.1(817.3)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



HELLEN CRISTINA DOS SANTOS

A COMUNIDADE CAMPONESA DO SALGADO NO CONTEXTO DA
TERRITORIALIZAÇÃO DO CAPITAL EM QUIRINÓPOLIS-GO

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás para a obtenção do título de Mestre em Geografia, defendida no dia 10 de dezembro de 2012 diante da banca examinadora constituída pelos seguintes professores: Prof. Dr. Manoel Calaça (Presidente / IESA – UFG); Prof^ª. Dr^a Roseli Alves dos Santos (Membro externo / Unioeste – PR. Campus Francisco Beltrão); Prof^ª. Dr. Alexsander José Prudêncio Ratts (Membro interno / IESA – UFG)

Goiânia
2012

DEDICATÓRIA

À Deus, amado da minha alma, pelo amor incondicional. À ele toda honra e toda glória.

Aos meus pais, pelo amor, carinho e dedicação durante toda minha vida acadêmica. À eles minha admiração e gratidão eterna.

Aos meus irmãos, Flávia e Lucas, pelo apoio e compreensão dispensados a mim.

Aos meus sobrinhos amados que me dão tanta alegria, eles me dão sorrisos que me fazem acreditar no futuro e que me enchem de esperança.

Aos meus avós, pelo amor incondicional e pelas orações.

Ao meu companheiro, Valteli Jacob, por ter me dado tantas alegrias, pela presença agradável e pelo amor que temos nutrido.

À todos os amigos e parentes mais próximos que compreenderam meu cotidiano diaspórico. Em especial, Elieth de Souza, Tia Rosa e Tia Mercês, e minha cunhada Wanessa.

Ao Prof. Dr. Manoel Calaça, pela dedicação, pelas instruções valiosas e pelos prazerosos momentos de orientação.

À todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuem para minha formação e acredita no meu projeto de vida.

AGRADECIMENTOS

No início da realização desse projeto, tive a certeza de que um grande desafio estava pela frente. Os anos na graduação me ajudaram a construir a base acadêmica de que precisava para partir para outra etapa mais instigadora, no entanto, eu sabia que várias barreiras teriam que ser ultrapassadas. No momento da aprovação fiquei bastante emocionada, feliz e com um sentimento de insegurança, devido a engenhosidade da obra que seria realizada. Para tal, eu sabia que iria precisar de pessoas que seriam coadjuvantes na autoria e parceiros na caminhada. Eu as encontrei. Por isso, reservo esse momento para expressar meus sinceros agradecimentos e apresso por elas.

Em primeiríssimo lugar, agradeço a meu precioso Deus, não tenho palavras suficientes para expressar o quanto o amo, porque dele, por ele e para ele são todas as coisas. Ele me capacita e me inspira em todos os instantes da vida que ele me deu. Agradeço aos meus pais, Sebastião e Juvercy, por ter me embalado desde o nascimento em braços de amor incondicional, por ter me ensinado a lutar, a ter garra, a ser forte, por acreditarem na minha capacidade, por me ajudar e incentivar a buscar o melhor que a vida pode me oferecer. Amo vocês.

Agradeço também, aos meus irmãos Lucas e Flávia, amores da minha vida pela compreensão nos momentos de ausência, pelo respeito e dedicação, eles são parte de mim. Aos meus sobrinhos Isabela Cristine, Lucas Filho, Eduardo Filho e Heloíza Araújo o amor que sinto por eles ultrapassa os limites do meu coração, e a minha cunhada Wanessa a quem admiro e respeito. Aos meus parentes, em especial, tias Rosa e Mercês, por tudo que elas sempre fazem por mim, pelo amor incondicional, pela dedicação, pelo cuidado, são para mim exemplos de força e integridade. Ao tio Ismael, tio Carlos, tia Edvânia, tia Aline, tio Francisco, tio Saulo, e aos meus avós Helena, Jandir, Maria e Vicente, por ter compreendido minha ausência e pelo respeito e dedicação dispensados a mim. Essas pessoas fazem parte dessa história e da minha vida, sou grata pelo amor e compreensão nessa caminhada.

Agradeço ao meu companheiro, Valteli Jacob, pelo amor empreendido, pela compreensão e motivação e pelo acréscimo de amor, carinho e amizade.

Com muita admiração e respeito, agradeço ao Professor Manoel Calaça, acima de tudo, ficou um amigo, um parceiro intelectual e acadêmico. Ele nos ensina a tratar a vida e as pessoas com mais suavidade e que a simplicidade media as relações saudáveis. Mestre, obrigada por ter me ensinado tanto.

Alguns amigos fazem toda a diferença em nossas vidas, por isso sinto prazer em

mencioná-los aqui. De forma muito especial agradeço a Elieth de Sousa, minha grande amiga, a quem dedico muito amor, respeito e admiração, por tudo que passamos juntas, pela parceria, pela amizade sincera, pela compreensão e cumplicidade, estaremos juntas até o fim. À Sirlene Caetano, Adriane Rios, Maria de Jesus, agradeço a amizade sincera e verdadeira e pelas orações, vocês são presentes de Deus pra mim. À Nilsa Pimentel, Kélita Mariana, Keila e Maristela pela amizade e pelas orações. À Elizeth, Réuvia de Oliveira e Lígia Mara, pela presença doce e amiga, pela motivação e pelos momentos alegres.

Ao Professor Ivanilton José de Oliveira, por ser tão brilhante e encantador. Por ter me presenteado com tantos momentos de conversas prazerosas, humoradas, é um amigo para o resto da vida. Aos professores Eguimar Felício, Ronan Borges, Lana Cavalcanti, Romualdo Pessoa, Alex Ratts, Celene Cunha, por ter contribuído de forma imensurável na minha formação. Agradeço também, aos colegas Lara Cristine, Rosana Borges, Angelita, Helsio Azevedo, e os outros que compartilharam a dor e a delícia dessa formação.

Agradeço a Gilberto Celestino, Sueli e Rafael, por ter me hospedado em Quirinópolis em quatro trabalhos de campo, obrigada pelo cuidado, e pela hospitalidade.

Com muita satisfação agradeço aos sujeitos da pesquisa que abriram suas portas, pessoas simples, experimentadas no trabalho, não mediram esforços e me ajudaram a compor essa obra. Aos moradores da Comunidade do Salgado, aos que trabalham nas Cooperativas Agrovale e Casa da Abelha, ao Chico Floresta, Ivandro, técnico Hugo, dentre outros, o meu muito obrigada. Agradeço em especial a Maria da Glória, seu esposo e filhos, e a Ivani e João Carlos, por ter me acolhido em suas casas com tanto zelo e carinho.

Agradeço a Universidade Federal de Goiás e ao Programa de Pesquisa e pós-graduação em Geografia pela oportunidade de fazer esse curso, por ter atendido as minhas solicitações, em especial, o transporte para os trabalhos de campo.

Sou muito grata a CAPES, por ter me contemplado com a bolsa de mestrado durante dois anos, tal financiamento possibilitou maior tranquilidade durante a pesquisa.

Enfim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desse trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa analisou a Comunidade do Salgado, município de Quirinópolis-GO, no contexto das disputas territoriais resultantes do processo de Territorialização do Capital. O resultado enfatizou as dinâmicas territoriais, o uso dos conhecimentos biotecnológicos na produção de leite e sua interferência nos saberes tradicionais dos camponeses do Salgado, na Agrobiodiversidade e nos saberes dos sujeitos que atuam nela, e por fim ela aponta elementos que indicam o poder de resistência da comunidade frente às ações implementadas pelos atores hegemônicos envolvidos na Territorialização do Capital em Quirinópolis. A incorporação de conhecimentos biotecnológicos na produção constitui-se em alternativa para a permanência do camponês em sua propriedade, ressignificando os seus saberes tradicionais. Esta pesquisa se insere no contexto de um esforço do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia Agrária e Dinâmicas Territoriais – NEPAT, em elaborar uma proposta de abordagem territorial do Cerrado, que busca compreender a inserção dos diferentes atores nas disputas territoriais. Compreender o cerrado, como território, em suas múltiplas faces exige análise da complexidade das ações empreendidas pelos atores e territoriais nas últimas décadas. A pesquisa é qualitativa, realizada pelo viés do estudo de caso. Para obtenção dos dados foram utilizados fontes secundárias e levantamento de campo em cinco visitas à comunidade; resultou destas, elementos que possibilitaram a compreensão das ações dos diferentes atores que atuam direta ou indiretamente na comunidade, dentre eles, as usinas instaladas no município, que representam os atores hegemônicos; as cooperativas e empresas, que representam os atores regionais e os atores locais, representados pelas lideranças da comunidade e o poder público municipal. A Comunidade do Salgado ainda não foi incorporada à produção de cana-de-açúcar para o setor sucroalcooleiro, devido ao seu relevo um pouco mais acidentado e as suas condições pedológicas, mas está envolvida pelas ações do setor Sucroalcooleiro, o que vem ocasionando mudanças nos modos de vida dos produtores. Dentre essas mudanças, estão os problemas como a diminuição do nível da água dos rios, a deterioração das estradas usadas para o escoamento da produção, o desmatamento, a perda de biodiversidade, a falta de mão-de-obra que está concentrada nas lavouras de cana e nas indústrias do setor sucroalcooleiro, a perda da quantidade de alunos da escola, a falta de apoio político. Ressalta-se também os danos causados pela utilização dos venenos no combate às pragas nos canaviais, eles atingem a comunidade afetando o gado, o pasto e a qualidade de vida dos moradores. Outra questão relevante foi o surgimento da mosca do estábulo, que se prolifera nos canaviais em razão da utilização da vinhaça para adubação, daí infesta o gado da comunidade, provocando irritação, mastite, emagrecimento e em consequência redução da produção de leite. Os fatores apresentados no decorrer do texto reforçam as questões atuais que envolvem o uso do cerrado. As disputas territoriais intensificadas pelo jogo da economia global e mediadas por diversos atores encontram resistências nas comunidades locais, na medida em que essas retomam suas ações para inovação de suas práticas e fortalecimento de suas relações.

Palavras-chave: Comunidade do Salgado. Território. Conhecimentos Biotecnológicos. Saberes Tradicionais

ABSTRACT

This research analyzes the Community of Salt municipality Quirinópolis-GO, in the context of territorial disputes resulting from the process of Territorialization Capital. The result emphasized territorial dynamics, the use of biotechnological knowledge in the production of milk and its interference with the traditional knowledge of farmers Salgado, Agrobiodiversity and knowledge in the subjects who work in it, and finally she points out elements that indicate the power of resistance community in the face of actions taken by hegemonic actors involved in the Capital on Territorialization Quirinópolis. The incorporation of knowledge on biotech production constitutes an alternative to the permanence of the peasant on his estate, giving new meaning to their traditional knowledge. This research fits into the context of an effort by the Center for Studies and Research in Agricultural Geography and Territorial Dynamics - NEPAT in draft a territorial approach Cerrado, which seeks to understand the integration of different actors in territorial disputes. Understanding the cerrado, as territory, in all its facets requires analysis of the complexity of the actions taken by the actors and territorial decades. The qualitative research is conducted by the bias of the case study. To obtain the data were used secondary sources and field surveys in five visits to the community; resulted from these elements that provided an understanding of the actions of the different actors involved directly or indirectly in the community, among them, the plants installed in the city, representing the hegemonic actors, companies and cooperatives, which represent the regional actors and local actors, represented by the leaders of the community and municipal government. The Community of Salgado has not yet been incorporated into the production of cane sugar for the sugar and alcohol sector, due to its emphasis a bit more rugged and its soil conditions, but is engaged by the actions of the Ethanol industry, which is leading to changes in livelihoods of producers. Among these changes are the problems such as the decrease of the water level of the rivers, the deterioration of the roads used for the transportation of production, deforestation, biodiversity loss, lack of skilled labor that is concentrated in crops and sugarcane industries of this sector, the loss of the amount of students in the school, the lack of political support. We also emphasize the damage caused by the use of poisons in ace combat pests in the cane fields, they reach the community affecting cattle, pasture and quality of life of residents. Another important issue was the emergence of the stable fly, which proliferates in the cane fields because of the use of vinasse for fertilization, hence infests cattle community, causing irritation, mastitis, weight loss and consequently reduction of milk production. The factors presented throughout the text reinforce the current issues surrounding the use of the cerrado. Territorial disputes intensified by the game's global economy and mediated by several actors encounter resistance in local communities, to the extent that these shares to resume their innovation practices and strengthen their relationships.

Keywords: Community of Salgado. Territory. Biotechnological knowledge. Traditional knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Foto 01	Igreja Católica da comunidade do Salgado, município de Quirinópolis-GO	30
Foto 02	Escola Municipal Rural Custódio Antônio Cabral	31
Foto 03	Pai e filho trabalhando no manejo do pasto	33
Foto 04	Centro de Esporte e Lazer	34
Foto 05	Sede da ACOOPS	34
Foto 06	Tanques de Expansão utilizados no armazenamento do leite. Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO.	35
Foto 07	Trator administrado pela associação, arando a terra.	35
Foto 08	Vegetação da Comunidade do Salgado – Cerrado Stricto Sensu.	36
Croqui 1	Croqui que mostra um panorama geral da Comunidade do Salgado. Foi elaborado pela autora com colaboração de três moradores	37
Foto 09	Fotografia de casa feita de madeira	38
Foto 10	Casa feita de alvenaria	39
Foto 11	Uso da carroça como meio de transporte	40
Foto 12	Tacho utilizado em fogão caipira	40
Foto 13	Horta para uso doméstico	41
Foto 14	Cultivo de frutas e criação de galinhas	41
Foto 15	Presença de moto e carro na comunidade	42
Foto 16	Uso do cavalo para transporte do leite	42
Foto 17	Plantação de banana associada a espécies nativas do cerrado.	43
Foto 18	Espécie típica da biodiversidade do cerrado / Arara Canindé	44
Foto 19	Bacuri espécie de palmeira típica da biodiversidade do cerrado	44
Foto 20	Sede da Casa da Abelha	84
Foto 21	Caminhão da Perdigão fazendo a coleta do leite	86
Foto 22	Veterinária da Casa da Abelha, palestrando sobre as formas adequadas do manejo do canavial.	87
Foto 23	Veterinária ensinando sobre a textura da cana e a quantidade correta para alimentar o gado.	87
Foto 24	Massa da mandioca separando-se da água.	88

Foto 25	Fécula de mandioca secando para produção de polvilho	89
Foto 26	Lavoura de cana há 10km, da Comunidade do Salgado	92
Foto 27	Caminhões fazendo carregamento de cana-de-açúcar há cerca de 16KM da comunidade	92
Foto 28	Agrobiodiversidade produzida em propriedade camponesa na comunidade do Salgado	101
Foto 29	Mostra uma diferenciação espacial da agrobiodiversidade. A associação de diferentes espécies é resultado da ação dos indivíduos	102
Foto 30	Vacinação do gado por técnico em agropecuária, na Comunidade do Salgado	106
Foto 31	Técnico em agropecuária cuidando de uma inflamação no umbigo de um bezerro, em uma propriedade da Comunidade do Salgado	106
Foto 32	Manejo da cana-de-açúcar que será usada pelos produtores na alimentação do gado	107
Foto 33	Cana-de-açúcar sendo triturada para alimentar o gado	108
Foto 34	Bovino infestado por mosca-da-vinhaça	115
Foto 35	Marco para instalação dos trilhos da Ferrovia Norte-Sul	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Grau de satisfação dos moradores com o lugar – Comunidade do Salgado, Quirinópolis – GO	28
Gráfico 02	Mostra a evolução do Produto Interno Bruto – Per Capita / 2004-2009, Quirinópolis - GO	67
Gráfico 03	Evolução dos empregos formais, 2003 – 2010 / Quirinópolis – GO	70
Gráfico 04	Produção de leite (mil L) / 2004 – 2010, Quirinópolis – GO	72
Gráfico 05	Relação do poder público com a Comunidade do Salgado	111
Gráfico 06	Produtores Associados a ACOOPS, 2012	113
Gráfico 07	Porcentagem de produtores que usam o Crédito Rural, 2012	114
Gráfico 08	Cidade com a qual os produtores da Comunidade do Salgado se relacionam, 2012	114

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Localização do município de Quirinópolis no Estado de Goiás.	12
Mapa 02	Mostra a Expansão da produção de cana-de-açúcar em Quirinópolis	13
Mapa 03	Regionalização do Município de Quirinópolis	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Quirinópolis - Produtos agrícolas colhidos (ton) – 2004 – 2011	66
Tabela 2	Quirinópolis - Produtos agrícolas (Área Plantada) – 2009 – 2011	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 COMUNIDADE DO SALGADO: UMA ANÁLISE SÓCIO TERRITORIAL	24
1.1 Configuração Histórica, Social, Econômica e Territorial	26
1.2 Elementos para uma abordagem territorial da Comunidade do Salgado	45
1.3 A territorialização do capital no Cerrado, políticas públicas e a análise da implantação do setor sucroalcooleiro em Quirinópolis	59
CAPITULO 2 DINÂMICA TERRITORIAL DA COMUNIDADE DO SALGADO EM QUIRINÓPOLIS: UM CAMPO DE FORÇAS MEDIADO POR ATORES SINTAGMÁTICOS¹.	64
2.1 A mudança na cadeia produtiva de Quirinópolis: diferentes olhares e um novo contexto.	65
2.2 Comunidade do Salgado: um campo de forças mediado por atores sintagmáticos.	77
2.2.1 Cooperativa Agrovale	78
2.2.2 Casa da Abelha	82
2.2.3 Usinas de Cana-de-açúcar: São Francisco e Boa Vista.	89
2.2.4 - ACOOPS: Associação Comunidade Organizada dos Pequenos Produtores da Cachoeira do Rio Preto.	93
CAPÍTULO 3 A RESSIGNIFICAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS NUM TERRITÓRIO MULTIFACETADO: UMA FORMA DE SOBREVIVER DIANTE DAS AGRURAS DO AGRONEGÓCIO.	97
3.1 Biotecnologia, Biodiversidade e Saberes Tradicionais: uma questão geopolítica ² presente na Comunidade do Salgado.	97
3.2 Saberes Ressignificados: construindo esperanças que se efetivam na luta pela permanência no campo.	102
3.3 A Comunidade do Salgado como Território Multifacetado	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

¹ Expressão utilizada em Raffestin (1993).

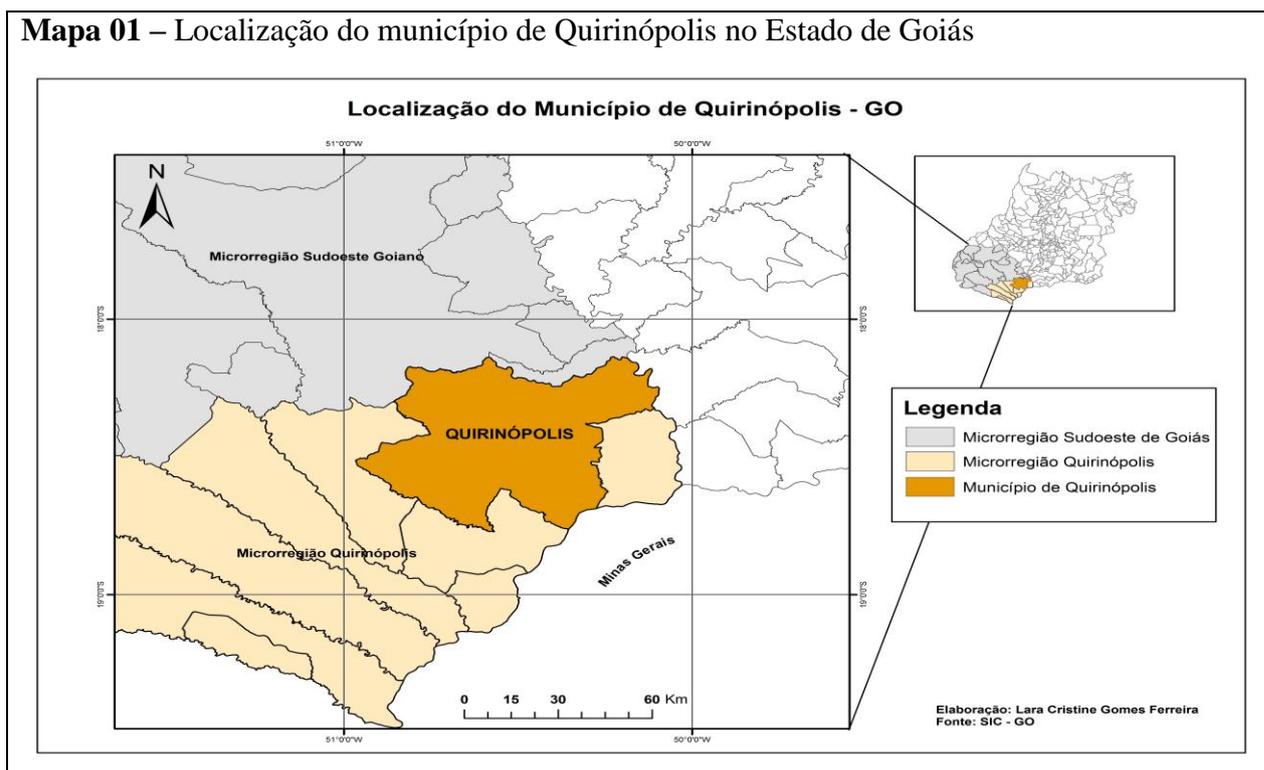
² O termo geopolítica foi fundado por Rudolf Kjéllen no início do século XX, com as contribuições do alemão Friedrich Ratzel, em sua obra batizada de Geografia Política.

INTRODUÇÃO

Compreender o território do cerrado em suas múltiplas faces exige uma análise da complexidade da atuação de diferentes atores e sujeitos que tem se apropriado dele nas últimas décadas. A entrada desse bioma no jogo das disputas territoriais para uso econômico, em escala nacional e internacional, é algo recente se comparado ao uso de outros biomas para o mesmo fim, no entanto, observa-se que houve uma forte devastação do cerrado, proveniente, dessa entrada. Esse texto não pretende esgotar a análise da complexidade que envolve o uso do cerrado, mas tem o intuito de evidenciar elementos que se inserem nela, tais como, o uso de conhecimentos biotecnológicos na produção agrícola, o cerrado enquanto território em disputa, agrobiodiversidade e os saberes tradicionais dos pequenos produtores que gestam o território do cerrado.

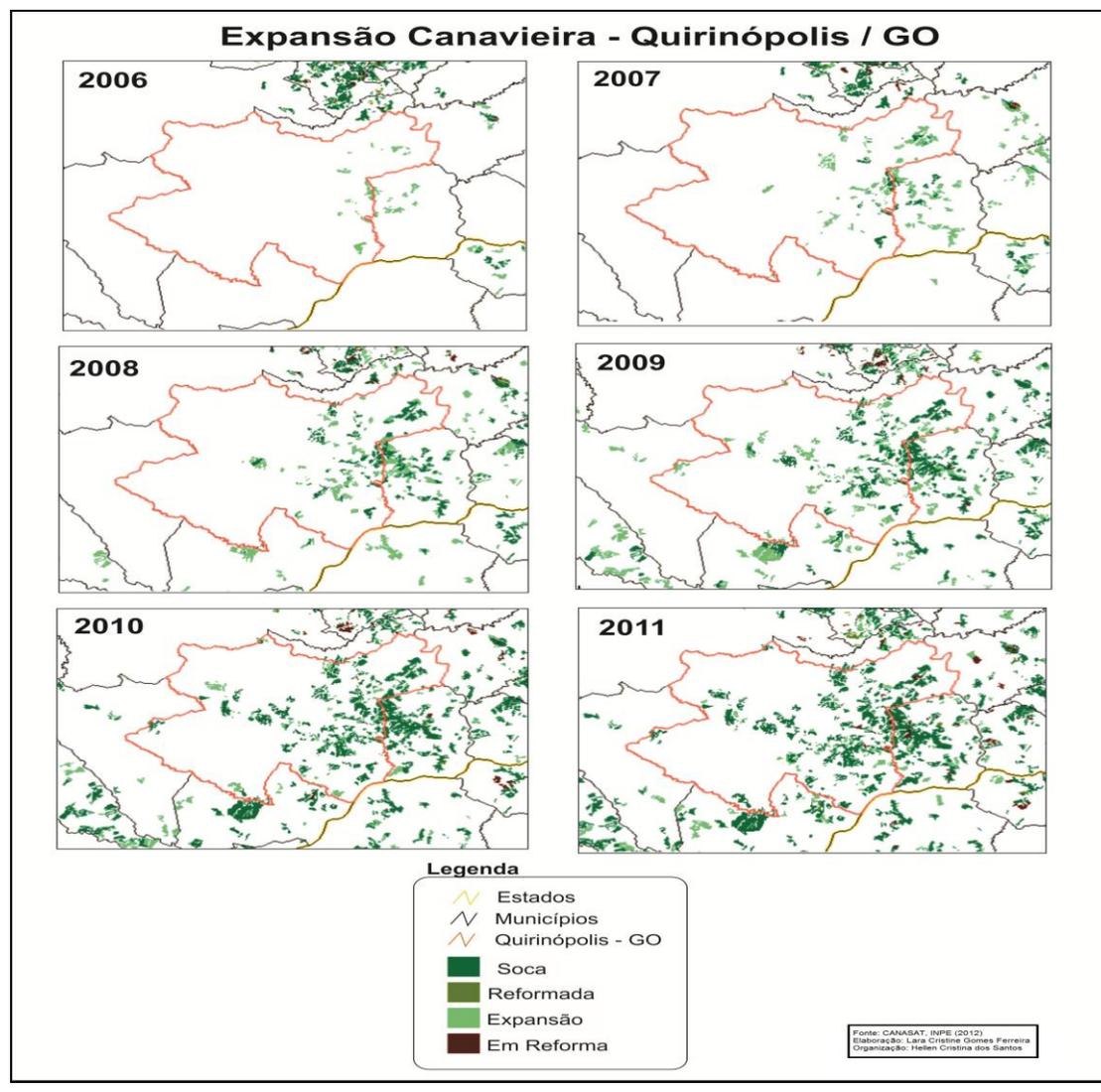
Propõe-se então, discutir os elementos dantes citados, no contexto do processo de territorialização do capitalismo no campo. Nesse processo o Estado de Goiás, está em posição de destaque, e o município de Quirinópolis (Mapa 01) que fica na microrregião Quirinópolis onde se situa a Comunidade do Salgado, participa dele, antes pela produção de grãos e carne bovina e a partir de 2005, com a produção de cana-de-açúcar para as indústrias do Setor Sucroalcooleiro, que é hoje responsável pela dinamização dos mercados de açúcar e etanol e impulsiona fortemente a economia regional e nacional.

Mapa 01 – Localização do município de Quirinópolis no Estado de Goiás



Essa expansão da monocultura de cana-de-açúcar em Quirinópolis está associada a fatores como o baixo preço das terras e custo de produção, a alta rentabilidade do setor, a disponibilidade de recursos hídricos, a mão de obra barata, e as condições favoráveis do relevo. No entanto, a perda crescente da cobertura vegetal para atender as demandas dessa atividade, resulta na perda da biodiversidade, caso não haja um manejo florestal adequado. O mapa a seguir (Mapa 2), mostra a expansão das lavouras de cana no municio, desde 2006. Nele é possível perceber a evolução da monocultura em Quirinópolis, a partir do período de sua implantação.

Mapa 02 – Expansão do cultivo de cana-de-açúcar no município de Quirinópolis



Entende-se que a Apropriação Territorial do Cerrado goiano pelo Agronegócio e pela Agricultura Camponesa no processo de Territorialização do Capital, a consequente

reestruturação deste território e a incorporação de conhecimentos biotecnológicos variados na produção agrícola, se dá de forma conflituosa. É sob essa premissa que propomos uma interpretação geográfica do Cerrado, que seja fundamentada numa abordagem territorial, e que contemple a ação dos sujeitos na história do cerrado, uma vez que ele é alvo de inúmeros conflitos, impulsionados pela economia nacional e internacional.

Nesse sentido, alguns questionamentos permeiam nossa análise: Qual a situação de Quirinópolis no contexto da Expansão da Fronteira Agrícola em Goiás? Qual o nível de incorporação dos conhecimentos biotecnológicos na produção agrícola da comunidade e seus efeitos na Agrobiodiversidade e nos hábitos da Comunidade do Salgado? Como se configura a Dinâmica Territorial dos produtores da Comunidade? Há uma resistência da Comunidade em permanecer no campo, diante da expansão do agronegócio no município?

Desse modo, objetiva-se analisar a Comunidade do Salgado no contexto do processo de territorialização do capital em Goiás, enfatizando as dinâmicas territoriais, o uso dos conhecimentos biotecnológicos na produção de leite e sua interferência nos conhecimentos tradicionais dos seus produtores; compreender qual o nível de incorporação dos conhecimentos biotecnológicos na produção agrícola da comunidade e seus efeitos na Agrobiodiversidade, nos hábitos e saberes dos sujeitos que atuam nela, e por fim apontar elementos que indicam o poder de resistência da comunidade frente à incorporação do grande capital em seu município.

As questões apresentadas no texto convergem para o entendimento das dinâmicas que se originam a partir das tramas do grande capital, expressas nesse caso, na modernização conservadora da agricultura no cerrado. Esse território está na pauta de grandes corporações internacionais, bem como empresas de pesquisas, cooperativas, ONGs dentre outros sujeitos, todos impulsionados também pelas possibilidades expressas, na rica biodiversidade presente no bioma cerrado, nas características pedológicas, na sua localidade central, no conjunto de redes e nos incentivos governamentais.

As comunidades locais estão envoltas nesse processo de mundialização do capital e da modernização conservadora da agricultura no cerrado, no entanto, acredita-se que possuem pouca representatividade na tomada de decisão, no que se refere à proteção de suas áreas e na autonomia de suas formas de sobrevivência.

A Comunidade do Salgado está entremeada pelos conflitos territoriais gerados por essas questões sendo, entretanto, sujeito nesses conflitos, uma vez que tem permanecido no campo mesmo estando localizada numa área tomada pela produção da cana-de-açúcar em larga escala, cuja presença do grande capital nacional e internacional orienta as ações para a

continuação da modernização conservadora da agricultura.

É uma comunidade que se enquadra nos moldes da Agricultura Camponesa, constituída por pequenos produtores de leite, cujo objetivo maior é a manutenção de suas formas de sobrevivência e modo de vida. Sobre essa agricultura assumimos a concepção de Tavares dos Santos (1978), de que o modo de produção camponesa é estruturado em um conjunto de elementos que se articulam. Dentre esses elementos reservamos para essa análise àqueles que estão mais presente na Comunidade do Salgado. Um desses elementos é a “força de trabalho familiar”, na unidade camponesa o processo de trabalho é realizado pela família, esta se torna um trabalhador coletivo. Na Comunidade do Salgado esse elemento se destaca, porque a base do trabalho na produção do leite é familiar.

Ainda no que tange ao trabalho, está presente na comunidade outro elemento apontado pelo autor que é “a jornada de trabalho assalariada”. Segundo ele, em momentos críticos do ciclo agrícola em que a família não consegue realizar as tarefas de forma satisfatória, esse elemento aparece na unidade de produção. Essa força de trabalho assalariada na unidade camponesa pode vir a ser permanente, nesse caso, haverá a combinação da força de trabalho familiar e a assalariada. Outra modalidade de trabalho, apontada por Tavares dos Santos como um dos elementos da agricultura camponesa que aparece na comunidade é “o trabalho acessório”, que consiste na transformação do camponês em trabalhador assalariado periódico, como forma de garantir uma fonte de renda suplementar.

A “propriedade da terra” é também um elemento inerente a comunidade. Na unidade camponesa essa propriedade é familiar, nela o camponês que é também trabalhador possui os instrumentos de trabalho, a terra não é instrumento de exploração, e sim terra de trabalho. Além da terra, o camponês da Comunidade do Salgado possui também outro elemento que é a “propriedade dos meios de produção”, em parte os meios de produção são adquiridos, nesse caso são mercadorias, e em parte eles podem ser produzidos pelo camponês. Quando ele consome, ele se torna subordinado ao capital, pois esse vende esses meios de produção por um preço alto, e compra os produtos agrícolas por um preço baixo.

Por fim, dentre os elementos presentes na comunidade, que caracteriza a Agricultura Camponesa segundo o que defende Tavares dos Santos, pode-se citar ainda a “jornada de trabalho”. Na unidade camponesa não há uma rigidez em relação ao horário diário de trabalho, como ocorre na produção capitalista. Essa jornada varia conforme os produtos cultivados e a época do ano, podendo combinar períodos em que há pouco ou muito trabalho. No caso da comunidade, o camponês tem uma jornada mais intensa de trabalho no período de chuvas, pois é o momento em que aumenta a produção de leite. Nessa produção, durante o

dia, a jornada é mais intensa no início da manhã e no final da tarde, nos outros horários, o trabalhador em alguns casos realiza o trabalho assalariado ou fica produzindo seus instrumentos de produção.

Todos esses fatores justificam a escolha da comunidade como área de pesquisa. Ela está entremeada, por todos os elementos apontados na explanação do tema, e a conformação de todos eles, apontam para uma análise que não deseje negar o valor e a importância dos avanços tecnológicos, tampouco, os benefícios gerados pela agroindústria. É preciso dar voz aos sujeitos para desvendar suas reais intenções e necessidades, e a partir daí ouvi-los.

Para entender o modo como se dá as dinâmicas territoriais da Comunidade do Salgado, utilizamos o materialismo histórico dialético, por acreditar que ele oferece bases teóricas que permitem nossa proposta de análise. É reconhecido que esse método possui uma complexidade que perpassa os objetivos deste texto, e que desde o seu surgimento, ele possui singularidades dentro do processo de construção do pensamento geográfico e de sua base epistemológica. Dessa forma não intentamos esgotar o debate sobre ele, antes apresentaremos alguns elementos considerados relevantes para a proposta que ora se constrói.

Sabe-se que o surgimento desse método se deu com as formulações do filósofo Karl Marx, que a partir das considerações de Friedrich Hegel referente à contradição como fator primordial para a compreensão da realidade, estabeleceu uma proposta inversa que credita na materialidade do mundo concreto a explicação dos fenômenos existentes, e não nas idéias como propunha Hegel. Para Gomes (1996, p. 282), Marx ao contrário de Hegel, [...] “introduz a noção de uma razão histórica, materialmente determinada, em oposição à concepção do idealismo que definia o real como um produto da razão absoluta.”

Na perspectiva de Marx o sujeito, enquanto individuo historicamente produzido, pode ser analisado ou entendido, a partir dos elementos que fazem parte do desenvolvimento de sua vida social, tais como a produção e reprodução, o consumo, a troca, o Estado, o mercado e as classes sociais. Todos esses elementos estão interligados e possuem entre si uma relação de interdependência.

Sobre o Materialismo Histórico Dialético Gomes afirma que,

Este sistema global de explicação da realidade deveria ser capaz de compreender a totalidade dos problemas sociais. Seus elementos essenciais estão ligados à produção da vida material ou ao plano econômico lato sensu, pois as condições desta produção são a base de toda estrutura social e organização humana (1996, p.280).

O materialismo histórico e dialético é o método que permite a passagem da imagem caótica do real para uma estrutura racional, organizada e operacionalizada em um sistema de pensamento. A primeira etapa deste método é, pois a busca dos elementos essenciais comuns que estruturam o real (1996, pg. 281).

Sobre o caráter das proposições de Marx, esse autor salienta que, A perspectiva de Marx é produzir um saber objetivo e racional, objetivo, pois representa a observação do real/histórico; racional, pois é guiado por demonstrações e deduções lógicas, rigorosas e necessárias. (GOMES 1996, p. 281).

Com as formulações de Marx, a partir do materialismo histórico dialético torna-se possível fazer uma análise da realidade para além das aparências. Nas palavras de Gomes (1996, p. 282)“...a realidade última é, portanto, revelada por intermédio da razão, que reconhece, no movimento caótico da sociedade, os fatores fundamentais de sua organização e de seu desenvolvimento...”. Para Viana (2007), o materialismo histórico e dialético parte da perspectiva da totalidade, mas aquela que possui múltiplas determinações, sendo que a principal é o modo de produção. Para o autor,

A totalidade, para o materialismo histórico-dialético, é a sociedade. Mas toda totalidade é composta de partes. As partes que constituem a sociedade são o modo de produção dominante, os modos de produção subordinados e as formas de regularização das relações sociais. Tais partes, por sua vez, podem ser subdivididas em outras partes. Mas elas estão necessariamente ligadas uma á outra, formando uma totalidade (2007, p. 106)

O autor afirma ainda que,

Para o materialismo histórico-dialético, a sociedade é uma totalidade constituinte e, por conseguinte, não se pode postular nenhuma outra parte dela como “autônoma”, mas somente como uma totalidade constituída pela anterior, que é a sociedade (2007, p. 109).

Isso significa que os aspectos da sociedade podem ser tratados como uma totalidade constituída e a sociedade como uma totalidade constituinte, ou seja, nas palavras do autor “os fenômenos sociais são “totalidades constituídas” que dependem da sociedade, ou seja, da

totalidade constituinte”. Nesse sentido, os aspectos territoriais, sociais, econômicos e culturais, inerentes a Comunidade do Salgado no município de Quirinópolis, devem ser analisados como uma totalidade constituída, dependente da totalidade constituinte que é a sociedade, numa relação estritamente dialética.

Pode-se dizer que em sua maioria, os geógrafos marxistas consideram o materialismo histórico dialético como o único método capaz de conferir a uma ciência social o verdadeiro status de científica, revelando uma intenção de considerá-lo superior a outros métodos. A exemplo, pode-se citar de acordo com Almeida (2005) o corpo docente da USP, nas palavras da autora “... vários ainda defendem, a visão ortodoxa do marxismo e a crença nesta como a via metodológica única da “verdadeira” geografia.

Entretanto, no pensamento geográfico atual não há mais a crença em uma única via metodológica para a análise dos fenômenos geográficos. Do contrário há uma abertura a outras posturas e concepções para a análise geográfica, conferindo assim uma riqueza maior para sua elaboração.

Após definir o método surge a incumbência da escolha metodológica da pesquisa. Essa tarefa exige do pesquisador uma análise sistemática dos objetivos propostos e constitui-se como uma fase de suma importância na construção do objeto, não devendo, portanto ser negligenciada. Nas palavras de Duarte (2002, p. 2), “A definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final”.

O desafio é estabelecer a opção metodológica mais adequada para análise dos fatores que envolvem a dinâmica territorial da Comunidade do Salgado no contexto da territorialização do capital em Quirinópolis. Há uma complexidade nessa dinâmica, expressa na relação dos produtores com o poder público, as cooperativas, as instituições financeiras de crédito, as empresas fornecedoras de suplementos, as que recebem a produção de leite, bem como outros atores.

Diante dessa constatação, concordamos com Campolin (2005, p.12) quando afirma que, “quando se trata de pesquisas em agricultura familiar, é necessário ter claro que a complexa realidade desses sistemas agrários não permite decompor todos os fenômenos em suas variáveis básicas³ e assim chegar ao conhecimento total desses fenômenos”. Ao contrário, as variáveis devem ser analisadas em conjunto no contexto, para evitar a redução do enfoque da pesquisa.

³ Essa é uma característica da pesquisa quantitativa, segundo a autora.

Desse modo, por se tratar de uma comunidade de caráter familiar, ela apresenta características peculiares no que tange aos hábitos, a organização social, política e econômica. Entendemos, portanto, ser necessária uma pesquisa do tipo Qualitativa com viés de Estudo de Caso, pois ela exige um contato direto com o objeto estudado, a fim de apreender suas peculiaridades, dentro do contexto geral da territorialização do capital em Goiás. Sobre a pesquisa qualitativa Terence e Filho afirmam que o pesquisador,

[...] procura aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente e contexto social – interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes da situação enfocada, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito. (2006, p. 2).

Essa afirmação legitima a nossa escolha, uma vez que defende o estudo mais aprofundado dos fenômenos que circundam o objeto, bem como dos atores que propulsionam os mesmos. Na perspectiva de Campolin,

As abordagens qualitativas se configuram alternativas viáveis, por possibilitarem estudos mais descritivos do meio social e cultural, além de permitirem análises contextualizadas da realidade. Abordagens deste tipo têm concepções filosóficas e metodológicas diferentes das abordagens adotadas pelas Ciências Naturais, que utilizam apenas referenciais quantitativos. (2005, p.13).

Além da dimensão cultural, política, econômica e social contida nos nossos objetivos, há também os aspectos da natureza, já que propomos analisar o uso da biotecnologia no manejo do gado, do pasto e da cana, aliado aos saberes tradicionais dos produtores na produção do leite. Essa questão deve ser levada em conta na aplicação metodológica da pesquisa, portanto, não apresentaremos modelos ou categorias para analisar aspectos naturais, esses serão analisados a partir do contexto sociocultural, ou seja, em sua relação com os outros elementos que existem na comunidade.

No que tange ao estudo de caso, nos pautamos em Ventura, para compreender que se trata de uma estratégia de investigação empírica abrangente, pois articula uma lógica de planejamento, de coleta e análise dos dados. Para a autora,

O estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. (2007, p. 2).

Na concepção de Chizotti,

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisa que coletam e registram dados de um estudo particular ou de vários casos, a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou de avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. (1998, p.56).

Obedecendo aos critérios estabelecidos pelas concepções do Estudo de Caso, essa pesquisa apresenta as quatro fases de seu delineamento, a delimitação da unidade-caso, a coleta de dados, a seleção, análises e interpretação dos dados e elaboração textual. Diante das inquietações referentes ao atual contexto da questão agrária em Quirinópolis, delimitamos a unidade ou caso a ser analisado. Essa escolha partiu da informação de que a Comunidade do Salgado era um exemplo que resistia ao avanço das lavouras de cana-de-açúcar na microrregião. Concluímos, então, que a mesma nos daria elementos para entender as questões dantes apresentada, entretanto, seria necessário constatar a veracidade daquela informação.

Num primeiro momento houve um levantamento e análise de material bibliográfico acerca das categorias que envolvem a temática, tais como território, biotecnologia, agrobiodiversidade, saberes tradicionais, bem como material já produzido sobre a expansão da cana-de-açúcar na região, especialmente os produzidos por colegas do IESA. Era preciso conhecer mais a fundo os fundamentos teóricos metodológicos que nortearam a pesquisa. Por vários momentos foi necessário, voltar e recorrer a esse material para entender melhor as questões levantadas em campo.

Feito esse levantamento, partimos para a coleta de dados em campo. Lançamos mão de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, visitação, observação direta, coleta de informações georreferenciais, elaboração de croqui e conversas com os atores envolvidos na

problemática, bem como produtores, presidente da associação, cooperativas, uso de mapas e observação de imagens de satélite.

Foram feitas cinco visitas ao município com vistas à pesquisa, sendo três na comunidade e duas na cidade. Na maior parte dos lugares e nas conversas com a maioria das pessoas, foi possível sentir uma forte disposição pela contribuição com a pesquisa, era como se ela pudesse legitimar o desenvolvimento que vem acompanhando o município desde a entrada da cana-de-açúcar.

Na comunidade sentimos mais dificuldade no primeiro momento, apesar de que a indicação de um conhecido facilitou os contatos. Era como se a presença de uma pesquisadora, fosse uma ameaça para o modo de vida tranquilo, simples e camponês. A carga simbólica de urbanidade contida na nossa fala, nas vestes, no comportamento contrastava com àquela, da vida no campo. Com transparência nas ações, respeito e paciência, as barreiras foram sendo vencidas aos poucos. Ficou a certeza de que podemos voltar sempre.

Na primeira visita não foi possível chegar a Comunidade do Salgado devido à precariedade das estradas, ocasionadas pelo período de chuvas, inclusive as pavimentadas que servem para circulação da produção de cana-de-açúcar. Conversamos com duas grandes lideranças que residem atualmente na cidade e tiveram um papel fundamental na organização social e política da comunidade. Visitamos também a Cooperativa Agrovale, que atuava ainda nesse momento com o projeto Tanque Cheio e conversamos com profissionais de nível superior, especificamente uma veterinária e outra de gestão pública, bem como técnicos em agropecuária.

Na segunda visita ao município foi possível chegar à comunidade, tive uma estadia curta de dois dias, sendo que no primeiro dia estava com a presença do orientador. Houve certa resistência das pessoas, não pelo caráter da pesquisa, mas por timidez e estranhamento. Na medida em que apresentava, em conversas informais, a minha intenção percebia que algumas pessoas se envaideceram com a possibilidade de se tornarem visíveis para a sociedade, por meio de um trabalho científico. Isso, no nosso entendimento, demonstra que pode haver uma carência no que se refere à participação deles na pauta administrativa do município, e/ou expressa um desejo de evidenciar a potencialidade da comunidade, na esperança de atrair projetos e ações governamentais.

Foi realizado um terceiro trabalho de campo na comunidade, com duração de doze dias, a intenção era estabelecer contato com os que não foram possíveis na segunda visita, e vivenciar o cotidiano dos produtores na tentativa de apreender elementos que pudessem contribuir para alcançar os objetivos da pesquisa. Nessa visita optamos por usar da estratégia

de observação direta, diálogos informais com assuntos direcionados ao tema e entrevistas com a coordenação do projeto Tanque Cheio da Casa da Abelha.

Nesse contato tive a oportunidade de acompanhar a rotina de trabalho do pequeno produtor, desde o tratamento dispensado ao gado, o manejo do canavial para alimentação dos animais, o controle dos tanques de expansão, o gerenciamento da produção, a coleta do leite feita pela Perdigão, o manejo de pastagem e de ordenha, as diferenças nas formas de produção entre os que participam do projeto Tanque Cheio e os que não participam a relação deles com os municípios de Quirinópolis e Rio Verde, dentre outras atividades.

A quarta visita foi feita com a presença do orientador. O objetivo principal era ir pra fora da comunidade, entendê-la no contexto do município, saber quais eram os diferentes olhares sobre ela. Sabíamos da necessidade em dialogar com os atores externos e de obter elementos para compreender melhor a dinâmica do município no contexto do setor sucroalcooleiro. Os entrevistados foram o Presidente da Cooperativa Agrovale em Quirinópolis, o Secretário de Administração, o senhor Avenir que é contador e uma espécie de líder no município, e o senhor Alex que integra a coordenação da Casa da Abelha. A divulgação dos nomes de alguns entrevistados foi autorizada pelos participantes, por meio de Termo de Consentimento, conforme Apêndice A. Essas entrevistas foram transcritas totalizando 92 páginas de arquivo, com informações relevantes para a pesquisa.

A quinta e última visita com vistas à pesquisa, foi realizada no mês de abril de 2012, numa estadia de dois dias na comunidade. O objetivo foi levantar informações sobre a história da mesma e sua configuração social, política e econômica atual, com aplicação de questionários⁴ com perguntas abertas e fechadas, que abordaram assuntos relacionados, as formas de vida, da produção do leite, da cana-de-açúcar para alimentar o gado, o trato dos animais, o relacionamento com o poder público, privado, cooperativas e a ACROOPS. Como o tempo era curto, a estratégia foi entregar o questionário em cada propriedade possível no primeiro dia, e passar para recolher todos no outro dia. Entregamos 37 questionários para chefes de propriedades, dos quais 31 foram respondidos.

No início da pesquisa tudo ainda era muito obscuro para nós, tínhamos clareza de alguns atores que seriam utilizados na análise, mas muitos foram surgindo na medida em que íamos construindo o objeto. Com cada participante, tivemos o cuidado de apresentar com clareza os objetivos da pesquisa, comprovamos assim que a honestidade nas ações contribuiu para ganharmos a confiança dos sujeitos. O desafio agora foi vivenciar o cotidiano da

⁴ Apêndice B: Modelo de Questionário aplicado na Comunidade.

comunidade e manter ao máximo o distanciamento do olhar de pesquisadora. Apresentaremos mais detalhadamente os resultados obtidos em campo, nos outros capítulos da dissertação.

Para a construção de nossa análise propomos num primeiro momento fazer uma apresentação da Comunidade do Salgado. Para tanto, considera-se necessário caracterizar a referida comunidade, com os elementos que foram possíveis de apreender em campo, tais como o seu histórico, a estrutura, modos de vida, atividades econômicas, formas de produção, organização social e política, relação com a área urbana, dentre outros.

Logo apresentaremos uma discussão a cerca da categoria território, dialogando com alguns autores que tem contribuído para aprofundar a temática no âmbito do pensamento geográfico. Essa discussão será feita com a tentativa de relacionar nosso objeto à categoria, no intuito de legitimar a relação entre a teoria e a análise da realidade prática. Nessa perspectiva, propõe-se fazer uma abordagem territorial do cerrado, que evidencie elementos da racionalidade capitalista empreendida pelas forças produtivas do grande capital expressa no uso do cerrado, facilitada pelas políticas públicas e elementos da contra-racionalidade gerada pelas limitações naturais, estruturais, culturais, políticas e pela ação dos sujeitos que gestam o cerrado com os seus saberes e modos de vida.

Consideramos importante fazer uma explanação sobre as políticas públicas que impulsionaram a territorialização do capital em Goiás, expressa nos últimos anos pelo avanço do setor sucroalcooleiro, com o objetivo de situar o município de Quirinópolis nesse processo. A intenção é evidenciar a participação do município e da comunidade nas relações econômicas globais, enfatizando os elementos que reforçam sua identidade territorial. Nesse sentido a ação do estado merece atenção, por entendermos que ele é um importante agente viabilizador da apropriação territorial do cerrado, expressa em Quirinópolis pelo predomínio do setor sucroalcooleiro.

Ainda nesse capítulo faremos uma discussão sobre a relação da comunidade com a biodiversidade do cerrado, o uso da biotecnologia em seu processo produtivo e a interferência nos saberes tradicionais dos produtores, e a diferenciação espacial da Agrobiodiversidade, pois acreditamos que esses são elementos inerentes a dimensão histórica, social e econômica do território.

CAPÍTULO 1 COMUNIDADE DO SALGADO: UMA ANÁLISE SÓCIO TERRITORIAL

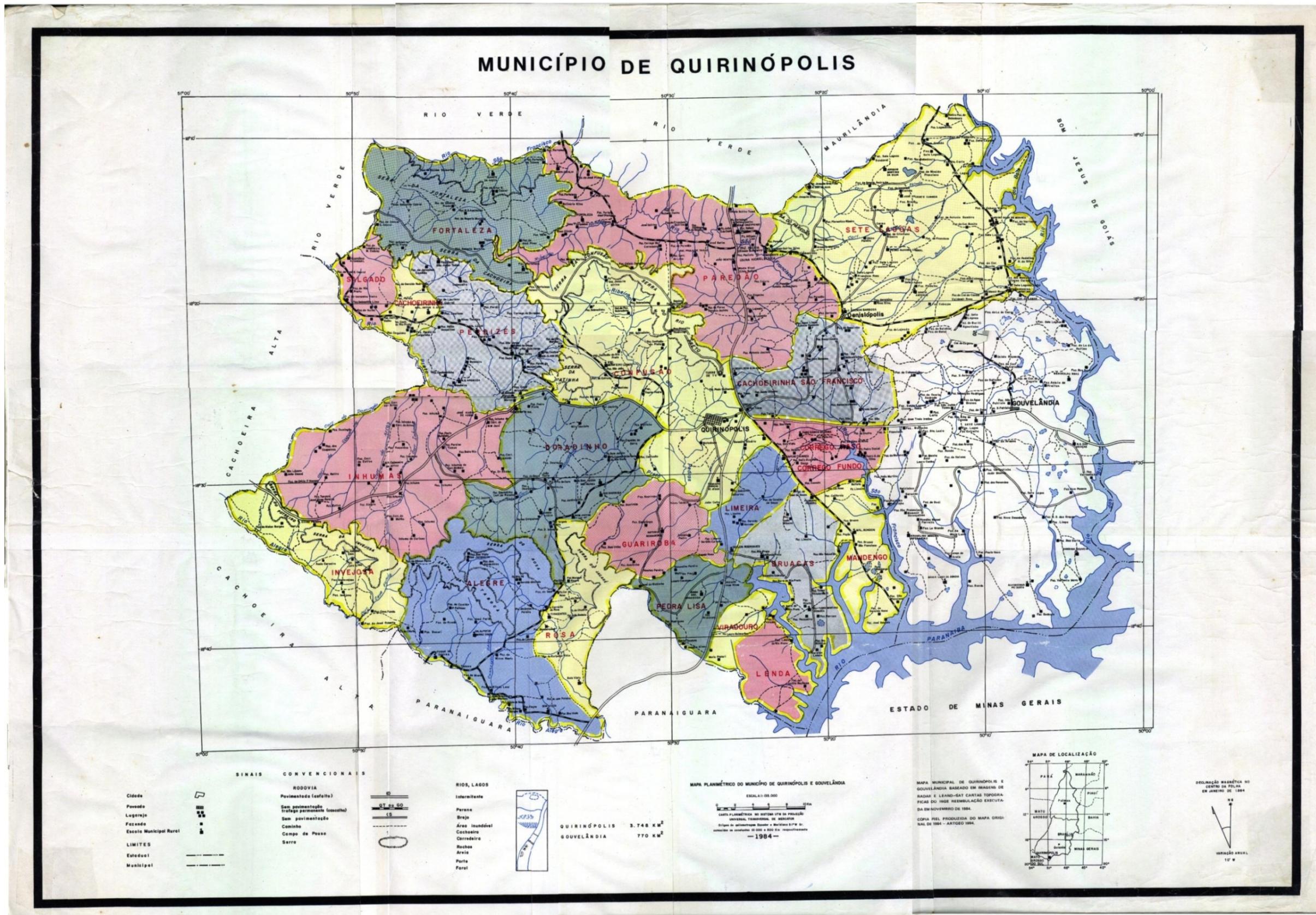
Apresentamos nesse capítulo as informações levantadas em campo referente à caracterização do objeto de pesquisa, no que diz respeito a sua configuração histórica, social, econômica e territorial. Nessa fase de coleta de dados encontramos dificuldades, pois não há fontes escritas, impressas ou digitais sobre a comunidade, procuramos registros na escola, na igreja e na prefeitura e não encontramos⁵. O que está registrado aqui é fruto de várias conversas com moradores, entre eles idosos e “lideranças” que residem no local desde o nascimento, ou seja, cerca de 80, anos em alguns casos.

Ao propor uma pesquisa pautada na abordagem territorial, assume-se o compromisso de discutir teoricamente sobre a categoria “território”, bem como os elementos que dialogam com ele, nesse caso, “poder e rede”. Na tentativa de contribuir para o debate sobre essa categoria, apresentamos uma discussão que procurou contemplar as concepções de diferentes autores dentro do pensamento geográfico. Ao fazer essa discussão tivemos como objetivo enfatizar os elementos teóricos da categoria, que envolvem a nossa proposta de análise, no entanto, não pretendemos esgotar o debate.

Parte da Comunidade do Salgado é considerada pelo município de Quirinópolis uma região administrativa, pois a outra parte está no município de Rio Verde. Essa divisão geográfica do território da comunidade, entre os dois municípios, se torna um problema quando algum deles transfere para o outro a responsabilidade da administração. Há relatos de que já houve essa transferência quando moradores foram cobrar benfeitorias para o local. Veja no mapa a seguir que na regionalização do município de Quirinópolis, a comunidade aparece como uma das regiões.

⁵ Fomos ao cartório da cidade em busca de informações sobre os registros das terras, mas para ter acesso ao registro de cada propriedade, teríamos que pagar aproximadamente R\$50,00, o que se tornou inviável, já que são cerca 60 propriedades.

Mapa 03. Regionalização do Município de Quirinópolis



Fonte: Acervo da UEG.

1.1 Configuração Histórica, Social, Econômica e Territorial

Uma história de mais de um século de existência, não pode ser negada pelo jogo das disputas territoriais. Os sujeitos que dela fazem parte são fruto de territorialidades exercidas pelos seus antepassados, o próprio território foi produzido no bojo dessas territorialidades, que continuam a ser vivenciadas pelos atuais moradores, imprimindo novas marcas ao território, numa relação dialética e constante. Nesse processo, há rupturas, novos sujeitos e modos de vida surgem, novos atores instalam a sua força, mas também há continuidades que se efetivam nas vivências entre os moradores, marcadas pela simplicidade, pelo acordo mútuo, pela coletividade, pelas festas, jogos e amores.

A história é um olhar. Ela se constrói a partir dos significados que os indivíduos dão aos fatos. É um processo de escolha, uma forma de enxergar os fatos, estes são concretos, mas podem ser entendidos a partir de diferentes perspectivas. Cada sujeito possui sua narrativa sobre determinadas coisas, o que permite contrapor as “verdades”, identificar as incongruências para, então, emitir a própria análise.

Nesse sentido, a complexidade que envolve os sujeitos da história a ser escrita, exige do pesquisador (a) um olhar mais criterioso, uma sensibilidade mais apurada para perceber o que está nas entrelinhas das falas, dos fatos, dos gestos. É preciso saber ouvir⁶.

Essa complexidade de que falamos é identificada na Comunidade do Salgado, devido a vários fatores, dentre eles o fato dela se localizar, parte em Quirinópolis e parte em Rio Verde, municípios que tem sido palco da territorialização do capital no cerrado. No entanto, temos elementos que revelam certo nível de complexidade na mesma, antes de sua existência enquanto “comunidade”.

Na nossa primeira visita a Quirinópolis conversamos com o Senhor Chico Floresta, ele exerce forte liderança na Comunidade do Salgado, por ter participado da luta pelo desenvolvimento da região, por ter representado os moradores na Câmara dos Vereadores por sete vezes, e pela fundação e presidência da ACROOPS. Dentre as várias contribuições, das quais discutiremos ao longo do texto, o Senhor Chico nos informou que a Comunidade se originou de dez troncos familiares, sendo que não se sabe ao certo quem foram os pioneiros, mas há fortes indícios de que vieram de São Paulo e Minas Gerais.

Na última visita foi possível, junto com a Dona Flausina⁷ e o senhor Chico Floresta,

⁶ Mesmo com a certeza de que temos muito que avançar nesse sentido, ressaltamos que os trabalhos de campo contribuíram bastante para a nossa prática enquanto pesquisadora.

⁷ A Dona Flausina é uma moradora antiga, idosa, nasceu na comunidade. A divulgação do nome foi autorizada pela participante e a mesma está ciente do uso dos dados fornecidos.

resgatar nomes de chefes de famílias de duas gerações atrás, ou seja, são pessoas que nasceram no final do século XIX. Começamos então a listar o nome dos dez troncos familiares que deram origem as famílias que existem hoje, e os antepassados das mesmas. Esses troncos, segundo eles são: Orcalino Alves Ferreira, Flausina Vieira Ferreira, José Vilásio Cabral, José Sebastião Cabral, Manoel Bertolino Cabral, Ordálio Pimenta Guimarães, Custódio Vieira Cabral, Valdenor Vieira Cabral e João Gualberto Cabral. Na relação constou que antes desses dez troncos familiares, existiam na comunidade pessoas cujo nome são: Sebastião Alves da Costa, Manoel Francisco Vieira, Sebastião Gouveia Cabral, Jorge Ferreira Cabral, Randolpho, João Rosa Cabral, Custódio Antônio Cabral e mais um que a dona Flausina não lembrou.

Poucos dos dez troncos familiares que deram origem aos moradores de hoje, estão vivos, dentre eles a Dona Flausina Vieira e o senhor Sebastião Cabral. Esses já estão com mais de 80 anos, então se supõe que os pais viveram na região em meados de 1880. Constatamos que por volta de 1960 algumas famílias começaram a sair do local, por isso surgiram lideranças que desenvolveram ações que efetivaram melhorias para os moradores. Houve, então, um fortalecimento das relações deles com o espaço, o que os levou à categoria de comunidade, sendo inclusive considerada uma região, na regionalização feita pelo município de Quirinópolis.

Por se originar desses troncos familiares, a grande maioria dos moradores da Comunidade possui grau de parentesco entre si. A posse da terra foi obtida, em sua maior parte, por herança familiar, ressalta-se o caso da Dona Flausina, que teve dez filhos e dividiu sua propriedade em dez, dando cerca de 1 a 2 alqueires para cada filho.

A medida das possibilidades alguns adquire terra comprando de outros moradores, que muitas vezes vendem parte de sua propriedade para pagar dívidas contraídas pelo sistema de crédito rural. Há aqueles que não se adaptaram as novas exigências de produção, deixando assim de produzir o seu principal produto que é o leite. Com isso acabam vendendo parte de sua propriedade e passam a viver do que produzem para subsistência, de aposentadorias ou do aluguel da terra para outros.

Percebemos, a partir de observações e diálogos com as famílias visitadas, que há um forte apego ao lugar, há uma valorização da terra para além dos seus atributos pedológicos, um valor que se efetiva nos sentidos que eles dão a todos os elementos existentes na comunidade tais como sua história, os córregos, as relações interpessoais, a biodiversidade, os modos de vida, os hábitos construídos a partir das suas necessidades de sobrevivência, dentre outros. O gráfico a seguir mostra o grau de satisfação dos moradores em morar na

comunidade, a partir dos questionários aplicados.

Gráfico 1 – Grau de satisfação dos moradores com o lugar – Comunidade do Salgado, Quirinópolis – GO.



Os que afirmaram estar satisfeitos em morar na comunidade apontam como motivos o fato de terem se casado e tido filho nela, a existência de recursos naturais, pela tranquilidade, pelo fato de serem todos parentes, a boa convivência com os moradores, sendo que o principal motivo apontado é o fato de morarem nela desde o nascimento. Quanto aos que estão pouco satisfeitos, os motivos relatados são a falta de apoio aos pequenos produtores, a idéia de que na cidade possui mais oportunidades, e pela dificuldade em prosperar.

A Comunidade do Salgado é cortada pelo córrego do salgado, de um lado é município de Quirinópolis e do outro Rio Verde. Na terceira visita foi possível visitar famílias que residem nas duas partes e nas conversas objetivamos compreender a relação delas com os dois municípios.

O nome da Comunidade faz referência a uma história contada por vários moradores antigos. Consta que há muitos anos alguns moradores, iam buscar mercadorias em carros de boi, noutras cidades, e quando estavam atravessando um córrego que fica no local, o carro de boi tombou e derramou o Sal que estavam transportando, o córrego passou a ser chamado de Córrego do Salgado, daí o nome “Comunidade do Salgado”.

Entre as décadas de 60 e 80, foi o período em que o Brasil viveu o mais intenso êxodo rural. Nesse momento, havia pessoas que se firmaram como lideranças na comunidade, devido a algumas iniciativas que tiveram em busca de melhorias para a região, a fim de fortalecer a relação deles com a terra, e impedir a saída para a cidade. Até então, as condições

de sobrevivência eram muito precárias, seu principal produto era o leite, mas sofriam muito com a falta de estrutura na produção, até mesmo para a entrega do produto. Isso porque, como não havia estradas que cortavam a comunidade, os produtores tinham que levar o leite para as regiões vizinhas, na parte da manhã e a tarde. Essas dificuldades ficavam mais intensas nos períodos chuvosos. Antes o transporte dentro da comunidade era a Cavalos e carro de boi, agora se usa também a moto e o carro, em associação com as carroças e cavalos.

Havia também lavouras, de arroz, café, milho, dentre outras, cuja produção era feita de forma tradicional⁸. As pessoas sobreviviam também da moagem da cana, farinha, polvilho, galinha e porco. Teve um momento em que foi implantada a lavoura comunitária, eles ganharam um trator do Ministério da Agricultura em parceria com a prefeitura, e outro de um projeto do Vaticano, todos plantavam e colhia juntos.

Em entrevista com o Senhor Ivandro, outra liderança, houve o relato de que já havia uma preocupação em conscientizar os proprietários para eles não se desfazerem das pequenas propriedades, incentivando-os a permanecerem no local, pois a região estava sendo tomada pelas lavouras de grãos. Isso demonstra que há uma indicação de que eles procuram resistir no campo mesmo diante das dificuldades impulsionadas pelo agronegócio. Ele relata que as grandes empresas que atuavam direta ou indiretamente na comunidade, tais como a Parmalat, Nestlé, Ourolac, tinham como interesse especular e usufruir do potencial da mesma, sem nenhum subsídio para o produtor.

Não havia uma organização interna capaz de dar voz aos sujeitos da comunidade frente às imposições dessas empresas, então os produtores comercializavam seus produtos, submetendo-se assim as negociações das mesmas. Alguns da comunidade, observando isso, sugeriram para eles se organizarem para formar uma força única e maior, que pudesse potencializar os produtores na comercialização de seus produtos, ou seja, eles teriam mais força para combater as imposições, referentes à logística, preço do leite, formas de pagamento dentre outras.

A organização partiu dos próprios produtores, nesse primeiro momento, o produto era tão pouco que quase não representava. A Nestlé comprava o leite de cada produtor individualmente, como a quantidade era pequena, até porque não havia técnicas nem conhecimentos suficientes para expandi-la o preço era baixo. Quando os produtores começaram a se organizar a empresa não quis mais pegar, porque o leite ficou mais caro. No entanto, após algum tempo ela voltou a adquirir o produto da comunidade. Ocorre que as

⁸ No intuito de resgatar os conhecimentos tradicionais na produção dessas lavouras, apresentaremos no último capítulo mais detalhes sobre essas formas de produção.

empresas que atuam nela mudam de acordo com o jogo comercial, ou seja, os produtores buscam comercializar com aquelas que fornecem a melhor negociação. Embora, devemos ressaltar que eles possuem pouca autonomia nesse sentido, pois o mercado é quem regula os preços e influencia nas políticas das empresas.

Para fortalecer a região, tiveram a ideia de levar um padre até lá para fazer uma celebração e implantou-se uma igreja⁹ (Foto 01). Acreditava-se que com ela as pessoas não precisariam mais sair do local para exercer suas práticas religiosas, o que seria um incentivo para permanecerem no campo. A igreja está ativa e serve para promover além das práticas religiosas a socialização entre os moradores, já que são realizadas festas, casamentos e outras atividades.

Foto 1 – Igreja Católica da Comunidade do Salgado - Município de Quirinópolis - GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, abril – 2012.

Nesse mesmo período, foi implantada também uma escola (Foto 02), com os mesmos objetivos de fortalecer a região e incentivar a permanência das pessoas. A implantação foi em 1969 com o ensino primário, sendo que em 1989 foi implantado o Ensino Médio. Foi através do relacionamento político que conseguiram aumentá-la e ampliá-la, os prefeitos foram fazendo a sua parte e hoje tem a quadra coberta, uma cozinha comunitária e um barracão, que

⁹ Buscamos na Paróquia, que fica no município de Quirinópolis, mais dados sobre a implantação da Igreja e também sobre a Comunidade do Salgado, mas não encontramos. A secretária que nos atendeu não encontrou nenhum registro sobre isso, portanto, essas informações são orais fornecidas pelas pessoas que participaram do processo de fundação da igreja.

serve para a comunidade fazer festas. Em uma conversa com a diretora da escola fomos informados que ela possui atualmente 115 alunos, mas está perdendo alguns por motivos que apresentaremos em outro capítulo. Sobre a implantação da escola e da igreja o senhor Divino afirma que,

A comunidade era bastante humilde e o principal meio de transporte era carro-de-boi, não havia escola e nem igreja. Hoje facilitou muito pois temos a igreja e a escola que conta com várias salas de 1º ao 9º ano do ensino fundamental e Ensino médio completo. A comunidade evoluiu com a ajuda dos próprios moradores.

Foto 2 – Escola Municipal Rural Custódio Antônio Cabral – Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis - GO.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, abril – 2012.

Havia nesse momento aproximadamente 100 famílias, e alguns sugeriram que o local se emancipasse para a categoria de cidade, mas a ideia não foi levada a frente. Foram as dificuldades encontradas pelos micros produtores, com a inserção do grande capital, que impulsionou a criação de uma força de resistência.

Há um saudosismo em algumas falas no que diz respeito ao modo de vida da comunidade. Os mais velhos lembram-se das dificuldades que passavam na infância em

relação à falta de estrutura, de energia elétrica, de transporte e até mesmo no sofrimento causado pelo modo de produção rudimentar e tradicional, mas ao mesmo tempo sentem falta da união, da maior coletividade, dos mutirões realizados nas lavouras e nas construções. Isso pode ser percebido na fala da Dona Maria da Glória¹⁰,

[...] Antes tudo era mais difícil, a gente usava lamparina, não tinha energia. Eu e minha irmã trabalhava muito na roça, na colheita de arroz... Isso aqui é minha vida, quando meus menino fala em mudar, corta meu coração. Aqui de primeiro trabalhava muito em mutirão, a igreja foi feita na base do mutirão, mas hoje não existe isso mais, a facilidade vai chegando e a humildade indo embora. Minha mãe torrava muita farinha de milho para os outros...

Os mutirões, apontados pela entrevistada, fazem parte da “ajuda mútua”, citada por Santos como um dos elementos inerentes da Agricultura camponesa. Esse elemento não está mais presente na comunidade, como decorrência das transformações que estão ocorrendo no campo.

O modo de vida camponês assumiu novas configurações mediadas por fortes elementos da urbanidade. Os mais velhos ainda levantam muito cedo, pegam a enxada, trabalham incansavelmente na propriedade, cuidando do gado, das galinhas, dos porcos, da horta, arrumando cercas, manejando o canavial e o pasto, enquanto boa parte dos jovens oscila entre o desejo de ir para a cidade em busca de emprego e a necessidade de ajudar os pais nas atividades diárias. Dessa forma, eles pouco contribuem, preferindo muitas vezes o ócio nas horas vagas das jornadas de trabalho que realizam para outros proprietários em troca de um baixo salário. Entretanto, isso não é uma regra, há casos excepcionais em que o filho sente prazer nas atividades do campo e busca aprender com o pai os conhecimentos necessários para manter a propriedade funcionando, conforme mostra a Foto 3.

¹⁰ Moradora antiga da Comunidade.

Foto 3 – Foto de pai e filho trabalhando no manejo do pasto - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis - GO.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011.

Nos questionários aplicados, alguns pais relatam que gostariam de ter os filhos por perto, mas ao mesmo tempo temem o futuro, por isso investem na formação deles. Esse temor é proveniente das mudanças que vem ocorrendo ao longo dos anos. A territorialização do capital no município de Quirinópolis alterou a vida dos Salgadenses, mesmo não tendo incorporado a área ao agronegócio. Muitos consideram que há mais desafios para manter-se funcionando, dos quais podemos citar o baixo preço do leite, o aumento no preço dos suplementos, as novas exigências na forma de produção aliada muitas vezes a falta de conhecimento sobre as inovações biotecnológicas.

Além da igreja católica e da escola, a comunidade possui também mais duas igrejas evangélicas, um Centro de Esporte e Lazer (Foto 4), um campo de futebol, a sede da Associação Comunidade Organizada dos Pequenos Produtores da Cachoeira do Rio Preto - ACOOPS (Foto 5), bar e mercearia, aproximadamente 16 tanques de expansão (Foto 6) , dois tratores administrados pela associação (Foto 7), dentre outros. Sobre os aspectos físicos, ressaltamos que é uma área de Cerrado Stricto Sensu (Foto 8), com um relevo um pouco acidentado, solo arenoso, cortada pelo córrego do salgado e rio preto, com alguns afluentes.

Foto 4 – Centro de Esporte e Lazer “Geraldo José Cabral” - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO –



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011.

Foto 5: Sede da ACOOPS - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



- **Autora:** SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011.

Foto 6 – Tanques de Expansão utilizados no armazenamento do leite. Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 7– Foto de um trator administrado pela associação, arando a terra. Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO, 2011.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 8 – Ao fundo Cerrado Stricto Sensu - vegetação que predomina na Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO -



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Não foi possível definir exatamente o tamanho da área, colhemos alguns pontos, mas devido ao relevo relativamente íngreme em suas extremidades, não conseguimos percorrer todos os seus limites. Numa das visitas elaboramos um croqui (Croqui1) que permite uma visão geral da área física da comunidade, ele foi feito tomando como referência os córregos do salgado, rio preto, e seus afluentes, guerreiro e tia Ninica. Nesse croqui, pontuamos todas as propriedades que existem atualmente no local, sendo que a dimensão delas varia de 2 a 15 alqueires.

A elaboração desse croqui foi feita com a ajuda de alguns moradores e tomamos como ponto de partida, os rios, para pontuar as propriedades. É possível observar claramente que as instalações das mesmas seguem o curso dos rios e seus afluentes. O Córrego do Salgado é o limite entre os municípios de Rio Verde e de Quirinópolis, entretanto, não nos limitamos a analisar uma das partes, por entender que toda ela está inserida no contexto da produção de cana-de-açúcar em Quirinópolis.

As casas apresentam uma estrutura que vai desde a mais simples e rústica construída com madeira (Foto 9) às mais modernas que são grandes, feitas de alvenaria (Foto 10). Essas últimas foram construídas através de financiamento bancário dentro do Programa Minha Casa Minha vida, do Governo Federal.

Foto 09 – Residência feita de madeira - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 10 - Residência feita de alvenaria - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, abril/2012

Nelas é possível perceber os elementos da urbanidade de que falamos anteriormente, em muitas há televisão, vários aparelhos domésticos e computadores, mesmo não tendo rede de internet. Esses elementos são percebidos também no modo de se vestir, de falar, de pensar, nas músicas e nos comportamentos, principalmente entre os jovens, reforçando o entendimento de que a vida no campo não está alheia as transformações que ocorrem nas grandes cidades. Eles também alteraram significativamente a vida dos moradores, alguns ressaltam com pesar que depois da chegada da televisão as relações ficaram mais esmaecidas. No entanto, não se pode negar a melhoria na qualidade de vida dos mesmos.

É um território multifacetado. Uma mistura do modo de vida camponês com alguns aspectos do modo de vida urbano. A comunidade em geral, apropria-se dos elementos caracterizados como urbanos, mas não abandonam os aspectos da ruralidade inerente ao seu modo de vida. Há uma valorização desses aspectos na medida em que eles reforçam a relação deles com o lugar, é uma questão de identidade.

Ainda percebe-se a presença de elementos como, carroças (Foto 11), fogão caipira (Foto 12), roças de milho para consumo próprio, fabricação tradicional de polvilho, farinha de mandioca, quintais com hortas (Foto 13), frutas, galinhas (Foto 14), espécies da fauna e flora da biodiversidade do cerrado, dentre outros.

Foto 11: Uso da carroça como meio de transporte - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 12: Tacho utilizado em fogão caipira – Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, abril/2012

Foto 13: Horta para consumo próprio- Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, abril – 2012.

Foto 14: Cultivo de frutas associada a criação de galinhas- Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, abril – 2012

Os meios de transporte mais comuns são as motocicletas e carros (Foto 15). Embora se veja o uso corrente desses tipos de transportes no local, algumas famílias se locomovem a cavalo, usando-o inclusive para levar leite nos tanques de expansão (Foto 16).

Foto 15: Foto que ilustra a presença de moto e carro - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 16: Camponês transportando leite, para o tanque de resfriamento, no lombo do cavalo – Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011

A carroça, não deixou de fazer parte do cotidiano de alguns moradores, mas não se usa

mais o carro de boi, principal transporte alguns anos atrás. Conforme afirma a senhora Ineides, “A comunidade do Salgado é bastante antiga e no princípio as pessoas se locomovia através de cavalo e carro de boi”. Essas alterações revelam que mais do que buscar melhor qualidade de vida, os moradores estão assumindo novos hábitos que são frutos da carga simbólica de urbanidade, que está sendo inserida há alguns anos.

Na paisagem percebemos também espécies de fauna e flora (Fotos 17, 18 e 19) que compõe a biodiversidade do cerrado. Muitas dessas espécies, especialmente as de flora, estão nos quintais das propriedades, associadas à criação de animais, as hortas, e as frutas. Nas conversas com alguns moradores, tivemos o relato que segundo a percepção deles houve uma diminuição das espécies da fauna do cerrado. A principal causa por essa perda da biodiversidade, segundo eles são os problemas ambientais que o município vem enfrentando por conta das monoculturas de grãos e cana-de-açúcar, dentre eles o desmatamento em larga escala, a contaminação dos rios, do solo e do ar pelos suplementos agrícolas e outros.

Foto 17: Plantação de banana associada à espécies nativas do cerrado ao fundo. - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011.

O fato dos moradores terem nos seus quintais espécies do cerrado reforça a afirmação de que a comunidade pode ser considerada “Guardiã do bioma Cerrado”.

Foto 18: Foto de espécie típica da biodiversidade do Cerrado/Arara Canindé – Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 19 – Bacuri espécie de palmeira típica da biodiversidade do cerrado -- Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

A atividade que predomina hoje é a produção de leite, que para Zoccal (2010), “A contribuição dela para a agricultura familiar é mais expressiva, pois há para esse produto incentivo das empresas, das cooperativas etc.” Além do mais, o leite possibilita certo nível de capitalização do produtor, gera renda mensal e contribui para a alimentação da família. Houve significativas mudanças na forma de produção do leite na comunidade após a atuação da Cooperativa Agrovale com o projeto Tanque Cheio. Essa instituição deixa de atuar com o projeto em 2011, o qual passa a ser executado pela Casa da Abelha. Falaremos sobre elas mais detalhadamente no segundo capítulo.

1.2 Elementos para uma abordagem territorial

Nossa pesquisa propõe uma abordagem territorial do cerrado a partir da Comunidade do Salgado, no contexto da territorialização do capital em Goiás, enfatizando as dinâmicas territoriais dos produtores, o uso da biotecnologia e sua influência nos saberes tradicionais dos produtores. Para empreender essa abordagem considera-se primordial discutir a categoria território, pois ele é o elemento central da nossa análise. Observa-se que nas últimas décadas essa categoria vem ganhando força no discurso geográfico, cada vez mais um número maior de geógrafos se lançam no desafio de contribuir com as discussões sobre a mesma.

Chaveiro nos alerta que,

(...) à medida que o território é transformado numa categoria de grande projeção, o seu uso exagerado pode lhe fazer perder o que é mais proeminente, a sua capacidade de clarear as forças, as intencionalidades, o arco de poder, as estrategemas e as ideologias que fazem um uso economicista do território. Ou seja: o uso desenfreado de um conceito pode arrefecer a sua capacidade interpretativa e, então, esmaecer a sua vitalidade. Ao se transformar num lugar comum, além de se valer como uma panacéia que a tudo explica pode se tornar uma metáfora e, logo, deixar de ser um conceito.

Para Milton Santos (2000, p. 22), “o território em si, não é um conceito. Ele se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam”. Concordando com o autor, propomos analisar o território a partir da ação dos diferentes atores que estão inseridos na dinâmica territorial de Quirinópolis, sobretudo, os produtores da

Comunidade do Salgado, as empresas do agronegócio, o poder público, cooperativas, dentre outros.

Há uma necessidade em formular uma metodologia para abordagem territorial, que contemple a realidade em sua totalidade, entretanto, essa tarefa torna-se bastante árdua, dada a complexidade atual da sociedade, bem como de suas relações sociais, políticas, econômicas, culturais e com a natureza. Nesse sentido Saquet (2009, p. 91) afirma que é fundamental, reconhecer e apreender esses aspectos concomitantemente.

No que se refere à realidade brasileira, Saquet (2007, p. 157) afirma que,

(...) é preciso construir abordagens e concepções para o Brasil, que auxiliem na compreensão de discontinuidades, multitemporalidades, multiescalaridades e especificidades, como a vida indígena; (...) a Amazônia; (...); a caatinga e o cerrado, entre outros processos como a produção agrícola e artesanal de base familiar e os movimentos sociais.

Arriscamos dizer que há um consenso em acreditar que o território concebido apenas a partir da esfera econômica e administrativa, já não atende aos anseios de uma realidade produzida historicamente por diferentes sujeitos e grupos sociais envolvidos no processo de globalização e numa sociedade altamente tecnológica. Para Inocêncio (2011, p. 61),

O território deve ser abordado em sua multidimensionalidade interagida. Sua essência é social, portanto; suas dimensões são políticas, econômicas, culturais e naturais, tecidas na trama histórica da construção conflituosa da sociedade. Entender o território envolve atravessá-lo pelos códigos culturais, econômicos e políticos.

Nessa perspectiva Saquet (2009, p. 74), entende que é preciso considerar a condição histórica, cultural, temporal e espacial na abordagem territorial, bem como a relação dialética do homem como ser social e natural ao mesmo tempo. Numa outra obra o autor afirma que,

O território pode ser pensado como um texto num contexto, como lugar articulado a lugares, por múltiplas relações, econômicas, políticas e culturais; é movimento e unidade entre o ser e o nada, (i)materialmente. É desconstruído e reproduzido, num único processo. Há sujeitos e, concomitantemente, transformação do ser em seu ser-outro, que o contém. Um está no outro, no mesmo movimento de formação do território

(SAQUET 2007, p. 163).

Para Saquet (2007, p. 163), “o território só se efetiva quando os indivíduos são e estão em relação com outros indivíduos; significa, por isso, interação plural, multiforme; relação, reciprocidade e unidade; significa territorialidade (s)”. Percebe-se que as considerações de Saquet sobre o território contemplam a dimensão econômica, política e cultural em sua formulação, numa perspectiva dialética.

Nesse sentido, a Comunidade do Salgado, deve ser compreendida dentro de uma totalidade construída pelos diferentes sujeitos que estão envoltos na dinâmica territorial de Quirinópolis, dentro de uma processualidade embuída dos sentidos que dão aos seus modos de vida, bem como os meios de sobrevivência e sua relação com o mundo exterior e a natureza.

Ainda sobre a formulação de uma abordagem territorial do cerrado, que contemple a ação dos diferentes sujeitos, Chaveiro e Calaça (2011, p. 5) afirmam que,

A edificação de uma abordagem territorial do Cerrado, ao tomar como cerne, o seu uso e a sua ocupação, coloca como necessidade a compreensão de um jogo de mediações entre os atores e os sujeitos que agem nessa dinâmica; as suas intencionalidades e as estratégias ideológicas que lhes dão suporte; os pactos entre os atores e a participação do Estado; a relação entre as classes sociais e as diferentes estratégias de absorções de cada lugar no mundo dos negócios.

Essa afirmação legitima o papel preponderante dos atores na construção e desconstrução dos territórios. Nessa perspectiva Saquet (2007, p. 176) também afirma que,

Cada indivíduo, cada família, cada instituição pública ou privada, cada unidade produtiva e de consumo, de vida produzem relações históricas e multiescalares, de poder, territoriais, territorialidades que podem ser potencializadas para um desenvolvimento com mais autonomia, que incorpore a distribuição de terras, de capital, as diferenças culturais, a vida em sociedade e em natureza, sem medo, vícios, armadilhas.

O território desse modo é entendido por Calaça (2011) como,

[...] produto do processo de produção. Os atores territoriais planejam e executam projetos e ações em uma constante disputa com outros atores já territorializados num processo contínuo e permanente. É, portanto, lugar da materialização de ações e conflitos que se efetivam entre os diversos atores territoriais.

Inocêncio (2011, p. 58) dá sua contribuição ao dizer que “São os agentes sociais que produzem o território, através das relações travadas entre eles e o meio natural, por intermédio do trabalho, para produção do espaço de vivência do homem”. Nesse sentido Haesbaert (2004, p. 2) contribui quando diz que o território deve ser distinguido através dos sujeitos que de fato exercem poder, pois são eles que controlam os processos sociais que o compõe.

A partir dessa acepção é que entendemos o cerrado, enquanto elemento propulsor dos conflitos entre os atores que se territorializam nele, para empreender suas intenções, sejam elas de natureza econômica, política ou cultural. No caso de Quirinópolis, o cenário para esses conflitos é a produção de cana-de-açúcar, feita nos moldes da modernização conservadora da agricultura, expressa pelo que Calaça (2010) chama de territorialização do capital.

Raffestin, nas suas formulações sobre o território também considera a importância dos diversos atores na produção do território. Para ele, “Do Estado ao indivíduo passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontra-se atores sintagmáticos que produzem o território. (...) Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem “território” (1993, p. 152). Nesse sentido, entendemos ser coerente uma análise da Comunidade do Salgado a partir dos diferentes atores que exercem influência direta ou indiretamente na mesma.

No que se refere ao conceito de território, o autor avança quando tira do Estado o monopólio do poder, que é para ele e muitos autores um elemento intrínseco da formação do território. Essa idéia de Estado como única fonte de poder era defendida por Ratzel em sua Geografia política Clássica, e criticada por Raffestin (1993) em “Por uma Geografia do Poder”. Ratzel (apud Maia 2010, p. 4) acreditava,

Que o território seja necessário à existência do estado é coisa óbvia. Exatamente porque não é possível conceber um estado sem território e sem fronteiras é que vem se desenvolvendo rapidamente a geografia política; e embora mesmo a ciência política tenha frequentemente ignorado as relações de espaço e a posição geográfica, uma teoria de estado que fizesse abstração do território não poderia jamais, contudo, ter qualquer fundamento seguro.

Nessa afirmação está explícita a idéia do território vinculado ao poder estatal, mas se este for entendido como a única fonte de poder, então o território só pode existir a partir do Estado. É aqui que reside a crítica de Raffestin, porque para ele todas as relações são lugar de poder, portanto, ele existe nas diferentes relações estabelecidas por diferentes sujeitos. Nesse sentido o território não se restringe ao estado, mas pode ser construído no interior dessas relações.

Para o autor,

A partir do momento em que o estado = político, a categoria do poder estatal sendo superior a todas as outras, o estado pode vir a ser a única categoria de análise. Dizer que o estado é a única fonte do poder é, como dissemos, uma confusão, mas também um discurso metonímico. Ou o estado detém o poder e é o único a detê-lo; ou é o poder superior e é preciso construir a hipótese de poderes inferiores (Raffestin, 1993, p. 16).

No que se refere à relação do Estado com o território, Fernandes (2009, p. 200) afirma que, “o território compreendido apenas como espaço de governança, é utilizado como forma de ocultar os diversos territórios e garantir a manutenção da subalternidade entre relações e territórios dominantes e dominados”. Inocêncio (2011, p. 61) dá sua contribuição quando diz que “o aparato institucional do Estado não deixou de ser capaz de engendrar ações que afetam profundamente o espaço, para dentro e para fora dos seus limites territoriais”.

Raffestin (1993) afirma que “O território, (...) é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. Para o autor “o poder é, parte intrínseca de toda relação. (...) “O poder está em todo lugar; não se englobe tudo, mas vem de todos os lugares”. Ele afirma ainda que,

O poder se manifesta por ocasião da relação. É um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois pólos fazem face um ao outro ou se confrontam. As forças que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo: o campo do poder. (...) O campo da relação é um campo de poder que organiza os elementos e as configurações. (1993, p. 16).

Para muitos autores, o grande problema nas formulações de Raffestin está no entendimento que ele tem do espaço. Para ele,

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço (1993, p. 143).

Nessa perspectiva o espaço é tomado como receptáculo das relações de poder, produzindo assim o território. Em Saquet (2007, p.77) constatamos uma crítica a essa formulação quando o autor afirma que Raffestin entende o espaço como "... substrato, palco pré-existente ao território. No entanto, para Saquet o espaço geográfico não é apenas palco, receptor de ações, substrato. "Ele tem um valor de uso e um valor de troca, distintos significados e é elemento constituinte do território, pois eles são indissociáveis". Sobre a relação entre essas duas categorias, Inocêncio (2011, p. 57) afirma que "o espaço revestido da dimensão política, afetiva, econômica e jurídica e do poder, constitui o território".

Ainda para Saquet,

O espaço e território são vistos como ligados e indissociáveis. O processo de territorialização é um movimento historicamente determinado; é um dos produtos socioespaciais do movimento e das contradições sociais, sob as forças econômicas, políticas e culturais, que determinam as diferentes territorialidades, no tempo e no espaço, as próprias desterritorialidades e reterritorialidades (2007, p. 127).

Para Saquet, a territorialidade e a territorialização está presente no movimento de circulação e reprodução do capital, expressa em Quirinópolis pela produção de cana para o setor sucroalcooleiro. Na concepção do autor a territorialidade resulta, condiciona e caracteriza o território, sendo este, portanto, nas palavras do autor "produzido espaço-temporalmente pelo exercício do poder por determinado grupo ou classe social, ou seja, pelas territorialidades cotidianas". O autor afirma que,

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola etc., resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos,

objetos, relações (2007, p. 129).

Em outra obra o autor afirma que para identificar e explicar os territórios e as territorialidades é preciso destacar,

[...] a heterogeneidade e os traços identitários de certos grupos sociais, considerando-se, sempre, como já chamamos a atenção, a processualidade histórica e relacional. São territórios concomitantes e sobrepostos que se caracterizam pelo controle e pelo domínio, pela apropriação e pela referência, pela circulação e pela comunicação, ou seja, por estratégias sociais que envolvem as relações de poder, materiais e imateriais, historicamente constituídas (Saquet, 2009, p. 85).

Nesse sentido, entendemos que os produtores da Comunidade do Salgado, como parte integrante do município de Quirinópolis, exercem uma territorialidade, numa relação dialética com o território. Estabelecem, nesse sentido, o seu território com novos arranjos e tessituras a partir das relações que estabelecem com o poder público, empresas privadas, cooperativas, serviços da rede urbana, dentre outros.

Sobre a territorialidade Haesbaert (2004, p. 3) afirma que ela, “como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado”.

Vale ressaltar que as contribuições de Haesbaert (2004, p. 1) sobre o território, também tem como elemento chave o poder, para ele “território, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”. Sobre essa categoria Foucault afirma que,

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a idéia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado (2008, p. 141).

Para Foucault o poder é relacional, ou seja, está em todas as relações. O poder não se exerce de cima para baixo, sem uma capilaridade de baixo para cima (2008, p. 142). Viana, entretanto, afirma que,

O poder só pode ser compreendido como relação de dominação, o que implica a existência de dominantes e dominados. Entretanto, essa relação entre dominantes e dominados não pode ser compreendida como uma relação entre “iguais” como dá a entender Foucault. Existe uma mediação nessa relação. Entre o dominante e o dominado existe a detenção do poder pelo primeiro (apud Maia, 2010).

Para os dois autores o poder está intrínseco as relações, entretanto, o que diferencia Viana é a idéia de que essas relações não se dão entre iguais. Nessa perspectiva Marques (2003, p.47) afirma que os atores,

[...] definem instrumentos de poder diferenciados para os atores políticos potenciais, tornando alguns deles mais capazes de fazer valer seus interesses do que outros, além de conduzir alguns atores potenciais em direção à irrelevância”.

Há, portanto, uma verticalidade mediada pelos instrumentos de poder dos diversos atores, que se efetiva na desigualdade de atuação dos mesmos nas relações que estabelecem com as esferas da sociedade.

A idéia de que o poder está em todas as relações é apontada por Maia (2010, p. 10-11) como um problema, pois para ele,

Se as concepções que restringem o poder e o território ao estado não compreendem as várias dimensões e escalas que estes assumem, aqueles que lhes retiram o monopólio não compreendem que o poder é um tipo de relação entre os seres humanos. Não é o único, nem é eterno. Esta afirmação implica em considerar que as relações sociais entre os seres humanos podem ser mediadas por relações de poder (sendo relações de dominação e exploração) e/ou podem ser relações fundadas na igualdade concreta entre os seres humanos, em relações de solidariedade, fraternidade entre grupos, comunidades etc.

Longe de esgotar esse debate, priorizamos nesse momento por ressaltar as concepções sobre território apontadas por outros autores, embora, nossa análise territorial sobre o cerrado contemple o poder exercido pelas relações estabelecidas da/na comunidade, com os demais atores que participam direta ou indiretamente da territorialização do grande capital em Quirinópolis.

Haesbaert afirma que,

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes /sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a igreja (2004, p. 3).

É importante destacar também que nas formulações do autor sobre o território está presente uma dimensão simbólica quando este diz que “ [...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”“.

Nessa linha, Santos também afirma que,

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (2007, p. 14).

É nesse sentido que empreendemos uma análise da Comunidade do Salgado, não apenas do ponto de vista funcional das dinâmicas econômicas potencializadas pelos atores hegemônicos do capital que atuam no município, mas também dos elementos simbólicos da territorialidade dos seus sujeitos. Essa dimensão simbólica presente na apropriação da Comunidade do Salgado é de acordo com Haesbaert (2006, p.120), obtida através das identidades territoriais, da identificação que os grupos sociais que a compõe desenvolveram com os seus espaços de vivência. Vale ressaltar Saquet (2010) quando afirma que, “a identidade é construída coletivamente pelos sujeitos locais, interagidos entre si e com o milieu

e significa uma forma para, politicamente, potencializar as ações e os recursos para o desenvolvimento”.

A apropriação do território do cerrado por grupos que visam sua função puramente utilitária e funcional possui um caráter de dominação, pois não há um verdadeiro sentido social e uma relação simbólica e identitária, o que iria caracterizar apropriação. Desse modo, as comunidades locais com todo o seu aporte cultural e simbólico na sua relação com o território tendem a se reinventar para resistir, nesse cenário de disputa. Nesse sentido Saquet afirma que,

O território é produto histórico entre a sociedade e a natureza; tem um caráter político muito forte, em direção à constituição da sociedade local, articulada, mas com capacidade de autogestão, valorizando a natureza, a ajuda mútua, o pequeno comércio, a autonomia, o trabalho manual do agricultor, os saberes populares, a cooperação, os marginalizados, o patrimônio cultural-identitário, a biodiversidade, as microempresas, enfim, a vida... (2010, p. 117).

Ainda nessa perspectiva Silva (2007, p. 298) afirma que, “o território funciona como fonte de recursos naturais e sociais, de apropriação política, simbólica e jurídica da natureza (e do seu uso) e de arranjos sociais que se transformam ao longo do tempo”.

No entanto, Santos (2004, p. 4) ressalta que para os atores hegemônicos “o território adquire muitas vezes tamanha força que combina com intensidades iguais funcionalidade (“recurso”) e identidade (“símbolo”)”. Até porque, nas palavras de Haesbaert (2007, p. 50) “uma abordagem utilitarista de território não dá conta dos principais conflitos do mundo contemporâneo”.

Nessa perspectiva, pautando-nos nas análises de (Haesbaert, 2006 p. 121) entendemos que, as dinâmicas territoriais presentes em Quirinópolis e na Comunidade do Salgado, proveniente da inserção do Setor Sucroalcooleiro, podem ser vistas como fruto de um território sobre o qual se exerce não apenas um controle físico, mas também por laços de identidades simbólicas dos povos que gestam o cerrado com seus sabores e saberes. Haesbaert sintetiza essa questão da seguinte forma,

Podemos, então, sintetizar, afirmando que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-

econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando (2006, p. 121).

Entretanto, o autor nos alerta que, há uma multiplicidade de escalas no mundo contemporâneo, o que nos leva a conceber a existência de múltiplos territórios e territorialidades, imbuídos de diferentes escalas de poder e identidade. Isso nos leva ao interesse de compreender quais são as escalas de poder que atuam na Comunidade do Salgado, mediadas pelos diferentes atores. Essa inquietação surge de Saquet, quando afirma que,

É fundamental reconhecer as identidades, as desigualdades e as diferenças; a unidade na diversidade e a diversidade na unidade, numa abordagem (i) material do (s) território(s), da(s) territorialidade(s) e da(s) temporalidades(s), que reconheça o movimento histórico, relacional, multidimensional, transescalar e transtemporal, no intuito de subsidiar a elaboração de propostas, ações e atividades para um desenvolvimento com mais justiça social (2011, p. 90).

Essas dinâmicas territoriais presentes em Quirinópolis e impulsionadas também pelas Comunidades Locais, são possíveis a partir das redes. São elas que permitem uma atuação mais intensa dos atores, uma vez que dispõe de elementos fundamentais para manter o atual modelo produtivo e as relações estabelecidas entre esses atores. O território está atravessado pelas redes, numa relação dialética.

Na contribuição de Raffestin (1993) percebemos que o autor concebe o território como materialidade, a partir da construção das malhas, nós e redes, que delimitam campos de ações, de poder, nas práticas espaciais. Comprovamos isso quando ele afirma que,

O território {...} não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável, mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias (Raffestin, 1993, p. 7-8).

Para ele a relação entre o poder do estado, das diversas organizações como cooperativas e bancos, as empresas e os indivíduos configura o que ele chama de “Sistema Territorial”. Segundo Saquet, (2010),

Os sistemas territoriais permitem assegurar a coesão de territórios e o controle de pessoas e coisas. As tessituras, os nós e as redes são subconjuntos que sustentam as práticas espaciais, tanto econômica como política e culturalmente, revelando a produção territorial.

Para compreender melhor o conceito de rede e sua relação com o território, pautamos em Haesbaert (2006) quando afirma que,

O conceito de rede nasce com o próprio capitalismo, e os primeiros pesquisadores que irão utilizá-lo aparecem no século XIX, quando tentam explicar determinadas formas espaciais disseminadas pelo novo sistema: redes de transporte cada vez mais articuladas, vários tipos de rede dentro das cidades [...] diversas redes técnicas construídas para destruir e reordenar territórios que, com o surgimento do imperialismo, irão incluir os próprios circuitos do capital financeiro.

Para o autor “[...] uma das características das redes é que elas formam apenas linhas (fluxos) que ligam pontos (polos), jamais preenchendo o espaço no seu conjunto, muitos são os interstícios que se oferecem para outras formas de organização do espaço”. Corrêa define o conceito de rede como “o conjunto de localizações sobre a superfície terrestre articulado por vias e fluxos”.

Para Saquet,

As redes são reais e virtuais, ao mesmo tempo. Reais, porque geram fluxos materiais através de estradas, ferrovias, portos e aeroportos. São virtuais, porque propiciam a articulação, apesar das distâncias que separam os lugares; são fluxos invisíveis, como o financeiro e o de imagens.

Para Dematteis (apud Saquet 2010, p. 114), “A rede não tem nem centro nem limite regional definido; hoje com a internacionalização da economia e das trocas culturais, a rede tende à dimensão planetária”. Saquet (2010) complementa afirmando que “Há uma relação de complementaridade entre o local e o global, sem anular o território” ou seja, para o autor “As condições de cada lugar ou os valores específicos, locais, são constantemente transformados em valores universais através de organizações territoriais cristalizadas em rede...”.

Há que se considerar nessa análise a pluralidade de sujeitos existentes nos territórios, que estão numa relação envolta de reciprocidade, contradição e unidade entre si. Essa relação se dá numa gama de lugares imbricados e constituídos por indivíduos, símbolos e identidades distintas, que constituem as redes. Para Saquet (2010, p. 158),

Os elementos basilares do território, ou seja, as redes de circulação e comunicação, as relações de poder, as contradições e a identidade, interligam-se, fundem-se uma nas outras numa trama relacional (multitemporal e multiescalar) indissociável. Os sujeitos se interagem com a natureza exterior ao homem.

Numa outra obra Saquet (2011, p. 84), afirma que “a circulação é fundamental na reprodução ampliada do capital, ou seja, é ponto de partida e de retorno, mediação o movimento perpétuo de produção e valorização do capital”. Para Dias (2003), “a rede aparece como o instrumento que viabiliza exatamente essas duas estratégias: circular e comunicar”.

Sobre o caráter das redes, Dias alerta que não há uma rede máxima, constituída da totalidade, antes, porém ela resulta de “coações técnicas, econômicas, políticas e sociais”, ou seja, dos múltiplos interesses dos agentes que a gestam. Nas palavras da autora,

Os fluxos, de todo tipo – das mercadorias às informações pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conexão – qualidade de conexão -, que tem ou em que há conexão, ligação. Os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referencia... é antes de tudo pela conexão que a rede solidariza os elementos. Mas ao mesmo tempo em que tem o potencial de solidarizar, de conectar, também tem de excluir (2003, p. 148).

Analisar a dinâmica territorial do município de Quirinópolis enquanto integrante do processo de territorialização do capital em Goiás significa usar como categoria de análise o território usado, vivido, instável (Silva, 2007 p. 299). Nesse sentido as redes possuem um papel de destaque, pois para o autor,

As contradições e conflitos se situam no plano das redes, ou seja, dos fixos e fluxos (objetos e ações) e de seus significados funcionais e simbólicos. Sua singularidade e historicidade derivam do arranjo das redes funcionais, econômicas, técnicas, políticas e culturais.

Percebe-se então, que na concepção do autor, são os vários tipos de rede que determinam a singularidade dos territórios, uma vez que as contradições e os conflitos que ocorrem neles são orientados pelas redes. São elas que favorecem as ações dos atores hegemônicos, regionais, e locais, cujos interesses são os mais variados.

Numa sociedade com economia altamente globalizada, há a constante busca pela configuração de novos territórios, pelos agentes do capital. Na concepção de Saquet (2010, p. 28),

São as forças produtivas e as relações de produção, na expansão do capitalismo, que configuram o território. Essa organização é mediada por relações políticas, que envolvem os conflitos oriundos das relações capital-trabalho. O território num primeiro plano, é um produto socialmente organizado e, num segundo, é condição para a valorização do capital.

Essa busca é articulada pelas redes que podem ser de dimensão planetária, regional ou local, sendo que para Haesbaert (2006, p.123) identificá-las é muito importante para se entender as organizações territoriais vigentes. Entende-se então, que as estratégias desses agentes podem atuar em escalas que vão além do lugar e da região assim como afirma Sposito (2004 p. 24),

A organização do território, compreendida como o conjunto de possibilidades de ação, dadas pela distribuição e arranjo, em cada momento,

de objetos naturais e técnicos das mais variadas idades, quantidades e qualidades, obedece às estratégias dos agentes que podem usar em escalas que vão além do lugar e da região.

Dentro desse arranjo composto pelos objetos naturais e técnicos, identificar escalas não é uma tarefa simples, dada à multiplicidade dos atores e a complexidade das relações econômicas da sociedade contemporânea. No entanto, acreditamos ser possível uma análise que busque o confronto entre as ações dos atores envolvidos na dinâmica territorial da Comunidade do Salgado, impulsionada pelo avanço do Setor Sucroalcooleiro dominado pelos atores hegemônicos do capital, e influenciada também pelos atores regionais como o estado e as empresas privadas, e locais como as cooperativas, associações, dentre outros.

1.3 A territorialização do capital no Cerrado, políticas públicas e a análise da implantação do setor sucroalcooleiro em Quirinópolis

Todas as questões que estamos apresentando, nos leva a refletir sobre o caráter e o papel do Estado, já que ele é coadjuvante na relação entre o capital e os atores que vivem no cerrado. Suas ações de incentivos fiscais, facilidades para captar recursos, fomento de pesquisas, fornecimento de infraestrutura de transporte e comunicação, dentre outras, viabilizam o trabalho das grandes empresas e legitima as intenções do grande capital de forma a fortalecer a estrutura econômica vigente.

Sobre as políticas públicas voltadas para a territorialização do capital em Goiás, destaca-se II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER), essas políticas impactaram fortemente o Cerrado e colaborou para a sua atual configuração territorial.

O POLOCENTRO que existiu de 1975 a 1982, selecionou doze áreas do Cerrado, com base nos critérios de potencialidade agrícola e infraestrutura. Os projetos aprovados receberam linhas de créditos a juros baixos, entretanto, não significou distribuição de renda porque contemplava apenas os grandes latifundiários, servindo assim, para fortalecer a estrutura fundiária vigente.

Os incentivos do programa promoveram a expansão da agricultura comercial e fomentou o desenvolvimento de tecnologias específicas a partir das características pedológicas do cerrado, obviamente, com intuito de viabilizar o aumento da produção a

baixos custos, com vistas a uma maior margem de lucro. Há que se considerar, portanto, que a questão ambiental, no que tange a preservação do bioma cerrado e sua biodiversidade, ficou em segundo plano, tal fato significou em perda de áreas nativas e de biodiversidade.

Em sequência a criação de Políticas Públicas para o desenvolvimento econômico do país, criou-se o PRODECER em 1979, esse programa foi financiado com recursos brasileiros e da Agência Japonesa de Cooperação de Desenvolvimento (JICA), viabilizado por crédito supervisionado com taxas de juros reais, voltado para os investimentos, assistência ao colono e as despesas operacionais.

O principal objetivo do PRODECER era o desenvolvimento e implantação de um modelo de produção agrícola que atendesse a lógica produtiva do grande capital nacional e internacional, para isso era preciso ser eficiente e permitir a melhoria da região, entretanto, há que se questionar os resultados, porque o processo de implantação foi permeado por inúmeras contradições, expressas nos problemas ambientais e nas desigualdades econômicas e sociais.

Entende-se que a territorialização do capital no Brasil, juntamente com os projetos de urbanização que visavam o crescimento das cidades grandes e médias contribuíram para o êxodo rural nas décadas de 60 a 80. Outro fato que pode ser evidenciado é a modernização da agricultura, que prioriza o cultivo para exportação em sistemas modernos de produção, excluindo do processo produtivo aqueles que não possuem capacidade técnica e gerencial para competir com o agronegócio.

No que se refere ao desenvolvimento do Setor Sucroalcooleiro no Brasil, sabe-se que ele se intensificou nas últimas décadas devido à busca por fontes de energia que sejam adequadas a preservação do meio ambiente. O uso da cana-de-açúcar para fabricação de biocombustíveis atende a essa necessidade, e para garantir a alta produtividade com vistas ao desenvolvimento econômico do grande capital, usa-se a mecanização da colheita favorecida em Goiás pelo relevo que é plano.

A realização dessa atividade em larga escala, promove um reordenamento das configurações territoriais no Cerrado, e estabelece uma nova ordem proveniente da racionalidade do capital imbuída de conhecimentos tecnológicos, suscitando uma contraracionalidade dos povos que gestam o cerrado com seus saberes, suas práticas, sua cultura e sua força de resistência.

No que tange a essa produção, Lima (2010, p.13) afirma que ela é a “terceira atividade mais importante da agricultura no Brasil no que se refere a área colhida, sendo superada apenas pela soja e pelo milho”. Entretanto, sua atual forma de produção acarreta problemas

sociais e ambientais que comprometem a qualidade de vida das populações locais, o bioma cerrado já apresenta uma considerável degradação, devido ao desmatamento e a perda da biodiversidade, o que irá influenciar negativamente a vida das futuras gerações.

Dentre os problemas ambientais gerados por essa monocultura, destaca-se a contaminação dos solos e das águas pelo uso da vinhaça como fertilizante natural. O seu uso potencializa e aumenta a produção, porque contém propriedades como água, potássio e matéria orgânica, entretanto, possui grande potencial para poluir. Todos esses fatores apontam para a necessidade de fazer estudos detalhados que mostrem o grau de vulnerabilidade do solo goiano, uma vez que há diferenciações, não obstante, deve-se analisar os recursos hídricos a fim de adotar medidas mitigadoras contra a contaminação.

Sobre a forma de produção desse setor da agricultura, ressalta-se que nos últimos anos ele é o que mais tem sofrido modificações técnicas, a modernização da agricultura proveniente do modelo capitalista se expressa na forma da colheita que conta agora com uma forte mecanização, embora, há áreas que ainda fazem o corte manual. A confluência de todos esses processos converge para alterações na divisão social do trabalho, acarretando aos trabalhadores novas exigências de produção e qualificação, o que de certa forma diminui a rotatividade da mão-de-obra. Vale ressaltar que muitas dessas mudanças atingem positivamente a economia local, pois a dinamização da economia gera receitas para os cofres públicos.

No contexto de expansão desse setor Quirinópolis participa com a atuação da Usina São Francisco (USF)¹¹ e a Usina Boa Vista (UBV)¹². De fato, a entrada dessa atividade proporcionou para o município um salto em seu crescimento econômico, gerou novos empregos, abriu portas para qualificação de profissionais e dinamizou o comércio, entretanto, não se pode negligenciar os graves problemas ambientais expressos na devastação das áreas nativas de cerrado, não obstante, pode-se citar ainda os problemas urbanos no setor de transporte e moradia, ocasionados pela falta de infra-estrutura adequada as novas demandas produtivas.

Segundo Mendonça (2005), desde o final do século XX, o território brasileiro vem passando por um processo intensificado de interiorização do Modelo Capitalista de Produção, responsável pela instauração de uma lógica que atende aos anseios de uma economia mundializada, desterritorializando povos, ao impor novas formas de se relacionar com a natureza.

¹¹ Localiza-se a aproximadamente 23Km da sede municipal, e está em operação desde abril de 2007.

¹² Localiza-se na rodovia Quirinópolis-Paranaiguara, e está em operação desde 2008/2009.

Nesse sentido, o bioma cerrado tomado aqui também enquanto território apresenta-se como propulsor das intenções do grande capital nacional e internacional, empresas estrangeiras cada vez mais se territorializam no cerrado, trazendo consigo uma carga ideológica que se expressa em suas artimanhas, desterritorializando povos e desarticulando modos de vida.

Há que se considerar as propostas de desenvolvimento contidas em seus discursos, entretanto, essa consideração deve pautar-se, prioritariamente, nas necessidades e anseios da sociedade em geral e não apenas da ínfima parcela que detém os meios de produção, é preciso reconhecer a legitimidade das comunidades locais que gestam o território do cerrado.

Os povos do cerrado imersos no jogo desigual dos agentes econômicos do capital são colocados em posição de subalternidade, sendo forçados a abrirem mão de suas terras e de seus outros meios de produção, para dar lugar a uma modernização que não reconhece a legitimidade desses povos e de seus saberes.

Mendonça (2005) nos alerta ainda que o processo de modernização dos meios de produção que chega ao Cerrado pressiona as comunidades locais por meio de uma proposta de desenvolvimento que visa o acúmulo de riqueza nas mãos de uma minoria e o empobrecimento dos trabalhadores camponeses.

Esse modelo produtivo ignora o cerrado enquanto território produzido historicamente por povos que exerceram modos de vida regidos pelas possibilidades do tempo e do espaço. Tais povos são vistos de forma estigmatizadas pelo olhar do grande capital, expresso nas grandes corporações e empresas nacionais e multinacionais, que buscam um desenvolvimento a partir da exploração humana e dos recursos naturais.

Observa-se, então, que o Cerrado está sendo configurado a partir de desigualdades econômicas, sociais e ambientais, ao mesmo tempo em que ele promove riqueza para uma minoria, provoca uma destruição considerável do bioma, bem como os modos de vidas das populações locais.

Entender o Cerrado no bojo dessas questões requer considerá-lo a partir das diferentes formas de concebê-lo, ou seja, há os que o enxergam como recurso para os investimentos capitalistas, inclusive o capital internacional, divergindo dos interesses dos povos tradicionais que depositaram no cerrado suas expectativas de sobrevivência, nessa relação entre esses distintos olhares é que surgem os conflitos sociais, políticos, econômicos, sociais e culturais.

Segundo Mendonça (2005, p. 6), “A (Re)estruturação Produtiva do Capital promoveu a ruptura de um véu que preservou até os dias atuais núcleos societários que possuíam uma

organização produtiva nas roças sertanejas desvinculadas dos fundamentos do modelo econômico capitalista”.

Desses fatores resultam conflitos provenientes da desterritorialização e reterritorialização expressa na divisão do trabalho sobre o território Cerradeiro. O cumprimento das promessas de desenvolvimento através da instalação das grandes empresas fica comprometido diante do avanço desenfreado dos empreendimentos sobre as pequenas propriedades de caráter familiar. Tais propriedades se desfazem e dão lugar a complexos sistemas produtivos, e os trabalhadores camponeses sentem-se forçados a ir para a cidade em busca de novas formas de sobrevivência, contribuindo para emergir problemas urbanos de toda ordem.

As condições pedológicas da Comunidade do Salgado, ainda não atraem o avanço da monocultura da cana-de-açúcar em seu território, ou seja, não há forças produtivas capazes de incorporar essa área, pois o declive é mais acentuado e o solo mais arenoso, entretanto, a atuação desse setor nas proximidades da mesma exerce uma influencia que passa pela alteração de modos de vida, pois há uma nova configuração territorial na região, e alcança o sistema produtivo uma vez que boa parte da dinâmica econômica do município é impulsionada pelo setor sucroalcooleiro.

CAPÍTULO 2 DINÂMICA TERRITORIAL DA COMUNIDADE DO SALGADO EM QUIRINÓPOLIS: UM CAMPO DE FORÇAS MEDIADO POR ATORES SINTAGMÁTICOS¹³

Este capítulo apresenta discussões acerca dos atores envolvidos na territorialização do capital no município de Quirinópolis que interessam para a nossa proposta de análise bem como os que exercem influência na dinâmica territorial da Comunidade do Salgado. Entendemos que o território deve ser compreendido a partir das tramas desenvolvidas no seio das disputas territoriais. Essas disputas são inerentes ao processo mundial de territorialização do capital, e no cerrado elas se efetivam numa relação conflituosa, em que diferentes interesses se mesclam na ação dos diferentes atores. Essa análise parte da proposta metodológica que está sendo desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Agrárias e Territoriais – NEPAT. Nas discussões sobre essa metodologia Calaça (2011), propõe uma análise integrada do território na perspectiva de que este,

[...] resulta das ações entre os diversos atores que se territorializam num processo histórico-espacial em contínua transformação. A territorialização é articulada e dominada pelos interesses dos atores hegemônicos, que disputam com os atores já territorializados, e busca impor a sua lógica.

Nessa proposta, urge a necessidade de identificar os atores que de alguma forma articularam e articulam ações na dinâmica territorial da Comunidade do Salgado no contexto da territorialização do capital em Quirinópolis, expressa na produção de cana-de-açúcar para o Setor Sucroalcooleiro. É preciso conhecer suas reais intenções, alianças, possibilidades e estratégias. Concordamos com Calaça (2011) quando diz que, “O território resulta da execução dos programas e ações empreendidos pelos diversos atores territoriais segundo seus interesses, alianças e articulações”.

Nesse sentido, entendemos a comunidade como território que se recria ao longo do tempo a partir das relações estabelecidas no contexto em que está inserida. Portanto, há que se desvendar as ações empreendidas na mesma, tanto pelos agentes internos, quanto os externos. É preciso considerar também, as possibilidades proporcionadas pelos recursos naturais, pois o cerrado enquanto bioma oferece aos agentes do capital a base para efetivar suas ações. Em

¹³ Expressão utilizada em Raffestin (1993).

geral esses recursos são apropriados pelo capital num viés economicista, em que há negligência quanto à preservação ambiental e cultural. Outros aspectos que devem ser levados em conta são a infraestrutura e a logística de que dispõe o município, uma vez que sem elas não é possível estabelecer as redes que mediam a territorialização do capital.

A metodologia para análise do território citada anteriormente, parte da premissa de que os atores territoriais estão agrupados em “atores hegemônicos, regionais e locais”. Para Calaça (2011), os primeiros são os agentes do capital nacional e multinacional que atuam em geral em parcerias com outros atores nacionais e regionais, no caso da nossa análise nos pautaremos nas Usinas presentes em Quirinópolis e nas empresas que compram o leite dos pequenos produtores da comunidade, dentre elas a Perdigão e a Italac. Não pretendemos esmiuçar as políticas de ação desses atores, tampouco, fazer uma caracterização sucinta dos mesmos, nossa análise pretende evidenciar a relação entre eles e a dinâmica territorial da Comunidade do Salgado.

Para o autor os atores regionais são as empresas que atuam na escala regional, ou seja, intermunicipal, nesse caso pode-se citar a Cooperativa Agrovale, a Casa da Abelha e as empresas que fornecem produtos agropecuários, como por exemplo, a Comigo. Em relação aos atores locais, Calaça (2011) entende que eles constituem-se de uma base bastante ampla que vão desde as pequenas empresas até os membros da sociedade em geral. Nessa análise eles são expressos pela ACROOPS, os pequenos produtores de leite da Comunidade do Salgado e os membros da sociedade Quirinopolina, que de uma forma ou de outra participaram do desenvolvimento econômico do município.

2.1 A mudança na cadeia produtiva de Quirinópolis: diferentes olhares e um novo contexto

A dinâmica territorial da Comunidade do Salgado em Quirinópolis é impulsionada também pelas contradições advindas do processo de transformações econômicas que ocorrem no município desde a instalação da primeira usina de cana-de-açúcar. Até esse período, o setor econômico era, prioritariamente, regido por outras atividades agrícolas, tais como a pecuária, produção de soja, sorgo e leite. Embora essas não tenham deixado de existir, as estatísticas (Tabela 1) mostram que houve uma diminuição da quantidade colhida dessas culturas a partir de 2004.

ANO	Quantidade de produtos agrícolas colhidos (ton)			
	Soja	Sorgo	Milho	Arroz
2004	80.550	6.600	39.000	1.400
2005	66.600	7.850	44.480	1.600
2006	50.000	4.500	34.300	2.000
2007	25.000	5.400	35.400	400
2008	58.400	9.920	31.500	375
2009	56.700	5.220	24.750	750
2010	60.000	2.660	25.200	360
2011	54.000	1.560	32.000	250

Fonte: SEPIN, 2012. **Elaboração:** SANTOS, H.C.

A implantação das Usinas de Açúcar e Álcool e das lavouras de cana-de-açúcar ocupou áreas, antes usadas para o cultivo de arroz, milho, soja e sorgo (tabela 2), implicando na redução da produção de grãos no município. Ou as terras foram arrendadas para os produtores de cana, ou os proprietários passaram a produzi-la.

ANO	Área Plantada dos Principais Produtos Agrícolas (ha)				
	Soja	Sorgo	Milho	Arroz	Cana
2009	21.000	2.900	4.500	300	49.700
2010	20.000	1.400	3.500	150	55.000
2011	20.000	650	4.000	100	61.000

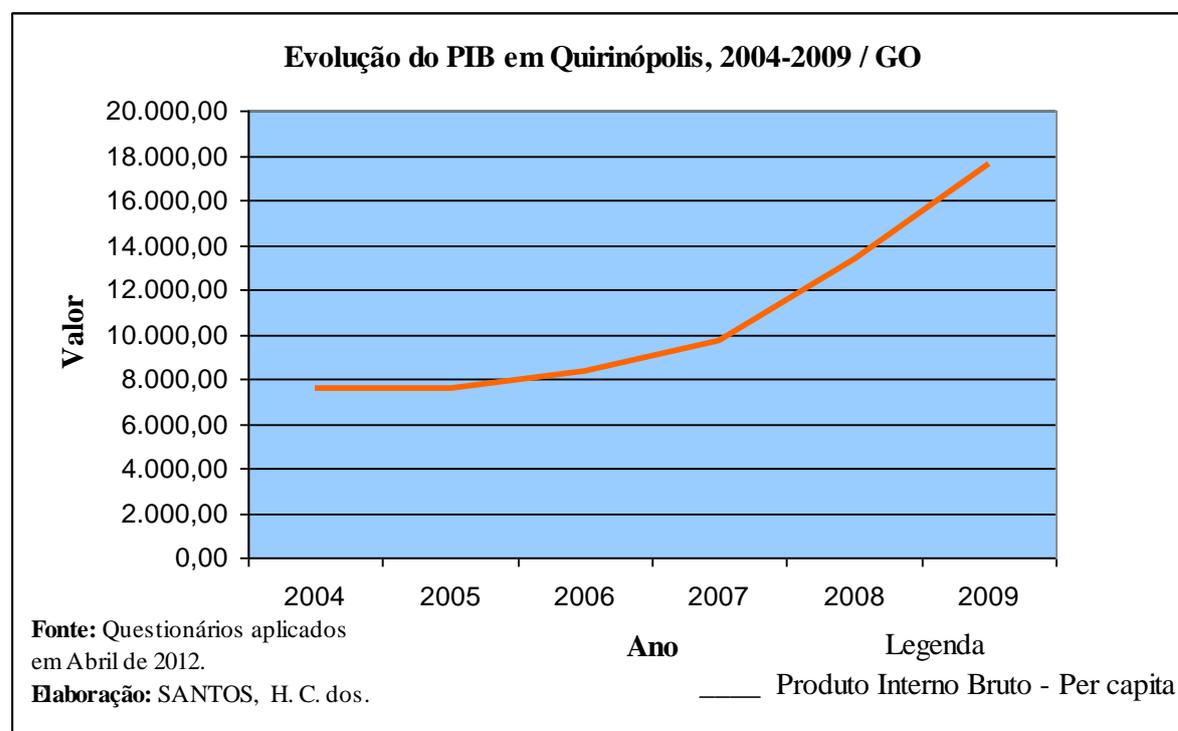
Fonte: Prefeitura de Quirinópolis, 2012. **Elaboração:** SANTOS, H.C.

Houve a transição de uma economia baseada na produção de grãos, leite e pecuária, para outra pautada, prioritariamente, na produção de cana-de-açúcar para atender ao mercado interno e externo do setor sucroalcooleiro, o que também contribui com o problema da Segurança Alimentar no país. Hoje essa atividade serve como sustentação das taxas de crescimento econômico do município, expressa na evolução do Produto Interno Bruto (PIB) (Gráfico 2) e como propulsora de várias transformações sociais e políticas que vem ocorrendo no mesmo.

O processo de mudança na cadeia produtiva no município evidentemente não ocorreu de forma harmoniosa, pois o município já dispunha de toda uma estrutura, de um meio técnico voltado para a produção de grãos e para pastagem. Com a alta demanda mundial no setor de biocombustível, os investimentos e subsídios para ele passaram a ocorrer em grandes proporções. Há uma política de investimento no setor, que vem se consolidando na medida em

que aumenta a demanda.

Gráfico 02 - Mostra a evolução do Produto Interno Bruto – Per Capita / 2004-2009.



Com isso o capital nacional e internacional busca apropriar-se de novas áreas, especialmente aquelas que já dispõem de infraestrutura e logística satisfatória, no caso de Goiás, ressaltamos a rede viária, a posição geográfica satisfatória no território brasileiro, o que facilita o escoamento da produção, e o relevo plano que permite a mecanização da mesma. O cerrado, que antes era visto como área inóspita e improdutivo, agora é palco para o que Calaça (2010) chama de Territorialização do Capital.

Em entrevista com algumas lideranças políticas do município que juntamente com outras pessoas que tinham e tem interesse no desenvolvimento do local, pudemos ter o relato de como se deu o processo de implantação das Usinas de Cana-de Açúcar em Quirinópolis. Ao fazermos um contraponto entre as falas, é possível perceber que há diferentes olhares sobre esse processo e seu desdobramento na dinâmica do município.

Um dos entrevistados, o presidente da Cooperativa Agrovale há 30 anos, possui uma visão racional do atual contexto de desenvolvimento do município. Para ele é preciso se prevenir para uma futura crise do setor em Quirinópolis, pois chegará o momento em que os atores hegemônicos deixarão essas áreas para incorporar outras. Segundo o presidente da cooperativa, “Terá um momento de desastre, porque o governo já não tem oferta de incentivos

fiscais, o governo federal já não tem mais oferta de recursos para investimentos, o usineiro não mora na cidade, portanto não tem preocupação com a população”.

A instalação das usinas em Quirinópolis ocorreu num contexto de crise econômica causada pela derrocada na produção de soja. Os produtores enfrentavam grandes problemas com a ferrugem asiática, que a partir de 2000 atingiu praticamente todo o território brasileiro. A estrutura fundiária apresentava um contexto em que boa parte dos produtores era arrendatários, estes passaram a devolver a terra para os proprietários, que também estavam descapitalizados. Ninguém queria plantar nos outros anos, pois o custo da produção ficou muito alto devido a grande quantidade de defensivos que tinham que ser utilizados.

Outra situação relevante para a nossa análise, apontada pelo presidente da Agrovale, era o fato de que no município havia muitos proprietários de terra com atividades pecuaristas. Eles usavam uma estratégia que consistia em utilizar os arrendatários para produção de grãos e melhorias de sua pastagem. Então quando a atividade agrícola propiciava a melhora da pastagem, os pecuaristas tomavam a terra para pastagem e disponibilizava outra terra degradada para o agricultor. Esse é outro motivo apontado para a crise na agricultura no município.

Com toda essa problemática na cadeia produtiva de grãos, houve uma queda no preço das terras, muitos proprietários queriam vender suas propriedades, mas não tinha quem comprava, os arrendatários que tinham máquinas financiadas queriam vendê-las para quitar os financiamentos, mas não conseguiam. Então esse cenário de catástrofe era propício para a entrada de um novo setor que fosse mais promissor, era a fragilidade perfeita para os especuladores do mercado de biocombustível engendrar sua força. Para os produtores e proprietários do município, a entrada da cana-de-açúcar, representava a saída para a crise econômica que estavam vivendo.

Segundo os entrevistados os proprietários arrendaram suas terras para outros produtores e uma pequena parcela vendeu para empresários que se tornaram produtores. Então as pessoas que venderam ou alugaram sua terra estão satisfeitos, pois o valor da terra ficou bastante alto, uns vão para a cidade gastar o dinheiro, outros se tornaram empregados nas próprias usinas, mas há aqueles que vendem suas terras por um preço que dá para comprar o dobro em outras regiões do Brasil, especialmente, na região norte.

Segundo relato do senhor Avenir, alguns proprietários venderam suas terras e compraram outras no Estado de Tocantins. Ele afirma que, “mais ou menos uns dez produtores de Quirinópolis saíram pra mexer com rebanho fora, está indo principalmente para o Tocantins”. Para o presidente da Agrovale, isso é um problema porque,

Vai ter um momento que essas pessoas que acostumou a viver da terra, e depois com o aluguel da terra e depois com o dinheiro da venda da terra, não estão preparados para encontrar uma grande dificuldade, aí vai ser um problema social.

O senhor Avenir que na época da instalação da primeira usina era presidente do Centro de Desenvolvimento de Empreendedores Livres de Quirinópolis e hoje trabalha como contador para a grande maioria dos empresários do local participou de todo o processo. Ele relata que em meados de 2003, estiveram no município representantes da Usina São Francisco e após um estudo sistemático da região anunciaram a escolha do município. Em 2004, ano de eleição, havia uma forte disputa política entre os partidos PFL, PMDB e PP, todos queriam tomar partido da instalação da usina para se promoverem politicamente.

De acordo com o relato do senhor Avenir, havia uma preocupação muito grande da população em relação à produção de cana, pois conheciam o exemplo de Santa Helena, que para eles não era satisfatório, pois as estradas foram prejudicadas, havia nas rodovias muito lixo proveniente da produção, o cheiro forte da vinhaça e a mosca que atacava o rebanho dos pecuaristas. Para não encontrar resistência junto a comunidade, a usina preparou uma visita à sua sede em Araras, de representantes civis e pessoas com capacidade de formar opinião. O senhor Avenir faz o seguinte relato da visita,

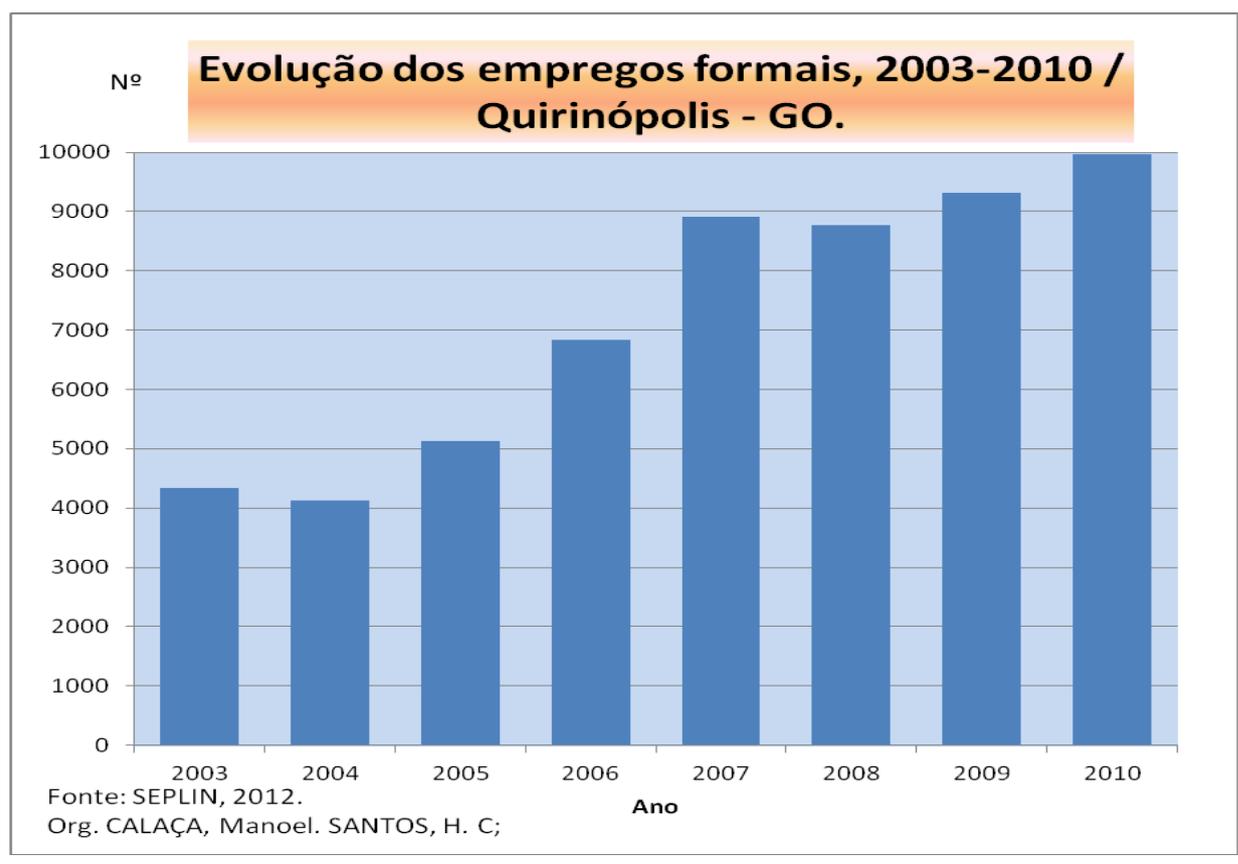
Chegaram e mostraram tudo pra nós lá, sistema de tratamento, por que que aquela vinhaça dá aquele mal cheiro, porque que não dá, mostrou tudo, a produção de energia, o sistema das mosquinhas de combate a broca, mostraram tudo mesmo, o sistema de prevenção de acidente, ambulância com médico acompanhando nós na lavoura enquanto a gente visitava, uma atenção excepcional, quer dizer, aquilo encheu nossos olhos realmente.

Ao decidirem pelo município, os usineiros buscaram junto ao governo estadual subsídios do Programa Produzir, que segundo a Secretaria de Indústria e Comércio consiste em, “incentivar a implantação, expansão ou revitalização de indústrias, estimulando a realização de investimentos, a renovação tecnológica e o aumento da competitividade estadual” (2012). E também do Programa Fomentar que “tinha o objetivo de incrementar a implantação e a expansão das indústrias para a promoção do desenvolvimento do Estado” (2012). Além disso, eles contavam também com os incentivos do governo federal, do FNDS e

incentivos fiscais. Isso reforça a ação do Estado como agente mediador da economia.

O município contava com uma gama de fatores satisfatórios para a implantação das usinas, os quais já citamos aqui, no entanto era preciso garantir mão de obra qualificada para o setor, pois houve sim um aumento significativo na oferta de empregos conforme aponta o gráfico 03, o que atraiu também migrantes especialmente da região norte e nordeste do país.

Gráfico 03 – Evolução dos empregos formais, 2003 – 2010 / Quirinópolis – GO.



Diante dessa necessidade as lideranças políticas buscaram o apoio de entidades como o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que trabalham com a capacitação de profissionais para o mercado, hoje o município conta com uma unidade do Serviço Social da Indústria (SESI), que surgiu de uma parceria entre usinas e prefeitura, e recebe apoio de empresas como a Mercedes que doou máquinas e motores para incrementar a formação.

Todas as estratégias dos usineiros demonstram a força do grande capital. Para alcançar seu objetivo de acumulação eles mudam conceitos, desterritorializam sujeitos, transformam práticas e modos de vida, desarticulam saberes, mudam a estrutura e a logística, provocam danos ambientais, em nome do desenvolvimento. Não se trata de negá-lo, no entanto, há que

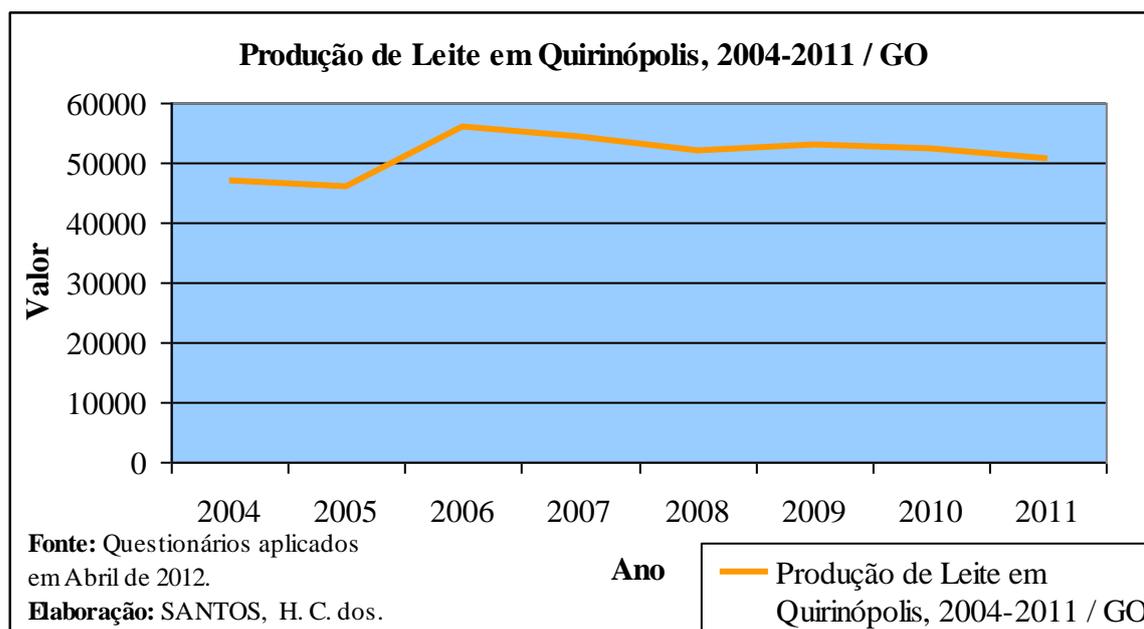
se questionar para onde está indo de fato a renda gerada pelas usinas? Até quando o município será rentável para o setor? Há uma política séria de fortalecimento da economia local para uma possível crise no futuro?

Para o presidente da Agrovale, as usinas não preocupam com o município e sim em instaurar sua lógica, com fins estritamente lucrativos. Conforme foi comprovado anteriormente, a cana-de-açúcar entrou apropriando-se das áreas que eram utilizadas no cultivo de grãos, transformando o meio técnico científico. O presidente afirma que,

A grande dificuldade que nós temos hoje, é que as usinas quando aluga a terra ela tira todas as benfeitorias que são as cercas de arame, os currais, a própria moradia, elas retiram a benfeitoria porque eles incentivam o sujeito a retirar sem o sujeito perceber, porque assim fica muito mais difícil de o produtor voltar novamente para aquela atividade.

Para ele, uma forma de fortalecer o município seria os empresários fazerem a cada reforma da cana-de-açúcar rotação de cultura, ou seja, o plantio da soja e também poderiam vender o excesso da produção a um preço menor. Com isso haveria a melhora da terra e possibilitaria a permanência de outros segmentos do agronegócio, bem como o aparato viabilizador da produção, tais como pequenas empresas de suplementos agrícolas, manutenção mecânica e a permanência no mercado de outros profissionais. Segundo o entrevistado, as usinas “não tem interesse, porque se eles fomentarem isso, o sujeito estando com uma boa capitalização eles se tornaram concorrentes deles”.

Embora os dados não demonstrem uma queda significativa na produção de leite no município, conforme aponta o gráfico a seguir, o presidente da cooperativa afirma que houve uma diminuição na captação do produto de 200 para 70 mil litros de leite desde 2004. Ele aponta como fator principal a entrada da cana-de-açúcar que também incorporou áreas dantes utilizadas na produção do leite.

Gráfico 04 – Produção de leite (mil L) / 2004 – 2010, Quirinópolis – GO.

Percebe-se que de 2004 a 2006, exatamente no momento da instalação da primeira usina em Quirinópolis, houve um salto relevante na produção. Entretanto, a partir dessa data o setor apresentou uma relativa queda e manteve-se estável até 2010. No que se refere à produção de leite, outro fator que influenciou negativamente o setor em Goiás, é a política severa de concessão de subsídios fiscais adotada por outros estados, especialmente, Minas Gerais e São Paulo (Lima, 2005).

Outra informação dada pelo presidente da Agrovale, relevante na cadeia produtiva do leite no Brasil é a participação de grupos estrangeiros nos investimento voltados para o setor. No caso de Quirinópolis podemos citar a empresa LBR, ela recebe muito capital estrangeiro o que possibilitou a compra de empresas que atuavam no local como a PARMALAT e a LEITBOM. A PERDIGÃO também atua no local e mesmo voltada para carne, se apresenta como uma das maiores captadoras de leite no país. A disputa entre essas empresas e a Nestlé, empresa suíça que é a maior produtora de leite do Brasil, afetam o mercado do produto em Quirinópolis, e conseqüentemente, a Cooperativa Agrovale. Na visão do presidente dessa entidade, essas empresas atuam longe do produtor, não dá condições para ele se fortalecer, ao contrário da cooperativa que investe em formação tecnológica, humana e organizacional.

No que tange as disputas territoriais entre as empresas que atuavam em Quirinópolis antes da entrada da cana-de-açúcar, citamos também o caso das empresas que dependiam da soja no município. O caso mais emblemático é o da SELECTA e o da DM. Segundo os relatos do senhor Avenir essas empresas contribuíram muito com os produtores de soja, trazendo

inovação tecnológica e conhecimento na área. As duas deixaram de atuar no município, por fatores ligados a produção de cana-de-açúcar, no entanto, o senhor Avenir afirma que a SELECTA, investiu de forma errada na bolsa de valores, ficando assim descapitalizada. As empresas que adquirem a soja do município hoje são a SELECTA, a CARAMURU e a CEREAL de Rio Verde.

Outra questão que deve ser lembrada é que havia no município três representantes de máquinas agrícolas voltadas para o setor de soja, mas com a queda na produção dessa cultura houve a diminuição no uso das mesmas e das oficinas que davam manutenção a elas. Isso porque a produção de cana-de-açúcar exige máquinas mais pesadas, Houve, assim, a entrada de outras empresas mais especializadas.

Todo esse cenário nos leva a concluir que mudanças profundas ocorreram e estão ocorrendo em todos os setores de Quirinópolis. O boom de desenvolvimento advindo com a entrada da indústria sucroalcooleira valorizou a terra, os imóveis, atraiu investidores, dinamizou a oferta de serviços como salão de beleza, clínica de estética, laboratórios, clínicas odontológicas e mecânica em geral, atraíram lojas de eletrodomésticos, bancos, supermercados, farmácias, concessionárias de veículos, dentre tantos outros. Mas também aumentou a demanda por serviços de saúde, educação, transporte e segurança, o que exige do poder público maiores investimentos nessas áreas, e políticas adequadas à realidade local. O Atual Secretário de Administração afirma que,

...a cana, ela chega passando por tudo isso, ela traz um multiplicador muito grande, geração de emprego muito alta, distribuição de renda muito alta, as conseqüências também são muito “boas”, porque vem uma migração muito forte, e acompanhada de tudo isso, inflaciona tudo, inflaciona a saúde, os mercados inflaciona, os alimentos sobem, o serviço público fica saturado, o servidor que cuidava apenas do grampeador, agora tem cuidar do calendário, do telefone da calculadora, ele tem que ser praticamente um multiuso, não tem como trabalhar somente num segmento.

De acordo com o secretário, o município se preparou para essas transformações, nas palavras dele, “... a estrutura foi se adequando conforme a demanda, não foi um processo que se fez pra receber, de acordo com a demanda o município foi absorvendo”. Houve a descentralização dos atendimentos médicos com a ampliação dos postos de saúde, de três para quatorze unidades. Com o aumento na oferta de empregos, intensificou-se a chegada de migrantes oriundos, especialmente, da região norte do país, levando a criação da

Superintendência do Migrante, em 2011. Ela é ligada a Secretaria de Assistência Social, que segundo o secretário foi a que mais sofreu alterações. Dela surgiu o CRAS – Centro de Referência e Assistência Social, cuja finalidade é receber o migrante, acompanhá-lo, encaminhá-lo para um emprego ou para cursos profissionalizantes nos órgãos de formação que possuem convênio com a prefeitura.

A sociedade Quirinopolina passou a experimentar uma nova dinâmica impulsionada pela gama de oportunidades que surgiram com a entrada das indústrias. Havia tentativas de desenvolver o município, mas na parte da agricultura e pecuária, nesse aspecto o senhor Avenir reconhece que a empresa que mais tentou desenvolver Quirinópolis foi a Cooperativa Agrovale. Antes da entrada das indústrias, muitos faziam cursos na Universidade Estadual de Goiás (UEG), mas eram obrigados a ir trabalhar em outros lugares, porque a oferta de emprego era mais baixa. Outros iam buscar os cursos que não eram oferecidos pela UEG e também melhores condições de vida, por exemplo, em Minas Gerais. Segundo o senhor Avenir,

...com essa vinda das usinas a gente começou a ver essa situação mudar, as pessoas retornando, tivemos um aumento na renda per capita significativa, o volume de motocicleta, a quantidade de veículos, isso mudou estupidamente. A expansão de veículos foi tão grande que nesse meio de tempo também, a gente tava participando daquele programa de desenvolvimento das cidades que foi feito pelo governo federal e governo do Estado, pra poder fazer o plano diretor do município.

No entendimento do Presidente da Cooperativa Agrovale,

Esse boom de desenvolvimento e valorização das terras, dos lotes e casas, um dia vai ter um basta, um baque, e terá uma sobra de trabalhadores, mas os usineiros não vão sofrer com isso, porque já tiveram todos os incentivos, e vão alegar que a culpa não são deles e sim do mercado, porque ele é quem regula. Isso é uma característica da história da cana-de-açúcar que se iniciou há 500 anos aproximadamente.

Nessa conjuntura, não se pode negligenciar alguns problemas sociais como o aumento na criminalidade, no uso de entorpecentes, inclusive o CRAK, apontado hoje como um grave problema social, o aumento no número de moradores de rua, prostituição, dentre outros.

Compreendemos que o aparelho estatal, ao realizar políticas de desenvolvimento local está possibilitando a ascensão dos indivíduos e a melhoria na qualidade de vida, entretanto, deve assumir o compromisso de garantir políticas voltadas para amortizar os problemas.

A questão da falta de segurança apresenta-se como um dos maiores problemas em Quirinópolis, e tem sido pauta de discussões políticas. Sobre isso o senhor Avenir, que também é Presidente do Conselho de Segurança, afirma que, “...hoje é a maior briga pra conseguir dinheiro e recurso para aumentar o efetivo nas ruas, quer dizer a prefeitura colabora, as usinas colaboram, as empresas também, tudo para pagar hora extra para os policiais”.

De acordo com o presidente, o grande problema é a falta de efetivo e de dinheiro para pagar hora extra para os policiais, inclusive no caso da polícia civil além do pouco efetivo, faltam equipamentos. Já houve casos de faltar arma, colete e viatura pra polícia, mas hoje esses problemas diminuíram quanto aos veículos à situação é satisfatória. Nas palavras do senhor Avenir,

...o município preocupou em preparar mão-de-obra para atender as usinas, preparar o nosso trabalhador, o governo do estado ofereceu o programa produzir para as usinas, mas o investimento na educação não atende a demanda que temos então essa é uma situação crítica essa da segurança.

Diante dessa problemática o Conselho de Segurança do município tem reivindicado um novo presídio para a cidade, uma nova delegacia, unidade do corpo de bombeiros e clínica de recuperação de dependentes químicos, pois o município conta apenas com duas entidades religiosas voltadas para esse fim. Outro problema, que merece destaque, agravado após a entrada da monocultura da cana é o ambiental. Em Quirinópolis consta que praticamente não há mais áreas de APPs, pois muitas ou foram usadas pela usina ou os proprietários usam para outras culturas, já que boa parte de sua propriedade está arrendada para a monocultura da cana. Sobre a prática do desmatamento o presidente da Agrovale alerta que,

...de dia você passa numa propriedade e você vê as árvores, quando você voltar no outro dia você não vê mais, daí pensa o quê que aconteceu. Eles furam um buraco tão grande e enterra a árvore, madeira boa, que poderia ser utilizada, aí sumiu, são grandes empresas, não acha os donos, as ONGs são “convencidas” a não incomodar. A sociedade não percebe, o prefeito está

vibrando com a renda, a prefeitura arruma a estrada pra eles, onde eles vão buscar cana, quando eles estão buscando cana, eles fazem questão de arrumar as estradas bem na época da chuva, porque aí a população acha bom, isso faz parte do jogo.

O Zoneamento Agroecológico da Cana-de-açúcar tem como ponto negativo o fato de o cerrado permanecer como espaço prioritário de expansão da monocultura da cana. Isso faz desse bioma um hotspot no jogo das disputas territoriais, e suscita ainda mais a preocupação com a questão ambiental, já que o mesmo além de possuir uma biodiversidade riquíssima, apresenta-se como um dos biomas mais ameaçados do mundo.

No que diz respeito à rentabilidade da monocultura da cana em comparação com outras atividades como produção de grãos e pecuária, acredita-se que ela é bem superior. O senhor Antônio afirma que,

[...] na hora que você vê hoje o resultado de um alqueire de cana, um alqueire de soja, e um alqueire de milho, ou então produção de rebanho bovino, a gente vê que realmente o resultado de quem mexe com a cana, nesse momento ele é bem superior, chega as vezes dá quase duas vezes o resultado de uma outra área de expansão dessas, em termos de produtividade.

No entanto, o presidente da Cooperativa Agrovale entende que as outras culturas podem ser mais rentáveis do que a cana, desde que haja investimento tecnológico na produção. A vantagem é que elas propiciam mais o fortalecimento do município, porque emprega melhor e gira mais recurso na sociedade. Para o presidente,

A rentabilidade da cana-de-açúcar está mais lucrativa do que qualquer negócio, a não ser daqueles que estão produzindo muito bem, tanto na pecuária de corte quanto na pecuária de leite, mas são poucos os que produzem bem, porque nós somos muito mais extrativistas, não somos produtores de carne e de leite, mas se utilizar adequadamente a pecuária de corte dá mais renda do que a cana-de-açúcar. Se utilizarmos adequadamente a pecuária do leite, dá mais renda do que a cana-de-açúcar, mas nós, o costume nosso é colocar o gado no pasto e deixa lá a vontade, e não dá nenhum tratamento pra ele, e ele vai até engordar e entrar no abate.

Quando questionamos ao presidente da cooperativa sobre as possibilidades de

investimento em tecnologia para o grande e o pequeno produtor, ele afirma que no caso da pecuária de leite,

Tecnologia existe com sobra das melhores, e a maior tecnologia, por exemplo, para gado de leite, é uma água limpa, a outra melhor tecnologia é uma sombra de árvore, são tecnologias que não custam quase nada, e a gente vê propriedades aí há vinte, trinta anos, e o dono não cuidou de plantar uma árvore.

Nesse sentido, ele relata que a cooperativa vem atuando bastante para buscar a melhoria do conhecimento técnico por parte do produtor, disponibilizando técnicos agrícolas, veterinários, e agrônomos, para desenvolver um trabalho de capacitação técnica junto aos produtores. Para ele a cooperativa investe no produtor local e busca fortalecê-lo, mas muitos não compreendem que são donos da cooperativa, por isso, não engendram força para fortalecê-la também. No caso das usinas ele entende que há uma concentração de renda muito grande e que a grande parte dessa renda, não é voltada para o município. Diferentemente dele, o Secretário de Administração afirma que há sim uma distribuição de renda. Acreditamos que as indústrias abrem portas para outras atividades, dinamizam o município, aumenta a renda per capita, mas a maior parte da renda fica concentrada nos proprietários.

Na cidade são notórias as transformações que ocorreram e continuam ocorrendo após a entrada da cana-de-açúcar. O crescimento econômico é expresso na elevação do Produto Interno Bruto, há uma rede de serviços para atender as demandas da população e, enfim, há um movimento impulsionado pela agroindústria da cana. No entanto, faz-se necessário orientar ações de fortalecimento da economia local, investindo em outras atividades, bem como dos pequenos produtores que giram seus recursos no município, a exemplo podemos citar os da Comunidade do Salgado. É preciso aparar as arestas para que o município não fique saturado no futuro.

2.2 Comunidade do Salgado: um campo de forças mediado por atores sintagmáticos

Neste tópico faremos uma explanação sobre a atuação de alguns atores na Comunidade do Salgado. A intenção é mostrar que esse território é dinamizado pela ação de diferentes sujeitos que possuem objetivos variados, num jogo conflitante de interesses que ultrapassam a escala local. Esses atores exercem sua territorialidade recriando esse território numa dinâmica

intermitente e dialética. Analisar a ação desses atores na Comunidade significa entender como esse território se transforma num contexto de disputas territoriais geradas pela economia global, expressa na região pelo setor sucroalcooleiro e pelas empresas que captam o leite.

Desse modo, nos ateremos a alguns atores que de forma direta ou indireta, que é o caso das usinas, empreenderam ações na comunidade. Não vimos necessidade de esmiuçar todos os aspectos desses atores, portanto, o texto apresenta aqueles que são pertinentes a nossa análise. Em primeiro lugar discutiremos sobre a Cooperativa Agrovale que teve uma atuação bastante intensa na Comunidade com o projeto Tanque Cheio, tal projeto propiciou mudanças significativas nas formas de produção do leite na comunidade. Em seguida, nos pautaremos na Casa da Abelha, uma cooperativa recente que se formou a partir do rompimento da cooperativa Agrovale com o projeto tanque cheio. Logo, falaremos das Usinas de cana-de-açúcar que atuam na região, e por fim, na ACOOPS.

2.2.1 Cooperativa Agrovale

A Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Vale do Paranaíba – AGROVALE é de suma importância para análise da problemática proposta, porque desempenhou ao longo de sua existência um papel preponderante no desenvolvimento econômico do município de Quirinópolis e da Comunidade do Salgado. Desse modo, faz-se necessário caracterizá-la quanto a sua história, sua organização e aos princípios que regem sua prática.

De acordo com seu estatuto, a Agrovale é uma cooperativa singular de responsabilidade limitada na forma preceituada no Art. 1095, e é considerada mista por apresentar mais de um objeto de atividades. Sua sede administrativa é na Comarca da cidade de Quirinópolis, e sua área de atuação abrange os municípios de Quirinópolis, Cachoeira Alta, Caçu, Itajá, Itarumã, Paranaiguara, Gouvelândia e São Simão podendo ultrapassar esses limites, mas de forma que atenda as possibilidades de reunião, controle, operação e prestação de serviço.

Quanto aos objetivos sociais da Agrovale, o estatuto aponta três que dão embasamento as suas ações, o primeiro é o estímulo, o desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades de interesse econômico de caráter comum, o segundo é a venda em comum da produção de seus associados nos mercados locais, nacionais, e internacionais e a compra em comum, ou produção de bens de consumo para distribuição aos seus associados. Por fim, o outro objetivo social diz respeito à prestação de serviço, que envolve a assistência técnica ao produtor.

Para cumprir com esses objetivos a Cooperativa dispõe de uma série de ações, que

segundo o estatuto são,

O transporte dos produtos agropecuários de seus associados, do local de produção para as suas dependências; cabe-lhe também receber, beneficiar, padronizar, armazenar, industrializar, comercializar, expurgar a produção de seus associados, armazenada ou não na cooperativa; produzir e comercializar sementes fiscalizadas, certificadas e mudas selecionadas; proceder a produção de artigos destinados ao abastecimento dos seus associados, através do processo de transformação, beneficiamento, industrialização e/ou embalagem; fazer adiantamento em dinheiro, sempre que possível, sobre o valor dos produtos recebidos dos associados, ou que estejam em fase de produção; obter recursos para fazer financiamento de custeio de lavouras, e investimentos pelo repasse de crédito rural, sempre que possível; registrar-se ou contratar outros serviços de que necessite ou tenha interesse; receber em regime de consignação, ou representação comercial, insumos agropecuários, máquinas e implementos agrícolas utilizáveis na atividade econômica de seus associados; participar de empresas cooperativas ou não para atendimento de objetivos acessórios ou complementares; filiar-se a outras congêneres, centrais ou não, integralizando capital e assumindo os direitos e obrigações por eles estabelecidos.

A Cooperativa Agrovale atuou na comunidade com o programa Tanque Cheio, que consiste em uma estratégia de gestão de competências no meio rural, na cadeia produtiva do leite, fazendo uso da consultoria técnica agropecuária personalizada, continuada e em rede, junto às famílias de produtores rurais. Segundo representantes desse projeto, ele vai além do assessoramento técnico, é um projeto de vida e de transformação humana.

A Agrovale era a instituição âncora do programa e sua participação deve ser evidenciada na nossa leitura da comunidade, pois teve um importante papel no aprimoramento da produção leiteira e no desenvolvimento do capital social dos cooperados. Sua principal visão é a de ser uma cooperativa de referência no processo de desenvolvimento da região onde atua, a partir de ações fundamentadas na cooperação, união e respeito ao meio ambiente e ao ser humano. Ela tem a missão de viabilizar o desenvolvimento sustentável dos cooperantes, auxiliando em soluções tecnológicas, com ações coletivas e cooperação mútua.

O programa busca potencializar as propriedades valorizando os talentos humanos, dinamizando os processos e formando uma rede de gestão integrada, que visa incluir socialmente as famílias dos pequenos produtores rurais, facilitando o acesso aos conhecimentos necessário para melhorar sua qualidade de vida. Busca-se com o programa priorizar a construção e manutenção de uma rede de assessoramento técnico e

comportamental às famílias. O grande desafio é fazer com que os produtores aumentem a produtividade, a produção, o lucro e a qualidade de vida dos envolvidos.

Sobre os saberes tradicionais, o programa entende que é fundamental considerá-lo, pois existe uma relação tácita de conhecimento, do produtor com sua forma de produção, construída a partir da observação e no processo de experiência prática, dos seus antecessores. A dinâmica é incentivar a socialização dos conhecimentos, para, a partir daí, os técnicos prestarem a assessoria. Para o programa, se a ciência não contar com esse conhecimento, ela apresentará uma limitação no processo evolutivo, mesmo possuindo aporte teórico e metodológico mais elaborado.

O tanque cheio é baseado no desenvolvimento do capital social, que para Bordieu é,

(...) o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis (apud Costa 2005, p.5).

Nesse sentido, vale destacar que as ações do programa consistem em várias etapas que vão desde a coordenação, até a condução das atividades de campo, capacitação dos técnicos e famílias até a avaliação dos resultados. Para tanto foi implantada uma rede composta por grupos de famílias, técnicos de nível médio, nível superior e em desenvolvimento humano, cozinheiras para as reuniões, equipe de apoio e coordenação e instituições parceiras como o SEBRAE.

No que se refere ao capital social essa rede deve trabalhar na tentativa de estabelecer um conjunto de valores informais, que sejam comuns aos membros e que permita a cooperação entre eles, dentro de relações sociais confiáveis e fundamentadas em valores como reciprocidade e ajuda mútua, sendo que os benefícios devem ir para além da esfera econômica.

Uma das ações do programa consiste na realização mensal nos grupos de famílias, de uma reunião, cujos, participantes são os integrantes do projeto, nesse dia todos almoçam juntos, tem palestras e oficinas o dia todo. A empresa Agrovale só atuava em sua área, para entrar na parte da Comunidade que fica em Rio Verde eles pediram permissão a COMIGO,

porque ela teria mais direito de atuar nesse município.

Uma veterinária que atua no projeto afirma que, a grande preocupação era que os produtores estavam sem saída, e muitas regiões cercadas por grandes propriedades devido à chegada da cana-de-açúcar, inclusive a Comunidade do Salgado, forçando-as a entregar, arrendar ou vender a terra. Outro grande problema eram os filhos, que não viam futuro como produtores, e atualmente alguns estão voltando para comunidade depois de formados, e estão vendo que a produção pode dar retorno. Ela informa que a normativa 51¹⁴ trouxe definições que alteraram a forma de produção, com ela ficou obrigatório o resfriamento do leite e o controle da porcentagem de proteínas, o que facilitou a atuação do projeto, uma vez que os produtores teriam que se adequar as novas exigências e para isso precisavam do conhecimento possibilitado pelo projeto.

Uma profissional que atua com a parte de desenvolvimento social, considera que a Comunidade do Salgado é referência na atuação do programa, porque teve um crescimento considerável, que provocou mudanças de caráter comportamental. Ela afirma que as pessoas são simples, mas tem muita sabedoria e esse crescimento tem deixado todos muito felizes, pois o programa tem como objetivo o crescimento pessoal do agricultor e realiza um trabalho simples, mas que está tendo muito êxito. Nas reuniões usam jogos, brincadeiras e dinâmicas sempre com o objetivo de deixarem as pessoas falarem o que sentem.

Ela relata que muitas vezes mais aprenderam com os produtores da comunidade do que ensinaram, com o passar do tempo criaram um vínculo com essas famílias e estas passaram a ter confiança nas pessoas do projeto, há uma relação de reciprocidade na confiança. Segundo ela, o trabalho na Comunidade do Salgado engrandece a todos, há uma busca pela valorização do que eles têm na propriedade, busca-se também um aumento da auto-estima, e tentam mostrar que não desperdiçar os recursos pode ser enriquecedor. As reuniões são iguais nas mesmas comunidades, eles percebem a realidade e às vezes mudam os objetivos, ou às vezes aplicam o que prepararam nas mesmas, mas os resultados são diferentes.

Em uma entrevista com o técnico em agropecuária responsável pelos que participam do Tanque Cheio na Comunidade do Salgado, tivemos o relato de que houve mudanças das práticas agrícolas, no que se refere ao manejo de pastagem, manejo sanitário, manejo da ordenha e manejo do canavial, com adesão a novas técnicas e novos saberes. São 4 horas de

¹⁴ Instrução Normativa nº 51 de 18/09/2002 resolve, “ Artigo 1º Aprovar os Regulamentos Técnicos de Produção, Identidade e Qualidade do Leite tipo A, do Leite tipo B, do Leite tipo C, do Leite Pasteurizado e do Leite Cru Refrigerado e o Regulamento Técnico da Coleta de Leite Cru Refrigerado e seu Transporte a Granel, em conformidade com os Anexos a esta Instrução.”

orientação realizadas duas vezes ao mês. O objetivo é promover a qualidade de vida e aumentar a produção. No manejo de pastagem, tem o sistema rotacionado, em que o pasto é dividido em vários piquetes, coloca os animais em lactação, depois é retirado e repassado para outro piquete, aduba com uréia ou nitrogênio, o piquete que está vazio.

A comunidade se relacionava com a cooperativa bem antes da implantação do projeto, pois os produtores sempre adquiriram os produtos e serviços da mesma, compravam suplementos e contratavam os técnicos para receber assistência técnica, entretanto, foi após o projeto que os laços se estreitaram. Ele trouxe um novo olhar às formas de produção na comunidade e a convivência dos produtores com a família, as empresas e a sociedade em geral. Isso porque o trabalho realizado propiciou uma reflexão sobre aspectos, que não se limitaram as questões técnicas, ou seja, questões concernentes a convivência familiar estavam sempre presentes nas pautas das reuniões, com o objetivo de envolver a família na produção.

2.2.2 Casa da Abelha

No início do ano de 2011, a cooperativa Agrovale abre mão do projeto Tanque Cheio, alegando redução de custos, entretanto, numa conversa informal com um membro da diretoria e em entrevista com uma das coordenadoras do projeto, foi possível perceber que houve conflitos internos entre a diretoria da Agrovale e a equipe do Tanque Cheio, o que culminou no fim da participação da instituição no projeto. O projeto tanque cheio era composto por líderes regionais que são representantes dos produtores formando o comitê de líderes, estes não se renderam com a saída da cooperativa e criaram a Casa da Abelha.

Uma das coordenadoras da Casa da Abelha, a senhora Eva, que trabalhou no Tanque Cheio durante a coordenação da cooperativa, e se demitiu da Agrovale após o fim dela na participação do projeto, explica que os representantes dos produtores começaram a pensar, aprenderam a falar sobre seus anseios e a desejar respostas diferentes para os seus questionamentos. Então a cooperativa não compreendeu e abriu mão do projeto, numa decisão que veio de cima para baixo, ou seja, sem a participação dos produtores, segundo afirma representantes da Casa da Abelha.

Como informado anteriormente, a Agrovale argumentou que o fim do projeto foi para reduzir despesas, vale destacar que a contrapartida dos produtores era por meio de uma mensalidade pela a assistência geral do projeto. Nas reuniões mensais, cada família pagava um valor de R\$ 15,00 pelo almoço, e os cooperados vendiam o leite para a Agrovale, num

preço menor do que receberiam de outras empresas, e todos os suplementos necessários para a produção e os mantimentos das famílias provinham da mesma.

Quando perguntamos a Eva, sobre a importância da participação da Agrovale no projeto, ela afirma que foi de grande valia, porque a cooperativa acreditou no projeto e o financiou até então. Entretanto, para ela, o grupo estava mexendo com a questão do poder dentro da instituição e isso começou a incomodar, enquanto que os objetivos do comitê de representantes dos produtores era ajudar. Segundo as informações dadas, eles elencaram uma série de fatores que precisavam melhorar e colocaram-se a disposição para contribuir e a partir daí o grupo passou a ser visto como ameaça pela administração da cooperativa.

O objetivo primordial da Casa da Abelha é dar assistência, assessoramento as famílias dos produtores para que elas tenham uma melhor qualidade de vida. Hoje ela já pode ser considerada uma empresa, pois tem CNPJ, e objetiva continuar as ações que foram implantadas pelo Tanque Cheio, com vistas a ampliar a rede de assessoramento, de assistência, diversificar a produção e criar uma marca própria que se chamará Colméia. A cooperativa tem uma sede que foi disponibilizada pela prefeitura, localizada na cidade (Foto 20).

Em relação à Comunidade do Salgado, segundo relatos da senhora Eva, consta que houve uma melhora extraordinária e um empoderamento que se expressa na busca por melhorias em todos os sentidos. Houve uma união do grupo, o empoderamento da região, o fortalecimento da comunidade, entretanto, esses fatores não a impede de reconhecer as lacunas que precisam ser preenchidas. Para Hugo, o projeto Tanque Cheio,

...surgiu para fazer o produtor permanecer no campo, hoje é um programa que tem aceitação porque o objetivo não é o lucro, mas sim a emancipação dos produtores, eles treinam os donos para eles não fiquem na zona de conforto, se um dia não tiver funcionários eles sabem se virar com pessoas que viviam em uma zona de conforto e que hoje cresceram muito.

Representantes da Casa da Abelha foram buscar junto ao poder público apoio para continuar o projeto, então ela foi reconhecida pela Câmara de Vereadores como instituição de utilidade pública. Quando da realização da entrevista em julho de 2011, a prefeitura estava prestes a fazer um convênio para a Casa da Abelha, devido a participação dos produtores na

audiência pública do orçamento. Ficou definido nessa audiência o repasse de quinhentos mil reais, que serão utilizados para contratar os técnicos de nível superior. Existem outras tentativas de parceria com o Banco do Brasil e o SEBRAE.

Foto 20: Sede da Casa da Abelha - Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, abril – 2012.

Quanto à relação entre a expansão da cana-de-açúcar e a cadeia produtiva do leite, Eva entende que houve uma falta de orientação muito grande por parte das instituições, porque muitos proprietários arrendaram 100% de suas propriedades para os produtores de cana, enquanto podiam arrendar parte delas e produzir o leite em outra, já que para essa atividade não são necessárias grandes áreas. Isso faria com que mais famílias permanecessem no campo.

Sobre a produção de cana na região, ela entende que é uma ameaça perigosa, porque ao mesmo tempo em que traz um desenvolvimento para o município em alguns aspectos, traz também muitos problemas, porque a renda gerada pela cana não fica no município, mas a do leite sim, pois o produtor gira todo o seu capital na cidade de Quirinópolis e/ou Rio Verde. Nesse sentido a Casa da Abelha é fundamental, uma vez que fortalece a comunidade enquanto grupo, dando mais subsídios para permanência das famílias no campo.

Em uma conversa informal com o senhor Ivandro da administração da Agrovale, tivemos uma versão, em parte diferente, da que foi apresentada pela representante da Casa da Abelha. Ele afirma que o projeto estava ficando caro para a cooperativa, pois ela era

responsável pelo pagamento dos técnicos de nível superior e pelo financiamento de toda a estrutura e logística necessária para manter o projeto, salvo a contrapartida dos associados. Segundo ele a diretoria fez uma relação de todos os gastos e levou até a equipe do Tanque Cheio sugerindo ações para diminuir as despesas, mas o grupo não concordou com a proposta, não quiseram se adequar e começaram a se impor e a ditar as regras dentro da instituição.

Ele relata ainda que a equipe se empoderou com o projeto, eles criaram uma subdivisão dentro da Agrovale, começaram a se reunir fora dela, a reivindicar um tratamento diferenciado dos outros associados e articular a formação de uma chapa para concorrer à presidência da instituição nas próximas eleições. Para ele a equipe do projeto estava criando uma espécie de embate político dentro da cooperativa. Houve a demissão do coordenador geral do projeto, e como eles estavam muito afinados nas discussões, outros membros se demitiram e formaram a Casa da Abelha.

O projeto proporcionou um marketing muito grande para a cooperativa, e ficou conhecido nacionalmente, para ele essa é uma das razões do apoio do poder público à Casa da Abelha, pois ela se tornou uma possibilidade de promoção e ascensão política. Questionei então, o porquê da cooperativa não ter tomado partido do projeto, já que poderia mexer na equipe e continuar atuando com as suas normas. A resposta foi que os líderes estavam muito bem articulados e afinados quanto às suas intenções, o que dificultaria a continuação do projeto junto aos produtores, caso a equipe fosse trocada.

Esse fim da participação da cooperativa no projeto ocasionou mudanças na rotina do produtor, pois os ex-cooperados tiveram que se reorganizar para adquirir os suplementos de outras empresas. Após a saída da Agrovale, os produtores estão vendendo o leite diretamente para a Perdigão (Foto 21), e os suplementos estão sendo comprados na CARGILL e COMIGO, que ficam em Rio Verde, e alguns na própria Agrovale. Os produtores se reúnem e compram no nome de apenas uma pessoa, pois assim fica mais fácil negociar o preço do produto e o frete.

Nesse encontro houve a presença do Secretário da Agricultura de Quirinópolis, ele foi convidado por dois produtores que foram até a prefeitura reivindicar melhorias nas estradas que dão acesso as propriedades. Para os coordenadores da Casa da Abelha esse ato demonstra um grande avanço no desenvolvimento social dos produtores. O secretário fez o compromisso de amenizar o problema das estradas antes do período da chuva, ele disse que faria o possível, pois há um déficit de maquinário na prefeitura que impede um trabalho de qualidade. Para o período de chuva desse ano, a prefeitura cumpriu parcialmente o que foi prometido, mas os produtores não sofreram tanto porque a quantidade de chuva foi mais baixa.

Foto 21: Foto que mostra o caminhão da Perdigão na captação do leite - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011.

As fotos 22 e 23 mostram respectivamente a veterinária da Casa da Abelha orientando os produtores que fazem parte do projeto, as formas adequadas do manejo do canavial e a textura e quantidade de cana que o animal deve alimentar. As orientações formam um conjunto de saberes que envolvem a importância da alimentação no tratamento do gado de leite, a quantidade de cada alimento e sua influência na produção, a textura da cana-de-açúcar, dentre outras informações. Entende-se que esses saberes dão novos significados aos dos produtores, ou seja, é a inserção de biotecnologia na produção ressignificando os saberes tradicionais. Nas imagens é possível observar que estão presentes na reunião a família, e não apenas os chefes das propriedades, pois para os coordenadores do projeto a família precisa estar inserida na produção.

Foto.22: Essa foto mostra a veterinária da Casa da Abelha, palestrando sobre as formas adequadas do manejo do canavial - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 23: Veterinária ensinando sobre a textura da cana e a quantidade correta que deve ser dada para alimentar o gado. Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011.

Em conversas com algumas famílias, percebemos que com o incentivo da Casa da Abelha, surgiu o interesse em diversificar a produção. Alguns estão implantando sistema de

criação de frango e outros estão organizando-se para implantar lavoura de mandioca. Atualmente ainda existem famílias que timidamente produzem polvilho, farinha de mandioca, e também produtos derivados da cana-de-açúcar como a rapadura, melado e outros doces. As fotos abaixo (24 e 25), é uma demonstração do processo tradicional de fabricação do polvilho.

Essa produção é voltada para consumo próprio e feita de forma bastante tradicional, apenas o excedente é vendido dentro da própria comunidade. A mandioca utilizada foi plantada na fazenda, e o processo de produção envolve toda a família. As vezes ela é feita em associação com vizinhos, em que uns fornece a matéria prima para os que possuem o conhecimento, transmitido entre gerações.

Foto 24: Mostra a massa da mandioca em decantação para separar o amido da água para fabricação do povilho. Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO –



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 25: Fécula de mandioca secando para produção de polvilho - Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

A Comunidade do Salgado é bem familiar, são pessoas que tem os mesmos ritmos e costumes, por isso é preciso ter cuidado na hora de implantar os projetos, porque mexe com uma série de valores e saberes. A inserção da tecnologia assusta os produtores, o projeto trabalha em rede e aglutina outros produtores, trazendo inovação. Na reunião mensal são suscitados novos assuntos que antes não se discutiam e isso enriquece bastante as pessoas da comunidade.

2.2.3 Usinas de Cana-de-açúcar: São Francisco e Boa Vista

As usinas São Francisco e Boa Vista, representam parte da força hegemônica do capital que atua no município de Quirinópolis. As duas usinas são oriundas do Estado de São Paulo, a São Francisco faz parte do grupo USJ e a Boa Vista do grupo São Martinho. O processo de implantação das mesmas ocorre durante a territorialização do capital em Goiás, conforme foi relatado anteriormente.

Sobre os fatores que justificam a escolha do município como sede dessas usinas, Santos (2011) afirma que,

As mudanças tecnológicas, os grandes incentivos oferecidos ao sistema sucroalcooleiro, as novas e grandes demandas de mercado pelo etanol carburante forçaram ao sistema produtivo fazerem um alargamento nas suas fronteiras produtivas, saindo das limitações de ofertas de novos espaços produtivos no Estado de São Paulo e da concorrência com outras culturas já consolidadas, a cultura da cana foi estimulada a migrar para a região do Triângulo Mineiro em Minas Gerais e outros estados da Região Centro-Oeste.

Desse modo, o capital hegemônico representado por essas empresas, via no lugar um potencial para empreender sua lógica. Eles tinham razão. Suas estratégias de implantação e fixação no lugar deram certo, isso porque são estratégias muito bem articuladas a economia global, aos seus próprios interesses e a realidade do local onde se pretende atuar. De acordo com relatos do senhor Avenir, representantes da usina São Francisco começaram a sondar e diagnosticar o município, aproximadamente dois anos antes da instalação da usina.

As lideranças políticas, comerciais e populares almejavam o desenvolvimento do município. Com a crise no setor de produção da soja, as pessoas que haviam arrendado terras queriam devolvê-las aos seus proprietários, já estes queriam arrendar as que estavam sendo usadas para plantação de soja. Com isso houve uma diminuição considerável no preço da terra e também uma maior disponibilidade desse recurso.

De forma geral, as usinas monopolizam o uso da terra por meio do arrendamento, e de forma reduzida possuem a propriedade da terra. A relação dos usineiros com a questão da terra foi bastante conflituosa, pois ao se apropriarem de propriedades por meio dos mecanismos inerentes a força do capital hegemônico, geravam como consequência a expropriação do camponês. Nesse conflito o território assume uma nova configuração em seu arranjo, a partir da territorialização que para Paulino e Almeida (2010) “... é sempre processo de conquista de frações do território capitalista, logo expropriação do camponês.”

Nesse contexto, Paulino e Almeida (2010) afirmam que,

O capital pode monopolizar o território sem territorialização e isso se dá quando o capitalista não é o dono da terra, mas cria as condições para sujeitar a renda da terra, onde aparentemente ela não existe, ou seja, na agricultura camponesa.

Ocorre assim a subordinação parcial do campesinato ao capital, parcial porque ocorre a sujeição da renda da terra, uma vez que é mantida a propriedade e o trabalho familiar que vai embutido no produto. Conforme aponta Paulino e Almeida,

“...a drenagem da riqueza produzida pelo trabalho camponês para as mãos do capitalista ocorre mediante a sujeição da renda da terra, porque, no caso do camponês, ele preserva a propriedade da terra e nela trabalha com a força de trabalho familiar. Logo, insere-se no mercado pelo seu produto, pelo trabalho contido no seu produto, donde a exploração não é direta como a do operário. Neste caso, mesmo que haja uma crescente dependência do camponês em relação ao capital, o que ocorre não é a territorialização, mas a monopolização do território pelo capital”.

O modelo capitalista de produção se contrapõe à agricultura camponesa, pois esta segundo Inocêncio é,

“... baseada em estabelecimentos agrícolas familiares; pequena extensão de terra; policultura; produção de alimentos; fonte de renda de produtores e trabalhadores e produção voltada para o abastecimento do mercado interno. O agronegócio é o modelo neoliberal de desenvolvimento do campo brasileiro sob o domínio dos bancos e transnacionais.

A nova configuração territorial do campo, advinda com a instalação das indústrias faz parte da modernização do território. Para Inocêncio,

Modernização do território compreende a reorganização do território em função das necessidades do capital em se expandir e as transformações e persistências diante desse processo, gerado através de estratégias geopolíticas de ordenamento territorial, comandado pelo Estado e executado por diferentes atores, com repercussões tanto no campo quanto na cidade.

Essa modernização do território também está presente nas áreas rurais como afirma a autora, pois a paisagem que se vê nas proximidades da Comunidade do Salgado possui elementos que demonstram as transformações que vem ocorrendo no campo brasileiro há algumas décadas. Pouco depois dos limites da cidade já se observa na paisagem grandes

extensões de terras tomadas por lavouras de cana-de-açúcar implantadas pelas usinas, máquinas pesadas que trabalham em todo o processo de produção, modos de produção inovados, e uma infra-estrutura com requinte de modernidade. Saindo da comunidade essas lavouras distam cerca de apenas 16 quilômetros aproximadamente, no raio da circunferência. Veja fotos 26 e 27,

Foto 26: Lavoura de cana há 10km, da Comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis – GO. No centro e ao fundo fragmento de reserva de vegetação nativa



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 27: Foto que mostra caminhões fazendo carregamento de cana-de-açúcar há cerca de 16KM da comunidade – Município de Quirinópolis – GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011.

Grandes fazendeiros das imediações da comunidade arrendaram suas terras para as usinas produzirem cana, pequenas comunidades rurais como a de Cachoeirinha foram cercadas por essa produção, o que culminou na expropriação de pequenas propriedades familiar. Atualmente a Comunidade do Salgado está toda cercada pelas lavouras de cana-de-açúcar e em pequena quantidade de milho. O cenário que se apresenta mostra elementos da modernização conservadora da agricultura, onde se predomina o uso de máquinas, pois o corte manual nesse município já foi quase completamente substituído.

2.2.4 ACOOPS: Associação Comunidade Organizada dos Pequenos Produtores da Cachoeira do Rio Preto

Em 26 de junho de 1993, algumas lideranças da Comunidade do Salgado criaram a “Associação Comunidade Organizada dos Pequenos Produtores da Cachoeira do Rio Preto – Salgado / ACOOPS”, e ganharam assim mais autonomia na comercialização de seus produtos.

Ela tem um estatuto e a grande preocupação foi sobreviver, porque senão todos iam ter que vender sua propriedade e vir para a cidade devido a pressão do agronegócio, nesse momento ocorria a entrada das grandes lavouras de soja e outros grãos. Houve uma preocupação de fazer com que os produtores permanecessem na comunidade, instigando eles a sobreviverem da sua propriedade e da renda de sua terra.

Busca-se ainda organizar uma melhor comercialização, pois hoje a associação comercializa e negocia com os laticínios. Consta que foram justamente as dificuldades encontradas pelos micro-produtores, com a inserção do grande capital, que impulsionou a criação de uma força de resistência.

A associação tem como fundo social a representação e defesa dos pequenos produtores da comunidade, cuja área está localizada em parte do município de Quirinópolis e outra em Rio Verde. Ela tem a finalidade de agrupar esses produtores e incrementar a produção, incentivando-os a aplicar a tecnologia avançada.

Vale ressaltar que a associação considera pequenos produtores aqueles proprietários que possuem área de até 176.000,00ha e arrendatários e meeiros com área até 96,80ha. Sua meta era juntar a produção do leite em tanques de expansão e hoje tem seis pontos de coleta, que distribui para a Perdigão e a Líder Alimentos.

Quanto aos objetivos da mesma destaca-se do seu estatuto o interesse em promover o desenvolvimento comunitário, através da realização de obras e melhoramentos com recursos próprios e obtidos por empréstimo ou doação, no intuito de proporcionar diversas atividades

econômicas, culturais e assistenciais.

Busca-se garantir o acesso dos produtores, de maneira racional, aos mecanismos de políticas agrícolas, como crédito rural, assistência técnica e pesquisa e objetiva-se também racionalizar as atividades de coleta, transporte, beneficiamento, armazenagem, classificação, embalagem e outras etapas necessárias para melhorar a produção dos associados. Outro objetivo relevante é a intenção de assegurar a colocação dos produtos no mercado, através de instituições de comercialização, a fim de facilitar o acesso mais direto do produtor com o mercado e o consumidor de baixa renda.

Na entrevista com o senhor Chico Floresta, Presidente da Associação, ele afirma que praticamente todas as famílias da comunidade são associadas na ACROOPS, hoje estão com 85 associados, o que não significa a mesma quantidade de famílias, porque em uma mesma família pode haver o esposo e a esposa serem associados.

A vantagem dos produtores serem associados, é que o sócio tem um preço diferenciado, por exemplo, quanto ao uso dos tratores, porque é cobrada uma taxa para manter o tratorista e a máquina, então o associado paga um preço menor do que o não sócio, além disso, tem prioridade no serviço, primeiro é feito o serviço dos sócios e depois dos não sócios.

No momento, a venda do leite dos produtores que usam o tanque da associação é feita no nome de um associado durante um período de no máximo quatro meses, para não cair na malha fina do governo, depois vai revisando entre os associados, porque se vender individualmente o preço do leite cai, principalmente o produtor que produz pouco, se ele entregar sozinho o preço fica bem mais baixo, então juntando o leite de todos, tanto o que produz 20 litros por dia, quanto o que produz 300 ganharão o mesmo valor pelo leite.

Todas as despesas com, concerto de tanque, maquinário, despesas com funcionário, são pagas pelos associados, o presidente só faz administrar, a taxa que é cobrada é proporcional a quantidade de leite que o produtor entrega.

O preço do leite dos associados hoje é de 0,83 centavos, melhorou se comparado ao início do ano passado, que era aproximadamente 0,75 centavos, há expectativa para chegar a 0,85 centavos em breve. Estão vendendo atualmente para a Italac e a Perdigão. São 8 tanques do grupo da associação, tem seis entregando para a Italac e dois entregando para a Perdigão, segundo ele a comunidade produz atualmente 10 000 litros de leite por dia.

A empresa faz o controle da qualidade do leite, eles coletam uma vez por mês e leva para o laboratório. E a água eles coletam amostra toda semana para ver se o produtor não está pondo água, para controlar isso o presidente da associação chegou a fazer coleta surpresa de alguns produtores e mandar para a análise para saber quem estava colocando água, então se

descobrisse o produtor que fosse reincidente perderia a ligação com a associação. A empresa não interfere na forma de produzir, tem um técnico que dá assistência para os produtores da associação que é da Casa da Abelha.

Em relação à compra dos suplementos a associação não interfere, os próprios produtores se juntam e compram no nome de algum deles. Em relação à saída da Agrovale e a entrada da Casa da Abelha, para ele não houve grandes mudanças, pois a assistência que a Agrovale dava a Casa da Abelha também oferece, até porque está tendo o apoio da prefeitura e outros órgãos.

Sobre a relação da comunidade com a Agrovale para ele diminuiu bastante, porque a cooperativa estava pagando muito pouco pelo leite, abaixo do preço do mercado, então os cooperados vão saindo e também vão deixando de comprar lá para comprar em outros supermercados. Sobre a ação da prefeitura ele relata que ela atua muitíssimo pouco na comunidade, as vezes tampa algum buraco, mas muito mal tampado, esse ano não deu tanto problema com as estradas nesse período porque quase não choveu, mas independente disso as estradas estão ruins. Até a área de atuação das usinas a prefeitura dá assistência nas estradas, mas onde não há mais usinas, ou seja, no trecho da cana até a comunidade do salgado está ruim.

No entendimento do senhor Chico Floresta, o que mais precisa ser feito na comunidade pelo poder público são as estradas, curvas de nível, cascalhamento do curral, do cocho. Não há assistência social, serviço hospitalar, odontológicos, na comunidade, a não ser uma agente de saúde, ele relata que tem muitas promessas, mas que não foram cumpridas.

Nos diálogos que tivemos com as lideranças que atuam na comunidade e com os produtores, percebemos em todas as falas que há um distanciamento entre o poder público e a mesma. Eles não se sentem contemplados na agenda política do município e isso reforça a sensação de impotência diante do agronegócio, até porque eles vêem a forte atuação da prefeitura no desenvolvimento do setor sucroalcooleiro.

Desse modo as ações que são empreendidas pela ACOOPS e pela Casa da Abelha, significa para alguns produtores uma possibilidade de fortalecimento tanto político, quanto econômico. No entanto, há aqueles que preferem exercer suas práticas sozinhos, pois acreditam que se participarem da associação e da Casa da Abelha, perderão autonomia na execução de suas ações. O senhor Chico Floresta, possui uma popularidade muito boa entre a maioria dos produtores, pois ele é reconhecido como alguém que lutou e ainda luta por benefícios para a comunidade.

Para ele não houve mudanças significativas após a entrada da cana no município, o que eles esperavam era que o preço do leite do pequeno produtor iria aumentar, porque diminuiu o número dos produtores de leite que arrendaram suas terras para a cana, ou passaram a produzir, mas isso não ocorreu.

Como outras monoculturas como a soja, o milho deram espaço para a cana-de-açúcar houve pouca produção desses produtos, conseqüentemente, o preço subiu e interferiu no valor dos suplementos para alimentar o gado, mas o preço do leite continuou estagnado, esse ano que começou a mudar um pouco, ele afirma que “se esse leite não for para um real o litro, vai tomar muito prejuízo o pessoal”.

Chico Floresta afirma que

Não precisa de muita coisa para aumentar a produção, falta mesmo é vontade política. Já tem uns cinco ou seis, montando barracão, montando ordenha, porque tirar 300 litros de leite acima não é fácil tirar na mão, peão não ta fácil, a idade vai chegando, a pessoa vai cansando.

Sobre o trabalho da Casa da Abelha ele considera que é muito importante. Segundo ele as pessoas já desistiram de cobrar as coisas da prefeitura, quem fazia as cobranças era ele porque já tive sete mandatos como vereador, hoje quem está no poder é a oposição.

CAPÍTULO 3 A RESSIGNIFICAÇÃO DOS SABERES TRADICIONAIS NUM TERRITÓRIO MULTIFACETADO: UMA FORMA DE SOBREVIVER DIANTE DAS “AGRURAS” IMPOSTAS PELO AGRONEGÓCIO

Neste capítulo apresentaremos uma discussão sobre o uso da biotecnologia no processo de produção de leite na comunidade. Com as transformações no campo advindas com a modernização conservadora da agricultura voltada para atender as necessidades do agronegócio, muitas práticas agrícolas foram alteradas. Houve a inserção de técnicas de manejo para melhoria do pasto, do leite e da qualidade de vida dos animais. Além das técnicas, podemos citar ainda os suplementos agrícolas usados para o manejo do pasto, dos canaviais e do gado. Todas essas alterações constituem conhecimentos biotecnológicos voltados para a melhoria no processo de produção, como forma de se manter no mercado. Houve uma ressignificação dos saberes tradicionais dos produtores.

Nesse sentido, consideramos pertinente discutir um pouco mais sobre o uso da biotecnologia na ressignificação dos saberes tradicionais dos produtores, em seguida apresentaremos alguns resultados, referente aos saberes que foram ressignificados ao longo do tempo, desde a produção de grãos para subsistência e para atender ao mercado interno, até a produção de leite nos moldes da Agricultura Camponesa, num contexto caracterizado pelo agronegócio.

Por último discutiremos sobre as transformações territoriais e socioeconômicas ocorridas na comunidade, uma vez que na conjuntura apresentada, vários atores imprimiram suas marcas, cada um buscando os seus próprios interesses, dos quais o único comum é o anseio pela permanência no jogo da economia.

3.1 Biotecnologia, Biodiversidade e Saberes Tradicionais: uma questão geopolítica¹⁵ presente na Comunidade do Salgado.

O fato de o cerrado ser um bioma que apresenta uma grande biodiversidade faz dele alvo dos conflitos mundiais gerados pela defesa dos interesses de diversas instituições. A variabilidade das espécies endêmicas e não endêmicas da fauna, e a variedade de espécies da flora, bem como os diferentes ambientes naturais propícios as atividades agrícolas, colocam o cerrado em posição de destaque para as empresas que desejam explorar essa riqueza, e também para as instituições que buscam defendê-la, na tentativa de garantir a sobrevivência

¹⁵ O termo geopolítica foi fundado por Rudolf Kjéllen no início do século XX, com as contribuições do alemão Friedrich Ratzel, em sua obra batizada de Geografia Política.

das gerações futuras.

Nesse cenário, o setor sulcroativo participa das disputas territoriais buscando garantir a base territorial de que necessita para implantar suas ações. Desse modo, ele assume um papel importante no que tange ao uso do cerrado e a conseqüente exploração da sua biodiversidade, uma vez que para sua implantação e expansão muitas vezes é necessário o desmatamento de extensas áreas. Em Quirinópolis, por exemplo, já quase não existem áreas preservadas.

A Comunidade do Salgado, bem como as outras comunidades locais presentes no município pode ser considerada, então, como “guardiãs do cerrado”, uma vez que suas práticas agrícolas não implicam em perda significativa da biodiversidade, ao contrário eles primam pela manutenção dessa riqueza por considerá-la primordial para a manutenção dos seus modos de vida. Nesse sentido, entende-se que o município de Quirinópolis, bem como a Comunidade do Salgado, participa da questão geopolítica que envolve o uso da biodiversidade do cerrado, por fazer parte de um bioma que é alvo de grandes grupos estrangeiros, que representam o capital hegemônico.

Diante desse contexto, considera-se pertinente entender como se dá o uso da Biotecnologia na ressignificação dos Saberes Tradicionais dos produtores da Comunidade do Salgado, e seu desdobramento na biodiversidade, refletindo no que SANTILLI (2009) chamou de agrobiodiversidade. Para tanto se faz necessário, em primeira instância, apresentar a base conceitual que utilizamos para o entendimento do que vem a ser biotecnologia, biodiversidade, agrobiodiversidade e saberes tradicionais. Embora nesse caso não seja necessário um aprofundamento teórico de tais conceitos, consideramos fundamental expor o que concordamos sobre os mesmos.

Ao longo do tempo várias práticas agrícolas dos produtores da comunidade foram sendo alteradas, devido a diversos fatores. No entanto, percebemos que essas alterações estão diretamente ligadas à inserção do agronegócio na região, sobretudo à implantação das lavouras de cana-de-açúcar para o setor sulcroativo. O cenário apresenta dois modos de produção com características muito peculiares, agindo concomitantemente numa mesma região. De um lado os produtores da Comunidade do Salgado, com uma produção estritamente familiar, e de outro os que produzem cana-de-açúcar em larga escala para a indústria agroenergética.

Sabemos que dialeticamente um modo de produção exerce influência sobre outro devido à proximidade territorial, no entanto, cremos que as propriedades de caráter familiar são mais vulneráveis, uma vez que possuem menor extensão territorial. Essa análise considera

aquelas que estão envoltas pelo agronegócio, caracterizado por propriedades de grande extensão territorial. Outro fator de vulnerabilidade da propriedade familiar quanto a sua permanência no campo, que se pode apontar, é a maior articulação do agronegócio com o mercado global, bem como sua força produtiva engendrada por tecnologia avançada, mão de obra qualificada, subsídios políticos, dentre outros.

Na luta pela permanência no campo, os pequenos produtores que estão num contexto caracterizado pelo agronegócio, buscam sempre novas formas de sobrevivência, seja em suas práticas agrícolas, e até mesmo nas suas relações sociais. No que se refere à atividade econômica, o grande objetivo é se manter atuante no mercado para garantir a manutenção de suas propriedades e de seu modo de vida, em segundo plano buscam fortalecer suas relações econômicas, bem como expandir a produção.

No entanto, as novas demandas impostas pelo agronegócio têm provocado mudanças significativas na comunidade, inclusive nos objetivos dos produtores que agora vêm a necessidade de se reinventar para continuar comercializando o seu produto e para desenvolver competitividade na escala menor do mercado.

Entende-se que para a análise geopolítica de uma dada realidade, necessita-se, pensar em elementos como estratégia, poder, território, Estado, globalização, economia, e outros que se fizerem necessários. No entanto, não nos parece fundamental nesse momento, fazer uma discussão particular de todos eles, mas sim pensá-los a partir das questões que envolvem a incorporação da biotecnologia no uso da biodiversidade e os desdobramentos nos saberes tradicionais das comunidades tradicionais, em especial, a Comunidade do Salgado.

A Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB em seu artigo 2º, afirma que biodiversidade é,

A variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas.

De acordo com Diegues (2001, p. 15), ela “é produto da ação das sociedades e culturas humanas, em particular das sociedades tradicionais não-industriais. É também uma construção cultural e social.” Num olhar geopolítico sobre essa temática Albagli (1998, p.19) afirma que,

A emergência recente da problemática da biodiversidade, por sua vez, deve ser compreendida no contexto da passagem de um paradigma técnico-econômico intensivo em recursos naturais para um outro baseado em informação e no uso crescente de ciência e tecnologia no processo produtivo. Dessa perspectiva, é principalmente como matéria-prima das biotecnologias avançadas que a biodiversidade assume hoje um caráter estratégico, valorizando-se nem tanto a vida em si, mas a informação genética nela contida. A biodiversidade investe-se, assim, de um duplo significado: elemento essencial de suporte à vida e reserva de valor futuro.

A autora afirma ainda que “Para o Brasil, a temática da biodiversidade é de suma importância, na medida em que o país é o primeiro em megadiversidade em escala mundial, além de dispor da maior faixa contínua de florestas tropicais”. O olhar geopolítico sobre essa questão vem ganhando força e representatividade, diante da duplicidade de sentido apresentada por Albagli. Para ela há uma urgência em definir ações para sua proteção, e o seu aproveitamento para o desenvolvimento social e econômico. Os conflitos surgem da disputa entre os que possuem tecnologias avançadas e aqueles que abrigam as grandes reservas de biodiversidade como o Brasil, pelo controle das fontes de acesso as informações estratégicas associadas a ela.

Junto a esses fatores está a incorporação da biotecnologia nos modos de produção. Para Calaça (2010), essa incorporação em seus diversos níveis, ocasiona transformações na biodiversidade e nos saberes tradicionais, inclusive os dos pequenos agricultores. Ela não vem acompanhada de estratégias para a preservação da biodiversidade do cerrado, tal serve como subsídio para questionar a eficiência das tecnologias no que diz respeito à preservação ambiental, é preciso propor políticas que viabilizem o uso sustentável do cerrado.

Diante do atual contexto de produção em larga escala e alto grau de inserção de biotecnologia, a biodiversidade reforça seu caráter geopolítico. As disputas por acesso à tecnologia, aos recursos genéticos, as áreas de abrangência, aos incentivos governamentais exigem dos atores o exercício de seu poder, o que reforça o caráter territorial dos biomas, nesse caso o Bioma Cerrado.

Novos conhecimentos, que alteram as práticas agrícolas e as relações sociais de produção passam a ser utilizados, causando uma diferenciação espacial da Agrobiodiversidade e esta, segundo Santilli (2009, p. 94),

(...) é essencialmente um produto da interação do homem sobre os ecossistemas: de sua inventividade e criatividade na interação com o ambiente natural. Os processos culturais, os conhecimentos, práticas e inovações agrícolas, desenvolvidos e compartilhados pelos agricultores, são um componente-chave da Agrobiodiversidade.

A autora afirma ainda que a ela “engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola, inclusive os espaços cultivados ou utilizados para criação de animais domésticos” (2009, p. 94). Ela é o resultado da relação entre todos os elementos que estão sendo expostos. A associação de diferentes espécies é resultado da ação dos indivíduos (Fotos 28 e 29).

Foto 28: Agrobiodiversidade produzida em propriedade camponesa na comunidade do Salgado – Município de Quirinópolis - GO



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Sobre a relação existente entre conhecimentos tradicionais e biodiversidade, consideramos válidas as afirmações de Diegues (2001). Para o autor os conhecimentos tradicionais são o “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”, e que a “biodiversidade não é simplesmente um produto da natureza, mas em muitos casos é produto da ação das sociedades e culturas humanas, em particular, das sociedades tradicionais não-industriais, ela é também

uma construção cultural e social”.

Foto 29: Mostra uma diferenciação espacial da agrobiodiversidade. A associação de diferentes espécies é resultado da ação dos indivíduos



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

A Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (CENARGEN), localizada em Brasília – DF realizou no ano de 2010, o Curso de Conservação em Recursos Genéticos In Situ, nele discutiu-se sobre diversos temas ligados a conservação da biodiversidade, dentre eles a valorização dos saberes tradicionais das populações ditas tradicionais. Percebeu-se que há uma busca ainda pouca expressiva, pela proteção desses saberes pautada no reconhecimento deles enquanto estratégia para mediar o crescimento econômico. A exemplo podemos citar o interesse das empresas farmacêuticas, no uso medicinal das variedades de espécie de plantas.

3.2 Saberes Ressignificados: construindo esperanças que se efetivam na luta pela permanência no campo.

As atividades agrícolas da comunidade foram variadas ao longo dos anos, entretanto a produção leiteira está presente há várias décadas. Podemos dizer, então, que apesar de ter existido e ainda existir, uma diversificação de atividades econômicas, a que predomina é sem dúvida a produção leiteira. São poucos os proprietários que comercializam outros produtos, há apenas alguns que timidamente vendem ovos, porcos, galinhas, queijos, doces e farinha.

Na tentativa de resgatar quais eram as atividades produtivas que havia na comunidade,

bem como os saberes que eram utilizados nas mesmas, buscamos em nossos diálogos com os mais idosos o relato detalhado do processo de produção. Apesar da dificuldade em estimular a memória desses idosos, e também em extrair deles os conhecimentos que utilizavam na produção, acreditava-se que tais informações poderiam contribuir para o entendimento da atual conjuntura do lugar. Há um risco para o pesquisador no que tange a análise dos relatos dos entrevistados, pois eles vêm carregados de subjetividade e talvez de distorções da memória.

No entanto, concordamos com Alberti quando diz que “...a análise dessas distorções pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo. É de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que se tomarão determinadas decisões no presente”. Para a autora,

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade.

A escolha da estratégia metodológica da história oral se justifica nas afirmações de Alberti (2006, p. 164), quando diz que,

Uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas... Em linhas gerais significa entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas.

No nosso entendimento as vivências do passado construíram as bases para as práticas de hoje. Os modos de vida dos antepassados dos atuais moradores formaram o conjunto de elementos que fortaleceram a sensação de pertencimento ao lugar, pois ele se constitui como a base relativamente segura para vivenciar suas relações. Os antigos deixaram um legado para além do tamanho e da estrutura das propriedades, é um legado cultural e simbólico, e que se efetiva no apego ao modo de vida camponês.

Consta que algumas décadas atrás havia uma lavoura comunitária na comunidade em associação a produção de leite que já estava presente na mesma. Ambas eram praticadas com base na cooperação entre os moradores, que muitas vezes se organizavam em mutirões para atender as necessidades uns dos outros. Atualmente já não ocorre mais essa prática, todo o processo de produção é feito somente pela família e os serviços prestados por outros são remunerados. Esse é um fator que demonstra as transformações que vem ocorrendo no campo, e reforça a idéia de que quem vive no campo não está alheio ao contexto da sociedade.

A lavoura comunitária foi uma estratégia da Acoops, para fortalecer economicamente a comunidade, pois assim as famílias teriam mais motivação para permanecer no campo. Para realizá-la eles submeteram projetos, ganharam verba, inclusive do Vaticano, compraram máquinas e até hoje tem algumas, mas quase não trabalham, porque hoje quase toda produção é leite. Eles cultivavam arroz, milho, café, mandioca e a produção era para subsistência, somente o excedente era vendido na cidade. Com a chegada dos tratores eles puderam tratar mais a terra, com calcário e adubação.

O plantio dessas variedades era feito de forma bastante tradicional, as sementes eram produzidas por eles, usavam animais para arar a terra, e a matraca para plantar. Em conversa com uma idosa que trabalhou nas roças ajudando o pai, percebemos na sua fala um saudosismo referente a esses modos tradicionais de produção, mesmo com as dificuldades ela conta que havia mais fartura e mais união.

Para o plantio e produção das sementes de café, eram colhidos alguns grãos que não estavam muito maduros e plantavam em sacos plásticos, esperava a muda crescer até o ponto certo para plantio. Furavam os buracos em formato de ruas, pois facilitava a colheita, esta era feita usando o que eles chamam de barraca, estendiam um pano debaixo de dois pés de café e colhiam deixando os grãos cair nesse pano, depois o puxava.

A semente do arroz era produzida a partir do próprio arroz plantado, eles tiravam um arroz bom, na época de plantar eles lavavam para tirar as impurezas e os grãos ruins e colocava para enxugar na sombra, depois de seco colocava na matraca para plantar, chegaram a produzir até 600 sacos de arroz, para isso tinham que terceirizar trabalhadores temporários com recursos de financiamentos, quando não eram possíveis os mutirões. Eles preparavam a terra prendendo o arado em bois, eram três juntas de bois, cangava eles, e uma pessoa tocava esses animais e outro vinha atrás controlando o arado. Para capinar eles usavam a carpideira puxada pelos animais. A variedade do arroz que plantavam era o amarelão e o pré-corte.

Para produzir a semente do milho eles escolhiam as espigas boas, que não tinham carunchos, cortavam as duas pontas e debulhava nos dias de plantar, usavam também a

matraca. Eles colhiam o milho e colocava-os no paiol para ir usando, quando chegava a época do plantio eles escolhiam algumas espigas para fazer as sementes. O plantio era feito também com a matraca. A variedade de milho que plantava era o híbrido.

Durante um tempo eles não aravam a terra e usava a roça de toco, em que os homens roçavam com a foice o mato mais fino, e as partes mais densas da vegetação nativa do cerrado, eles derrubavam com o machado e ficavam os tocos, então plantava entre eles, o difícil era para capinar. Depois de roçar eles derrubavam e deixavam secar, entre os meses de setembro e outubro era o tempo de queimar a roça, depois de queimada tinha que descoivarar era tirar a madeira e os galhos que não queimavam então eles amontoavam novamente e queimava, esse processo chama-se coivara. Tivemos o relato de que plantavam cana para produzir o açúcar e rapadura, e o excedente de toda a produção eles levavam no carro de boi para vender em Rio Verde.

Quando questionei porque não havia mais lavoura a senhora responde que antes tudo que plantava dava, porque a terra era boa, hoje é preciso usar muito suplemento e técnicas para conseguir cuidar da plantação. Acredita-se que esse é um indicativo das conseqüências geradas pela degradação ambiental, provocada pelas monoculturas desde o início da expansão da fronteira agrícola em Goiás.

Em associação com essas lavouras produzia-se também o leite, queijo e requeijão para consumo próprio. Essa produção era feita de forma tradicional, o gado era solto no pasto e alimentava-se somente de capim e de sal que era colocado nos coxos, na podia faltar água boa e suficiente, tiravam o leite uma vez por dia e para isso reunia o gado no curral. Num depoimento, falaram-nos que esses animais não sofriam muito de doenças e que elas são mais comuns em animais cruzados.

O técnico em agropecuária que trabalha com os produtores associados à Casa da Abelha presta assistência no cuidado com os animais com seus conhecimentos biotecnológicos (Fotos 30 e 31). A incorporação desses conhecimentos inclui o saber técnico sobre o tratamento de lesões e doenças, o uso de medicamentos, técnicas sobre o manejo do pasto, da ordenha e do canavial, até as necessidades de alimentação.

Foto 30: Vacinação do gado por técnico em agropecuária, na Comunidade do Salgado – município de Quirinópolis



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 31: Técnico em agropecuária cuidando de uma inflamação no umbigo de um bezerro, em uma propriedade da Comunidade do Salgado, município de Quirinópolis – GO.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos.

Fonte: Trabalho de campo, julho – 2011

Quanto ao manejo sanitário eles trabalham com a qualidade do leite visando a Contagem Bacteriana Total do produto – CBT e a CCS – Contagem de Células Somáticas, controle da mastite fazendo mensalmente um teste para saber quais animais têm a doença, e aplicam o tratamento. O conjunto dessas ações atende as solicitações das empresas que captam o leite, essas por sua vez estão submetidas à legislação que controla esse mercado. Cada vez mais, há o acirramento da fiscalização e das cobranças por melhoria na qualidade do produto. Nesse contexto, os produtores que querem manter-se atuando são obrigados a se adequar a essas solicitações e para tanto, precisam se reinventar, quebrar paradigmas e ressignificar saberes.

Nesse sentido, as cooperativas de certo modo exercem um importante papel quando fornece ao produtor uma gama de conhecimentos que o capacita no processo de produção, diferentemente das empresas, que em geral, se pautam apenas na captação do produto.

Quanto ao custo de produção, o técnico orienta o produtor a calcular quanto ele gasta para produzir o seu leite, anota-se na planilha os gastos e no final do mês faz o balanço. No período da seca produz-se a cana-de-açúcar para alimentar o gado, então o técnico orienta também um manejo adequado do canavial para que o animal tenha um bom alimento. Atualmente, usa-se no canavial o trator, implementos agrícolas, picadeiras e outros instrumentos. As fotos abaixo (32 e 33) mostram um produtor preparando a cana para o gado,

Foto 32: Essa foto mostra o manejo da cana-de-açúcar que será usada pelos produtores na alimentação do gado.



Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011

Foto 33: Cana-de-açúcar sendo triturada para alimentar o gado

Autora: SANTOS, Hellen Cristina dos. **Fonte:** Trabalho de campo, julho – 2011

A cana triturada deve apresentar uma textura favorável para alimentação da vaca, pois isso interfere na aquisição de nutrientes importantes para se produzir o leite. Todo esse saber foi transmitido aos produtores na ocasião da reunião da Casa da Abelha, o produtor aprendeu sobre o processo digestivo da vaca quando alimenta da cana. Fica salientado que a parte mais importante do trato com o gado do leite é a alimentação, que se for feita de forma adequada gera grande êxito no aumento da produção do leite. Além dos nutrientes que a vaca necessita, deve-se preocupar também com o volumoso que irá complementar a alimentação.

Ao ser questionado sobre os saberes tradicionais desses produtores, o técnico responde que se o produtor trabalhar com o saber dele ele vai além, e explica que somente a técnica não é suficiente para se obter êxito, ele diz que há uma valorização desse saber que vem de geração em geração, para Hugo há um respeito aos saberes dos produtores. Eles estão vendo a necessidade de inserir a tecnologia, hoje sabem dizer quanto ganham com a produção de leite, tem um controle da produção, sabem planejar, calculam volume e arraçamento.

Antes da inserção de conhecimentos biotecnológicos mais precisos, os pastos eram extensos, mas suportavam pouco gado, porque não era adubado. Com o sistema rotacionado inverteu a lógica, e tornou-se possível produzir numa área pequena uma quantidade maior de leite. Os produtores que possuem esses conhecimentos biotecnológicos se sobressaem aos que não tem, pois os animais são mais sadios e há uma diferença na qualidade do produto.

3.3 A Comunidade do Salgado como Território Multifacetado

O território da Comunidade do Salgado está multifacetado. Essa definição parte da análise das transformações que ocorreram nele nos últimos anos, que acabaram por imprimir novas marcas, um novo arranjo, cuja configuração busca atender as demandas provocadas pelo contexto a qual está inserida. Essa abordagem leva em consideração o território não somente como base física, mas sim como território usado pelos sujeitos que exercem nele territorialidades distintas, com diferentes níveis de intensidade. Daí a importância de se contemplar as relações econômicas, sociais, políticas e culturais em nossa abordagem.

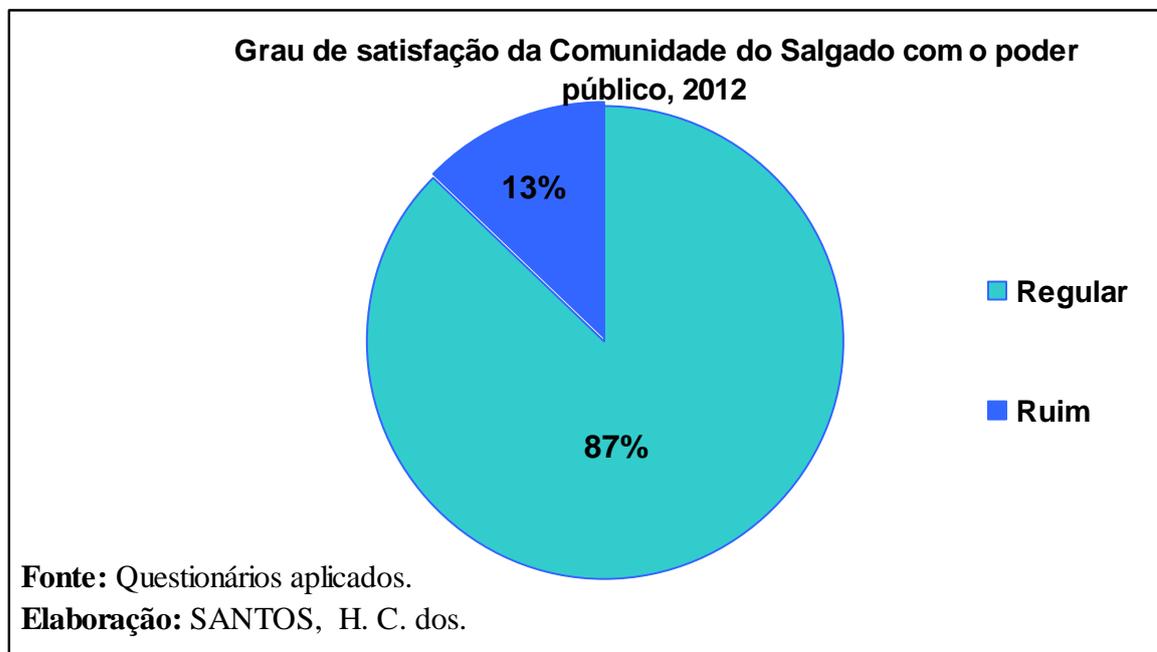
O cerne da questão está no entendimento da comunidade como um território composto por pequenos produtores rurais que estão cercados pela produção de cana-de-açúcar para a indústria agroenergética e que por esse fator, enfrentam dificuldades para se manter no campo. Isso porque precisam cada vez mais fortalecer os laços econômicos e sociais para enfrentar os novos entraves que vão surgindo. Dentre eles, podemos citar os problemas ambientais causados pela monocultura da cana, a falta de atenção do poder público que está voltado para essa produção, o problema da precariedade das estradas que são abertas pelas usinas, mas danificadas por elas também, o aumento da necessidade de manter o setor atuante em meio a um contexto caracterizado por outro tipo de atividade, a falta de mão-de-obra, a saída de algumas pessoas do campo para a cidade, dentre outros.

As características que os moradores da Comunidade do Salgado apresentam atualmente são a expressão da luta pela sobrevivência no campo diante das agruras do agronegócio. As usinas ainda não demonstraram para esses moradores o interesse em incorporar a área para o setor, já que ela não possui um relevo totalmente adequado. Na verdade ainda não há forças produtivas para incorporar a área, o que pode ser uma questão de tempo. No entanto, constatou-se que a comunidade recebe influências advindas da produção voltadas para a indústria agroenergética. Desse modo, considera-se pertinente dispor um panorama geral dos elementos que marcam esse território.

Para os entrevistados, as maiores dificuldades enfrentadas hoje na Comunidade do Salgado são, o preço baixo do leite, a falta de apoio do poder público (Gráfico 05) aos pequenos produtores, a falta de manutenção na rede elétrica e a precariedade das estradas que prejudica diretamente a produção. Esse último fator foi citado por praticamente todos os moradores, eles afirmam que as estradas são desgastadas pelo transporte de cana-de-açúcar e as usinas se preocupam em arrumar apenas no período da colheita. No período chuvoso há

uma dificuldade muito grande de acesso a cidade, e os produtores já chegaram muitas vezes a perder o seu produto.

Gráfico 05 – Relação do poder público com a Comunidade do Salgado – Quirinópolis / GO



Segundo os moradores, a comunidade do salgado não tem sido contemplada na agenda pública do município. Eles relatam que no período das eleições alguns candidatos fazem visitas, dialogam, fazem promessas, mas não cumpre de forma efetiva o que prometeram. O Senhor Chico Floresta teve seis mandatos como vereador no município, e procurava atender as reivindicações dos produtores e levar melhoria para a comunidade.

Quanto à posse da terra a maioria dos moradores são proprietários e uma ínfima parte arrendaram a terra de pessoas que resolveram ir para a cidade. Essas terras em sua maioria foram adquiridas por herança, sendo que são raras as que foram compradas. Na medida em que alguns produtores vão se capitalizando, passam a adquirir outras áreas que estão sendo vendidas por quem não está conseguindo se manter produzindo.

Em relação a produção de leite, 77,4 % responderam que vendem o leite para a Italc, 12,3 % para a Estrela do Oriente e 9,6 % para a Perdigão. Em outros tempos já venderam para a Nestlé, Parmalat, Quejeira, Agrovale e Comigo. Eles sabem da fragilidade deles no que se refere à negociação com essas empresas, pois a palavra final sobre o preço do leite é dada por elas, de acordo com a regulação do mercado. No início do ano de 2012 o preço do leite estava entre 0,75 a 0,85 centavos.

Quanto à produção, a quantidade varia de produtor para produtor, tendo os que produzem de 20 a 450 litros de leite por dia. Essa diferenciação relativamente acentuada ocorre devido a fatores como tamanho da propriedade, capital, gestão adequada dos recursos financeiros e naturais, conhecimentos biotecnológicos no processo de produção, dentre outros. Produz melhor quem tem uma tecnologia melhor, não basta ter uma propriedade grande e não saber adequar os recursos que possuem. A produção de leite não exige muito espaço, pode-se produzir muito estando numa área pequena, o que vale é a forma de manejo, é a tecnologia adequada. Nesse tipo de produção, por exemplo, a melhor tecnologia é água limpa e alimento de qualidade.

Sobre o modo como realiza a produção 48,3% aproximadamente, utiliza a técnica do Piquet rotacionado que visa garantir um bom pasto para o gado e 51,61% não utilizam. Na alimentação usam a ração, cana-de-açúcar triturada no período da seca, uréia, casquinha de soja, farelo de soja, sal mineral e o pasto. Não são todos que utilizam esses suplementos, o uso varia de acordo com as possibilidades financeiras. Tem produtor que utiliza apenas o pasto e a cana.

No que se refere ao trato do animal, em geral os produtores procuram fazer o controle da mastite, alimentação balanceada de acordo com a idade e os nutrientes, combate a insetos e parasitas, vacinação, dentre outros. Procura-se garantir ao animal água limpa, sombra e pasto de qualidade. Esses fatores constituem os conhecimentos biotecnológicos que são incorporados em prol da melhoria na produção, bem como o seu aumento. Quanto à plantação de cana-de-açúcar para alimentar o gado na época de seca, não são todos os produtores que praticam, mas a grande maioria usa essa opção. Sobre o manejo do canavial, eles afirmam que utilizam adubo, e dão combate as pragas e ervas daninha.

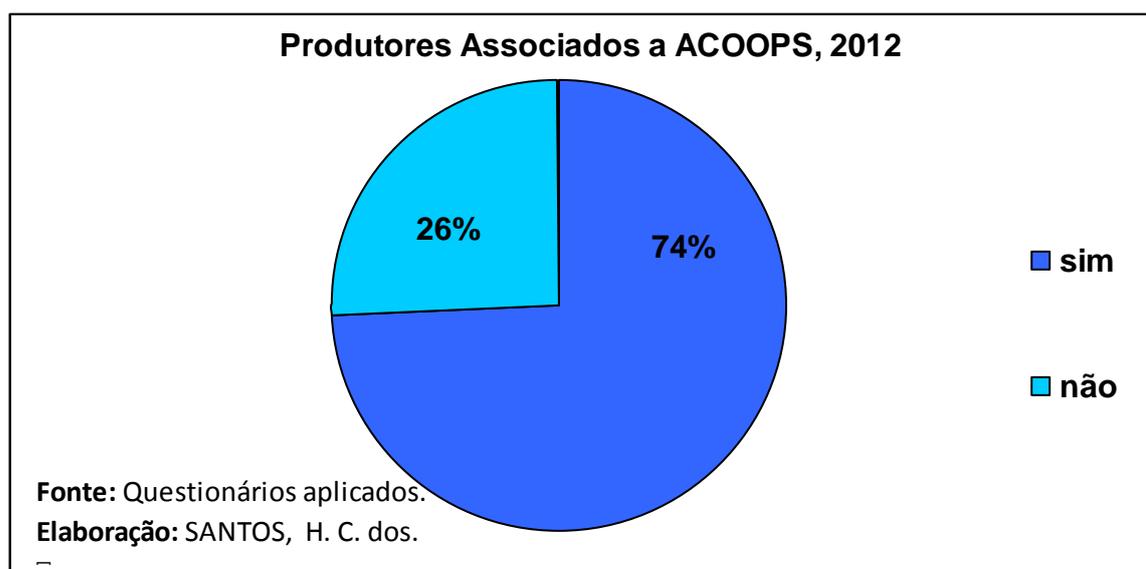
Além dos suplementos citados para a alimentação do gado, os produtores relatam que usam na produção instrumentos como trator e picadeira. Usam vacinas contra a burcelosa, a manqueira e a afitosa. Todos os produtos citados são adquiridos, segundo os produtores, na Agrovale, na Comigo, na Cargil, na empresa Ouro Raça e em outros comércios de Quirinópolis e Rio Verde.

Dentre os entrevistados 74 % são associados à Acoops e 26% não são (Gráfico 06). Os que participam relatam que a associação fortalece os produtores junto ao poder público e as empresas que compram o leite. Além disso, há um esforço constante por parte dos líderes na busca por melhorias para os produtores.

Nos depoimentos, é possível perceber que há uma relação de confiança entre os moradores e os líderes da associação, salvo algumas exceções. Todos os esforços para a

conquista de melhoria, por parte dessas lideranças, convergiram para o fortalecimento da comunidade, enquanto grupo. Eles se vêem assim, quando precisam empreender ações em prol dos interesses gerais da comunidade. No entanto, hoje, as relações cotidianas interpessoais não são tão marcadas pelo apadrinhamento e cooperativismo.

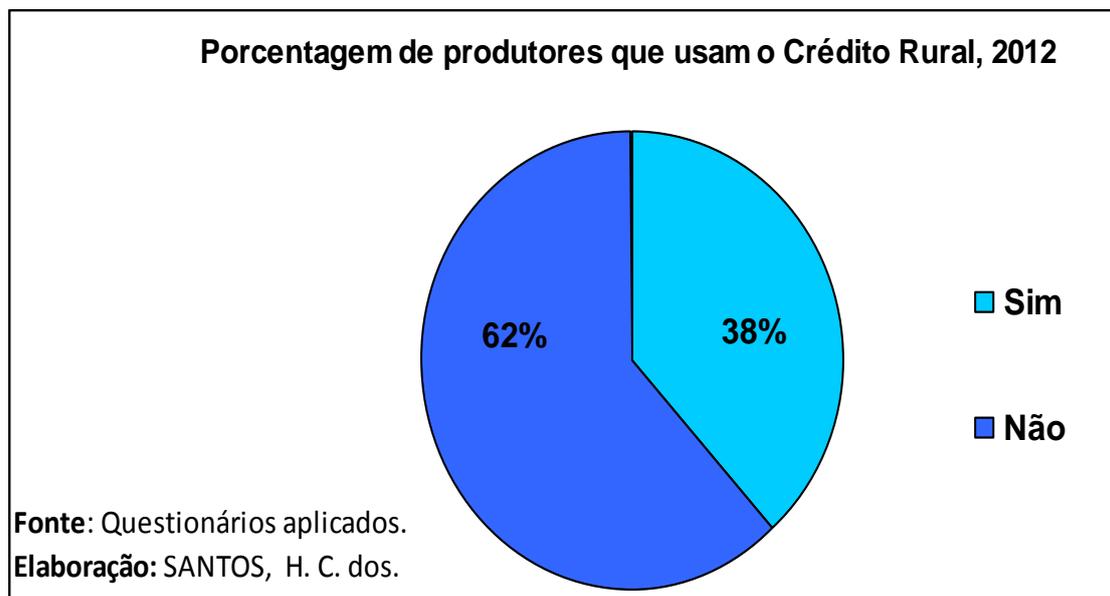
Gráfico 6 - Produtores Associados a ACOOPS, 2012. Comunidade do Salgado – Quirinópolis / GO.



Em relação à participação na Casa da Abelha, quando do momento da aplicação dos questionários, constatou-se que a maioria dos produtores não estavam associados. Ainda há muita resistência as novas práticas sugeridas pelo projeto. Embora fosse possível observar que muitos produtores não se associam para não ter uma relação mais estreita com a entidade e até mesmo para não pagar a cota mensal, entretanto, eles acabam por incorporar os conhecimentos técnicos sugeridos, pois estes são passados de um para o nas relações de compadrio.

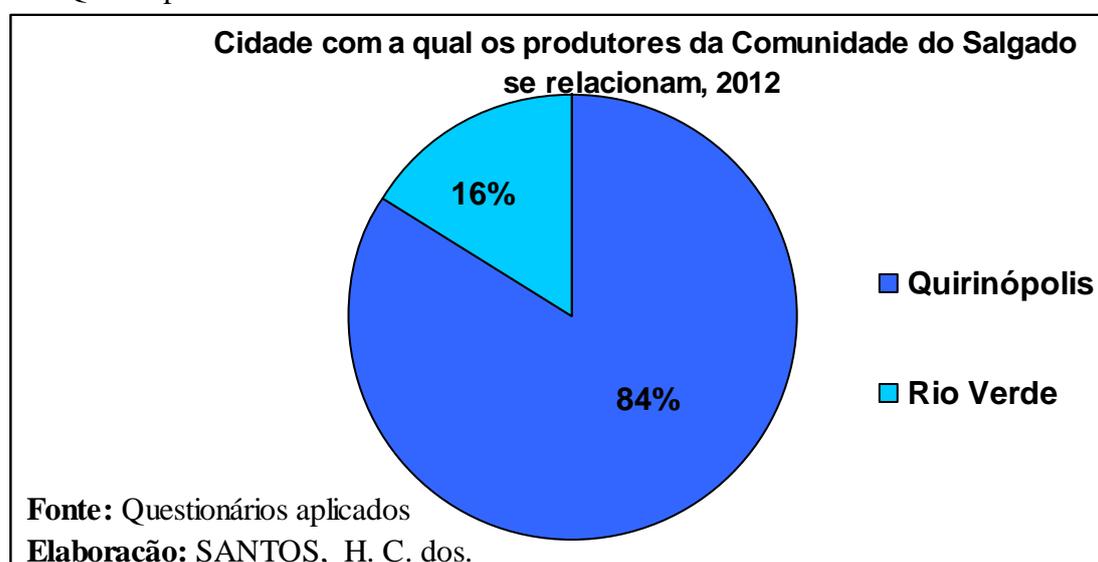
Os associados consideram fundamental o apoio e a assistência técnica dos trabalhadores do projeto, nos depoimentos eles citam a importância das reuniões mensais como boa alternativa para a troca de experiências, pois tem fortalecido os laços familiares e melhorado as formas de produzir. Os que ainda não são associados, não apresentaram razões para essa escolha, no entanto, acreditamos que uma das razões seja a dificuldade em quebrar paradigmas, ou talvez porque se sentem estabilizados da forma como estão. Quanto ao uso de financiamentos bancários na produção, disponibilizados inclusive por iniciativas governamentais, o gráfico abaixo mostra a situação dos produtores.

Gráfico 7: Porcentagem de produtores que usam o Crédito Rural, 2012. Comunidade do Salgado – Quirinópolis / GO



Vale ressaltar que muitos dos que utilizaram esse crédito, ficaram endividados e estão se esforçando para quitar os débitos, que muitas vezes se tornam um entrave para o desenvolvimento de suas propriedades, devido também à má gerência do recurso. Como já foi dito anteriormente, a comunidade do salgado, localiza-se parte no município de Quirinópolis e parte em Rio Verde. Consideramos importante descobrir com qual dos municípios os moradores se relacionam mais, quando buscam atender as necessidades que não são contempladas dentro da comunidade. Veja o gráfico 8,

Gráfico 8 : Cidade com a qual os produtores da Comunidade do Salgado se relacionam, 2012. Quirinópolis – GO.



Nessas cidades, eles buscam atendimento em toda a rede de prestação de serviços de acordo com as necessidades, dentre eles foram citados: opção de diversões, supermercados, cartórios, médicos, odontólogos, utensílios domésticos, bancos, medicamentos, vestuários, produtos agropecuários, combustível, produtos industrializados, o arroz, feijão, açúcar e café, que não são mais produzidos na comunidade, enfim, produtos do comércio em geral.

No intuito de evidenciar o que os moradores percebem com a entrada da monocultura da cana-de-açúcar no município, questionamos se para eles houve mudanças na comunidade após esse fato. Eles afirmam que antes dessa entrada as estradas permaneciam conservadas por mais tempo, houve a diminuição da produção de leite, a migração de algumas famílias para a cidade, desmatamento, poluição do meio ambiente, atenção governamental voltada para os produtores de cana e falta de políticas para a produção leiteira, escassez de mão-de-obra, aumento de insetos com maior resistência a produtos agrícolas.

Dentre as consequências da produção de cana-de-açúcar nas imediações da comunidade, outro problema que merece destaque é o surgimento da mosca-da-vinhaça (*Stomoxys calcitrans*) que se desenvolve na vinhaça ou vinhoto, subproduto da cana-de-açúcar. De acordo com Queiroz (2011) essa mosca tem seu nicho ecológico em áreas associadas à matéria orgânica em decomposição, sendo que sua picada provoca ferimentos e ocasiona morte em animais domésticos que vivem próximos das plantações de cana-de-açúcar, nesse caso o gado de leite.

Consta nos relatos que essa é uma das grandes preocupações dos moradores, justamente porque não há o controle da proliferação dessa mosca. Uma medida mitigadora seria evitar os ambientes propícios a sua proliferação, como as áreas com matéria orgânica em decomposição, já que são nelas que a mosca se desenvolve. Segundo informações dos entrevistados, a presença desse inseto causa forte irritação no gado, pois ela se aloja no corpo do animal (foto 34). Com essa irritação o gado não alimenta direito causando o emagrecimento e a diminuição do leite, surgem os ferimentos, a mastite e esse conjunto de fatores podem levar a morte do animal.

Foto 34: Bovino infestado por mosca-da-vinhaça e no destaque, ataque nas pernas dianteiras e na região torácica e ventral.



Fonte: KOLLER et al., 2009, p. 18 apud, QUEIROZ, T.M.F.G.

Outra questão que vem alterando significativamente a vida de algumas famílias é a construção da ferrovia norte sul, pois um trecho dela passa dentro da comunidade. Representantes da empresa que cuida da obra, já negociaram com alguns a venda da propriedade, ou seja, serão desterritorializados. A ferrovia irá beneficiar principalmente o setor sucroalcooleiro, pois existem outros projetos de instalação de indústria desse setor na região.

Essa desterritorialização tem provocado a perda de laços identitários que foram construídos em quase um século de existência. Um exemplo categórico é o da Dona Flausina, a usina passará em sua propriedade e ela já teve que negociar a venda, por um preço que não paga o valor simbólico que sua propriedade representa pra ela e sua família. . A ilustração abaixo mostra que a ferrovia irá passar dentro da propriedade da Dona Flausina,

Foto 35 – Ao fundo a esquerda, portão de entrada, a direita residência de Dona Faustina, à frente em destaque marco para instalação dos trilhos da Ferrovia Norte-Sul – 2012



Fonte: trabalho de campo, abril de 2012. **Autora:** SANTOS, Hellen Cristina.

Como foi informado, a Dona Flausina mora na comunidade desde seu nascimento, casou-se e teve dez filhos que também moram no local. Sua história foi construída nesse território, é nele que ela aprendeu a viver, a se defender, a se relacionar com sua família. Os filhos e netos estão sempre reunidos, inclusive, em grandes eventos como a pamonhada ilustrada anteriormente, tradição familiar há muitos anos. Em conversa com a família, foi possível perceber e sentir o profundo sentimento de tristeza da matriarca e dos filhos

Todas as colocações evidenciadas nesse texto não pretendem negar o desenvolvimento econômico do município, no entanto, é preciso criar em caráter de emergência, medidas que viabilizem a permanência dos pequenos produtores no campo e a existência da agricultura camponesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um olhar mais criterioso sobre a Comunidade do Salgado permite visualizar um território multifacetado pelos interesses dos diversos atores que engendram sua força no jogo da economia global. Nesse caso específico, a comunidade não se encontra efetivamente aliada à produção de cana-de-açúcar para o setor sucroalcooleiro, mas está de certa forma envolvida nesse processo, por estar circundada por essa produção. Desse modo, ela se torna alvo dos conflitos e disputas territoriais engendradas pelos agentes do capital.

O contexto que envolve a Comunidade do Salgado apresenta de um lado, os produtores que lutam por melhores condições de trabalho buscando do aparelho estatal subsídios estruturais e financeiros, que lhes permitam permanecer no campo e no mercado de comercialização do seu produto. De outro, se encontram outros agentes como cooperativas, empresas privadas receptoras do leite, agentes financiadores, usinas, dentre outros. Todos ávidos por se manterem no jogo da economia. Nele impera a força hegemônica do grande capital, é ele quem regula o mercado e determina as ações estatais, sendo o Estado um aparelho que funciona a seu serviço.

No caso da Comunidade do Salgado vimos à confluência da ação de todos esses atores moldando o território, imprimindo suas marcas. Nesse contexto, os pequenos produtores, procuram se reinventar por meio da inovação de suas práticas, de modo geral, uma minoria consegue sobressair aumentando sua produção e sua lucratividade, mas a maioria consegue apenas sobreviver.

É certo que o avanço da monocultura da cana-de-açúcar na região é fruto da territorialização do capital em Goiás, mediada pelas políticas públicas empreendidas pelo Estado. Os avanços tecnológicos na agroindústria, a intensificação do mercado de etanol, as pesquisas de instituições como as da EMBRAPA, os incentivos governamentais para o setor sucroalcooleiro, as características pedológicas e topográficas (relevo plano) do Cerrado, disponibilidade de mão-de-obra barata e de terras, fazem de Goiás uma área propícia para o capital engendrar sua força.

O município de Quirinópolis entra nesse contexto, por apresentar em sua dinâmica política, econômica e territorial, parte dos fatores apresentados acima. Após o início do processo de implantação das usinas, ocorreram transformações das mais variadas. A cadeia produtiva que antes era baseada na produção de grãos está sendo, em parte, substituída pela monocultura da cana-de-açúcar. Embora não tenha ocorrido a eliminação total das lavouras de grãos no município, os diversos setores da economia trabalham para atender as demandas do

setor sucroalcooleiro e os dados comprovam a diminuição da produção de grãos. A estrutura fundiária está sendo modificada, devido às aquisições de terra e arrendamento de terras pelas usinas e seus fornecedores.

Com a entrada desse setor no município, uma nova dinâmica foi instaurada. A infraestrutura logística foi transformada com vistas a atender as necessidades desses empreendimentos. Houve a abertura de estradas para o escoamento da produção, a instalação de uma rede de serviços para atender as indústrias e a população. Políticas governamentais estão sendo implantadas tanto para atender as demandas do setor bem como àquelas que resultam do crescimento da população como segurança pública, saúde, educação, cultura e lazer.

Quanto à estrutura fundiária do município, verifica-se de fato, o monopólio da terra, de um lado pela compra da terra, tanto pela usina, quanto por produtores de cana, que adquirem terras para o cultivo de cana na condição de fornecedor para a usina. Com o arrendamento, há o domínio da terra sem a imobilização de capital para a aquisição das propriedades, mas ocorre a subordinação dos produtores às usinas, principalmente para os camponeses, que ao arrendarem suas terras, migram para a cidade e se transformam em trabalhadores assalariados a disposição, inclusive das usinas. Dessa forma, há uma concentração da terra tanto pela compra quanto pelo arrendamento, alterando-se assim a estrutura fundiária, o que tende a aumentar com a expansão futura da produção do cultivo de cana pelas usinas.

Nesse contexto, acirram as relações entre os atores hegemônicos do capital, os atores regionais representados pelas empresas e instituições que atuam em escala regional, bem como os atores locais, que atuam no município. Cada um buscando garantir seus interesses imprime suas marcas no território por meio de suas territorialidades distintas. Nessa relação dialética surgem novos territórios, novos atores e novas dinâmicas. A sociedade se vê impelida a acompanhar o desenvolvimento, com isso surge maior oferta e procura por instituições educacionais, dentro e fora do município, nas regiões circunvizinhas.

A Comunidade do Salgado, inserida nesse contexto, apresenta também uma nova dinamização, até porque está rodeada por lavouras de cana-de-açúcar. Sua área ainda não foi incorporada, por diversos fatores. Primeiro porque ela é constituída por um grupo de pessoas relativamente fortalecido, no que se refere à organização econômica e social. São produtores que a cada dia estão mais conscientes das transformações pelas quais passam o município e que por isso buscam inovar suas práticas agrícolas a fim de garantir sua sobrevivência e permanência nesse território. Segundo, porque não apresenta características pedológicas e de relevo satisfatórias para a monocultura da cana-de-açúcar. No entanto, acredita-se que no

futuro poderão surgir forças produtivas capazes de incorporar essa área.

Para permanecer no campo, os produtores da comunidade ainda não precisam resistir às pressões das indústrias para ceder suas áreas, simplesmente porque não existe essa pressão, ou seja, os proprietários até então, não receberam ofertas de arrendamento e compra de suas terras. No entanto, para permanecerem no campo produzindo leite, eles precisam enfrentar à força econômica e política do momento, pois ela gira em torno do setor sucroalcooleiro. Há relatos de que algumas famílias saíram porque não estavam conseguindo se manter produzindo, e por terem sido atraídos pela oferta de emprego das indústrias.

A importância da permanência dessas famílias no campo reside no fato delas serem fundamentais para a preservação do cerrado, uma vez que sua produção não o agride profundamente, assim como faz a monocultura da cana-de-açúcar. Outro fator relevante é a manutenção da produção leiteira, pois ela ainda gera receitas para município, e porque é preciso garantir a produção de outras atividades, para uma eventual crise no setor sucroalcooleiro.

Além disso, a renda gerada por esses pequenos produtores fica toda no município, ao contrário da que é gerada pelas indústrias agroenergéticas, pois essa fica concentrada nas mãos do pequeno grupo que detém o grande capital. Na nossa análise o fator de maior relevância para a permanência dessas famílias no campo é a manutenção dos modos de vida das famílias que residem na comunidade, é o respeito ao seu território, bem como a sua história de mais de um século de existência.

Diante dessas constatações, entram em ação os atores que buscam o fortalecimento da comunidade. Uns com o interesse de se manter atuando economicamente na escala regional, como é o caso da cooperativa Agrovale, da Casa da Abelha, das empresas que fornecem suplementos agrícolas e as que captam o leite. Outros objetivam apenas fortalecer as relações econômicas, sociais e políticas, justamente porque fazem parte da comunidade, como é o caso da associação dos produtores, e das outras lideranças políticas.

A ação desses atores molda o território. Após reconhecer as identidades, as desigualdades e as diferenças presentes nas ações dos atores que atuam na comunidade, bem como a de seus moradores, surge a nossa vista, a unidade dessa fração do território. Unidade essa, marcada por relações que se fortalecem na luta pela manutenção da permanência no território, dos modos de vida e das relações econômicas. Tais relações são efetuadas por sujeitos que já estabeleceram com o local um elo identitário forte, composto pelo sentimento de pertencer a um lugar que foi palco dos seus desdobramentos familiares e que abriga, portanto, o conjunto de elementos culturais que dão forma aos seus modos de vida.

Antes da inserção do projeto Tanque Cheio, sob coordenação da Cooperativa Agrovale, já havia na comunidade ações voltadas para o fortalecimento econômico, social e político dos moradores desse território. Essas ações eram mediadas pela Associação dos Produtores e por lideranças que buscavam desenvolver o local desde a década de 60. No entanto, foi possível perceber que após a entrada do projeto, houve uma dinamização mais intensa da produção. Isso porque os produtores que participaram, passaram a ter acesso a conhecimentos biotecnológicos e de gestão, que contribuíram muito para o aumento da produtividade.

Vale ressaltar também, a mudança de mentalidade daqueles que estavam desmotivados, a continuarem no campo, e também o fortalecimento das relações familiares, por meio da discussão de diversos temas nas reuniões. A atuação da cooperativa Agrovale dinamizou as possibilidades de inserção no mercado local, favorecendo assim tanto os agricultores, quanto a economia da região.

A continuidade do projeto por meio da Casa da Abelha se constitui numa esperança para aqueles que acreditam na proposta. De um modo geral, os depoimentos ressaltaram que a cada dia que passa está mais difícil a continuidade no campo. Então, para alguns, a atuação dessa instituição significa uma possibilidade de fortalecimento, na medida em que ela tem como propósito trabalhar a favor do produtor. Refletindo sobre algumas falas, arriscamos dizer que atualmente a comunidade demonstra uma abertura maior para a Casa da Abelha do que para a Agrovale, pois se sentem efetivos partícipes da mesma.

A relação com essa última está mais desgastada pelo tempo. Há os que reconhecem a importância que a mesma teve no desenvolvimento econômico da comunidade, mas também existem os que acreditam que assim como outras empresas, a Agrovale apenas buscou seus próprios interesses. Sobre a Casa da Abelha, o tempo nos dará a resposta.

A incorporação de novos conhecimentos biotecnológicos na produção surge dessa tentativa de fortalecer as relações econômicas e intensificar a produção. Com ela ocorre a ressignificação dos saberes tradicionais dos produtores, pois estes são pressionados a se reinventar para existir, uma vez que estão inseridos num contexto dominados e subordinados pelo agronegócio. Além disso, precisam se adequar as novas exigências no processo produtivo, estabelecidas pelas empresas que captam o leite. A incorporação desses conhecimentos biotecnológicos nas relações de produção estabelecidas no cerrado, como é o caso da comunidade, expressam a agrobiodiversidade camponesa, como fruto da interação humana com o cerrado.

No que tange a influência direta do setor sucroalcooleiro na comunidade, foi possível

perceber que a maioria das pessoas entrevistadas não sentiu ainda diretamente os impactos da produção de cana; entretanto as que possuem um olhar mais apurado, afirmaram que ela gerou problemas nas nascentes dos rios, diminuindo o nível da água, as estradas que foram abertas para o transporte da cana são deterioradas pelo intenso fluxo de caminhões usados para escoamento, e outros problemas ambientais como o desmatamento e a perda de biodiversidade, afetando a Comunidade.

Houve também a reclamação quanto aos venenos utilizados na produção, pois quando os produtores fazem o combate às pragas nas lavouras de cana-de-açúcar, esses venenos chegam a atingir a área da comunidade, afetando assim o gado, o pasto e a qualidade de vida dos moradores. Essa atividade é apontada como a grande responsável pela extinção das lavouras de culturas anuais no município, e conseqüentemente na comunidade.

O grande problema apontado por vários produtores é a falta de mão-de-obra para trabalhar nas propriedades. Apesar da cana não ter chegado à comunidade, ela arrebanhou áreas que ficam bem próximas a ela, ocasionando a saída de pessoas que arrendaram suas terras para as usinas. Houve a migração dessas pessoas para a cidade, muitas que foram pressionadas pela cana não resistiram e cederam suas terras, alguns ainda estão ilhados, mas sofrem fortes conseqüências por terem como vizinhos bem próximos canaviais extensos e robustos. Essa saída, fez com que muitas pessoas que trabalhavam nas propriedades vizinhas, deixassem seus empregos para ir para a cidade. Outro aspecto que deve ser ressaltado é que muitos filhos dos produtores da própria comunidade e das vizinhas são atraídos pelo trabalho nas usinas motivados pela possibilidade de ascensão salarial e profissional.

Outro problema bastante relevante é que essa saída de pessoas do campo para a cidade está ocasionando a perda do número de alunos da escola que fica na Comunidade do Salgado. Houve uma diminuição considerável nos últimos anos, fato que tem preocupado a Coordenação Pedagógica, pois já se teme inclusive o fechamento da escola, o que seria uma perda enorme para a população que ali vive.

Algumas pessoas perceberam que devido à diminuição do contingente populacional nas regiões vizinhas, o poder público vem diminuindo as ações para o Salgado. Para eles, o poder público não está dando as pessoas que estão ficando no campo a devida atenção, porque o número de pessoas diminuiu e conseqüentemente a demanda e as cobranças também.

Com o cultivo da cana-de-açúcar, surgiu uma mosca que se desenvolve na vinhaça, subproduto da cana. Essa mosca aloja-se no gado, alimenta-se de sangue e sua picada dolorida irrita o animal, deixa-o estressado, o que causa emagrecimento, diminuição da produção de leite, com o stress “esconde o leite” provocando mastite, afetando a qualidade do produto. Os

produtores têm dificuldade em plantar cana para alimentar o gado no período da seca, porque os canaviais vizinhos são infestados pela broca da cana, que afeta também a plantação na comunidade.

Todos os fatores apresentados no decorrer desse texto reforçam as questões atuais que envolvem o uso do cerrado. As disputas territoriais intensificadas pelo jogo da economia global e mediadas por diversos atores encontram resistências nas comunidades locais, na medida em que essas retomam suas ações para inovação de suas práticas e fortalecimento de suas relações. Nesse contexto, a Comunidade do Salgado, ressignifica seus saberes, impõe novos ritmos, assume novas posturas e altera seus modos de vida, como fruto da dinâmica na qual está inserida. Nela permanece o desejo, a busca e a espera por um novo tempo marcado pelo desenvolvimento econômico, social e político e pela preservação do Cerrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Tantos Cerrados**. Goiânia: Vieira, 2005.

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: **Fontes Históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

ALBAGLI, Sarita. **Geopolítica da Biodiversidade**. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1998. 276 p.

CAMPOLIN, Aldalgiza Inês. **Abordagens qualitativas na pesquisa em Agricultura Familiar** – Corumbá: Emprapa Pantanal, 22p. 2005. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/DOC80.pdf>; Acesso em: 6 março.2012.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CALÇA, M. **Territorialização do capital: Biotecnologia, biodiversidade e seus impactos no Cerrado**. Revista Ateliê Geográfico. Goiânia, Vol. 1, Número 9, fev/2010. Número Especial. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/9388/6469>. Acesso em: 25 de novembro de 2010.

_____.; **Abordagem sobre a Territorialização do Capital no Cerrado**. In: IX Encontro Nacional de Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ANPEGE, 2011, Goiânia – GO.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **CERRADO E TERRITÓRIO: conflitos socioespaciais na apropriação da Biodiversidade – os povos indígenas Karajás, Aruanã-Go**. Goiânia, Vol. 1, Número 9, fev / 2010. Número Especial. Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/9388/6469>; Acesso em: 02 de dezembro de 2010.

_____.; CALAÇA, Manoel.; **Por uma abordagem territorial do cerrado goiano.** COSTA, Achyles Barcelos.; COSTA, Beatriz Morem.; Cooperação e Capital Social em Arranjos Produtivos Locais. 2005. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A113.pdf>. Acesso em: 05 de julho de 2011.; p.16.

DIEGUES, Antônio Carlos. (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** (2001, 211p.) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/arquivos/saberes.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2010.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa:** reflexões sobre o trabalho de campo. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Caderno de Revistas, n. 115, p. 139-154, março/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>; Acesso em: 6 março. 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia de territórios.** In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. SAQUET, M.A.; SPOSITO, E. S. (Orgs). 1º ed. Ed: Expressão Popular, São Paulo, 2009.

FOUCOULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 26º Ed. 295p. Ed: Paz e terra, São Paulo, SP.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre, 2004.

INOCÊNCIO, Maria Erlan. Tese de doutorado: **O Prodecer e as tramas do poder na territorialização do capital no cerrado**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás.

LIMA, Wellington Matos de. **A indústria do Leite em Goiás**. *Conjuntura Econômica Goiana*. Goiânia, SEPLAN – Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. Boletim Trimestral, n. 6, p.16-23, nov. 2005.

MAIA, Lucas dos Santos.; **O conceito de território e o fetichismo do poder**. In: Ateliê Geográfico, UFG. 2010.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura do capital e do trabalho no capital do Sudoeste goiano**. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia- UNESP - Presidente Prudente – SP, 2004.

PAULINO, Eliane Tomiasi; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

QUEIROZ, Tânia Márcia Ferreira Gonçalves. **Incidência populacional da mosca-dos-estábulo *Stomoxys calcitrans*, Linnaeus, 1758 (Díptera: Muscidae) associada a plantações de cana-de-açúcar e usinas sucroalcooleiras no município de Araçatuba, SP**. 59 p. Araçatuba, SP.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RESENDE, Isa Lúcia de Moraes. Et al.; **Flora e Fauna do município de Quirinópolis, Goiás**. In: Quirinópolis: Mãos e olhares diferentes (1832-2010).; Urzedo, Maria da Felicidade Alves. (Org). Goiânia: kelps, 2010, 750 pg.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direito dos agricultores**. São Paulo: Perópolis, 2009. 517p.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre o território**. 1° ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 200p.

_____.; **Por uma abordagem territorial**. In: Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.; SAQUET, M.A.; SPOSITO, E. S.; (Orgs).; 1° ed. Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SANTOS, R.; MENDONÇA, M. R. **Antes de Tudo um Forte: a existência e (re) existência dos Povos Cerradeiros frente as tramas do capital**. (2005, 10p). Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/Rodrigo%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2010.

SANTOS, F. S. M. dos.; ZAINE, J.E.; SANTOS, G.C. dos.; **Caracterização Geoambiental do Município de Quirinópolis**. In: Quirinópolis: Mãos e olhares diferentes (1832-2010).; Urzedo, Maria da Felicidade Alves. (Org). Goiânia: kelps, 2010, 750 pg.

SANTOS, Milton.; **Território e Sociedade**. 1° ed: abril de 2000.; Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo - SP.

_____.; **O dinheiro e o território**.; In: Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3° ed. Ed: Lamparina. São Paulo, 2007.

SANTOS, Gilberto Celestino dos. Tese de doutorado: **Análise da dinâmica territorial em Quirinópolis (GO)**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Carlos Alberto Franco. **Fronteira agrícola capitalista e ordenamento territorial.** In: Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial / Milton Santos [ET AL]. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. 3ed. 416p.

TERENCE, A.C.F; FILHO, E.E.; **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa ação nos estudos organizacionais.** XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil.
Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR540368_8017.pdf>
Acesso em: 12 jan . 2012.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. (1978) **Colonos do vinho**, Hucitec, São Paulo.

VENTURA, Magda Maria. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Revista Socer, 2007.

VIANA, Nildo. **A Consciência da História:** ensaios sobre o materialismo histórico dialético. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007a.

ZOCCAL, R.; SOUZA, A.D.; GOMES, A.T.; LEITE, J.L. **Produção de Leite na Agricultura Familiar.** Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/12/09O433.pdf>.; Acesso em: 02 de fevereiro de 2011.

Zoneamento Agroecológico da Cana-de-açúcar. Disponível em:
http://www.cnps.embrapa.br/zoneamento_cana_de_acucar/ZonCana.pdf Acesso: 20 out. 2012

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA I E S A

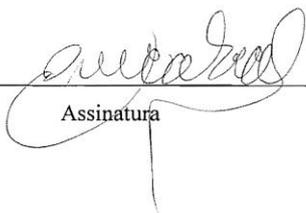


Pesquisa: A Ressignificação dos Saberes Tradicionais dos Produtores da Comunidade do Salgado, no Contexto da Expansão da Fronteira Agrícola em Goiás.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu FRANCISCO FLORESTA MARTINS CABRAL autorizo que as informações por mim concedidas à mestranda Hellen Cristina dos Santos em observações de campo, em entrevista gravada e questionário sejam utilizadas na dissertação de mestrado, assim como em artigos a serem publicados em periódicos e eventos científicos. Fui informado(a) que a pesquisa objetiva estudar a resignificação dos conhecimentos tradicionais dos produtores da comunidade do Salgado, no contexto da Expansão da Fronteira Agrícola em Goiás. Estou ciente que a minha identidade pode ser revelada, bem como minha imagem obtida por fotografia, de acordo com a necessidade da pesquisa.

Goiânia, 06 de Abril de 2012.


Assinatura

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA I E S A



Pesquisa: A Ressignificação dos Saberes Tradicionais dos Produtores da Comunidade do Salgado, no Contexto da Expansão da Fronteira Agrícola em Goiás.

QUESTIONÁRIO

1. Nome: Cláudio Alves Ferreira Idade: 44 anos Naturalidade: Uirapuru
2. Há quanto tempo mora na Comunidade do Salgado? Há 44 anos
3. Está satisfeito em morar nela? Muito satisfeito Mais ou menos satisfeito Não satisfeito
Por quê? Porque foi aqui que cresci e formei a minha família
4. Deseja que seus filhos permaneçam na Comunidade do Salgado? SIM NÃO
5. Para você, quais as maiores dificuldades enfrentadas hoje pelos moradores da Comunidade do Salgado? A conservação das estradas e agora a construção da favela que está acabando com o nosso meio.
6. Como você considera a relação do Poder Público com a Comunidade do Salgado?
 Ótima Boa Regular Ruim. Por quê? Falta mais compreensão
7. Qual a sua condição em relação à terra: proprietário arrendatário outros
8. Qual o tamanho de sua propriedade? 16 hectares
9. O que o senhor (a) produz nela? Leite
10. O que é produzido para consumo? Frutas, verduras, galinhas, porcos etc.
11. O que é produzido para comercializar? Leite
12. Em relação à produção de leite, responda:
 - a) Para quais ou qual empresa (s) é vendido o Leite? Italac
 - b) Já vendeu para outras empresas? Quais? Sim, Nestlé, Parmalat e Queijaria
 - c) Quantos litros de leite produz por dia? 200 litros d) Qual o preço atual? R\$ 0,92
 - e) Quantas cabeças de gado existem na propriedade? 30 . Quantas estão produzindo leite? 23
13. Em relação a forma que utiliza para produzir o leite, responda:
 - a) O gado fica solto no pasto? SIM NÃO
 - b) Trabalha com Piquet Rotacionado? SIM NÃO. Quantos? não possui
 - c) O que o senhor utiliza para alimentar o gado? Casquinha
 - d) Na época da seca utiliza a cana-de-açúcar para alimentar o gado? SIM NÃO.
 - e) No último ano, qual foi a área plantada de cana-de-açúcar para alimentar o gado? não tem plantação
 - f) Qual o procedimento que utiliza para cuidar do gado? medicação, tratamentos, sais, combates etc.
 - g) Qual o procedimento que utiliza para cuidar da cana-de-açúcar?

não, possui cama-de-açúcar.

b) Quais suplementos agrícolas o senhor (a) utiliza na produção de leite?

Cosquinha, ração

i) Onde eles são adquiridos? Rio Verde e Quirinópolis.

j) Existe na sua propriedade tanque de expansão para armazenar o leite? (/) SIM (X) NÃO

14. Participa da Associação dos Produtores de Leite da Comunidade? () SIM (X) NÃO

15. É cooperado de alguma cooperativa? () SIM (X) NÃO. Qual? . Está satisfeito com os serviços prestados por ela? () SIM () NÃO.

16. Participa da Casa da Abelha? () SIM (X) NÃO. Em relação a Casa da Abelha, o senhor (a) está: () Muito satisfeito; () Mais ou menos satisfeito () Não está satisfeito.

Porque?

18. O senhor (a) utiliza algum financiamento bancário para produzir? () SIM (X) NÃO.

19. Com qual cidade o senhor (a) e sua família se relaciona mais:

(X) Quirinópolis () Rio Verde .

20. O que o senhor busca nessa cidade?

Coisas para consumo alimentos e higiene

21. Para você, houve mudanças na Comunidade do Salgado após a entrada da produção de cana-de-açúcar em Quirinópolis? (X) SIM () NÃO. Se houve mudanças, responda quais foram elas:

estradas ruins e matos desmatados.

22. Faça um relato de tudo que você e sua família sabe sobre a história da Comunidade do Salgado, desde o seu surgimento.

O que eu sei é que a Comunidade do Salgado passou a ser chamada por esse nome porque um caminhão havia tom toda a dentura de um córrego e esse caminhão transporta va sal por isso Salgado.

Eu, Celismar Alves Ferreira autorizo a divulgação das informações prestadas por mim neste questionário, bem como a utilização do meu nome na dissertação, caso seja necessário.

Assinatura do Participante: Celismar Alves Ferreira . Muito Obrigada!